



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

EIDER DE OLIVINDO CAVALCANTE

**MODERNIZAÇÃO SELETIVA DO LITORAL: CONFLITOS, MUDANÇAS E
PERMANÊNCIAS DA LOCALIDADE DO CUMBUÇO (CE)**

FORTALEZA
2012

EIDER DE OLIVINDO CAVALCANTE

**MODERNIZAÇÃO SELETIVA DO LITORAL: CONFLITOS, MUDANÇAS E
PERMANÊNCIAS DA LOCALIDADE DO CUMBUCO (CE)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Ambiental e Territorial do Nordeste Semiárido.

Orientador: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva

FORTALEZA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

-
- C364m Cavalcante, Eider de Olivindo.
Modernização seletiva do litoral: conflitos, mudanças e permanências da localidade do Cumbuco (Ce) / Eider de Olivindo Cavalcante – 2012.
138 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Dinâmica Ambiental e Territorial do Nordeste Semiárido.
Orientação: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.
1. Modernização estratégica - Ceará 2. Litoral - Turismo. 3. Comunidade litorânea. I. Título.

EIDER DE OLIVINDO CAVALCANTE

**MODERNIZAÇÃO SELETIVA DO LITORAL: CONFLITOS, MUDANÇAS E
PERMANÊNCIAS DA LOCALIDADE DO CUMBUCO (CE)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Ambiental e Territorial do Nordeste Semiárido.

Orientador: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Márcio Piñon de Oliveira
Universidade Federal Fluminense (UFF)

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João e Joselita, e irmãos, Eduardo e Erivan, pelo apoio incondicional e permanente.

À Nahyane Nogueira, que com amor e paciência tem compartilhado comigo cada momento.

Aos queridos amigos Rodrigo, Priscila, Átila, Josué, Jucier, Anita, Jean, João Vitor, Thamires, André, Pacelli, Alex, Edivânia, Jefferson (Gg), Jefferson (Saigon). Com toda certeza, as linhas aqui escritas revelam um pouquinho de cada um deles.

Ao professor José Borzacchiello da Silva, pela orientação que conciliou a liberdade necessária com um leque de contribuições certeiras.

À professora Ana Matos, minha primeira orientadora ainda no período da graduação, que desde os primeiros encontros já destacara a importância da questão do método. Agradeço, também, pela importante ajuda na banca de qualificação.

Ao professor Eustógio Dantas, pelas contribuições ao longo do percurso, na ministração da disciplina, na participação na banca de qualificação e na defesa desta pesquisa.

Ao professor Márcio Piñon, pela leitura e pelo comentário detalhado do trabalho, procurando revelar todo o percurso teórico-metodológico e tecendo considerações que contribuíram significativamente com o trabalho.

Ao professor Christian Dennys, pelo considerável auxílio na qualificação.

À professora Maria do Céu, pelo incentivo e pela participação colaborativa durante a disciplina.

À querida professora Cláudia Grangeiro e aos amigos Thiago, Rose, Adriana, Samuel, Jorge, Érika, Heron, Yara, Bruno, Ícaro, Lânia, Cris, Val, Danilo, Minarete, entre outros, pela construção conjunta do PET Geografia da Universidade Estadual do Ceará

durante a graduação. Agradeço pelas inesquecíveis e saudosas atividades compartilhadas, como grupo de estudos semanais, eventos, oficinas, trilhas, que muito contribuíram para minha formação pessoal e intelectual.

A todos os membros do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), pela grata recepção e apoio durante esses dois anos de pesquisa. Um agradecimento especial à professora Clélia Lustosa e aos bolsistas Enos, Bruno, Eciane, Marlon, Cleiton, Raquel, Natacha, Claudiana, Ana, Rodolfo e Edson.

Aos companheiros de colóquios de orientação, Jionaldo, Alexsandra, Firmiana, Emília, Cícero, entre outros já mencionados, que compartilharam importantes momentos da pesquisa.

Aos estimados Dennys, Breno, Rômulo, Pedro, Thiago, Régia, Michel, Amsterdam, Heitor, Diego, Luiz, Luana, Edna, Kamilla, Jardélia, entre tantos outros que, com sorrisos, conversas e gargalhadas, ajudaram na ambientação ao “mundo novo”: a UFC.

Aos amigos, de modo geral, pela paciência em minhas ausências e pelo apoio nos momentos mais importantes.

À Maria Elia, que me concedeu sua dissertação de mestrado e uma cópia da valiosa monografia de Elisabeth Pinho, a qual já não mais se encontrava arquivada na biblioteca.

Aos cumbuqueiros e cumbuqueiras, que sempre nos receberam tão bem durante o longo processo desde quando que ainda éramos os “Meninos da Universidade” até o momento em que já nos tratavam pelos próprios nomes.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo financiamento da pesquisa.

“O desenvolvimento, destituído em sua plenitude, implica um enriquecimento, uma complexificação *sem redução* das relações sociais. É (e não pode ser outra coisa) *qualitativo*. Implica a *criação* de formas de vida social, “valores”, modos de vida, estilos, em uma palavra, diferenças.”

Henri Lefebvre

RESUMO

A presente pesquisa procura tornar inteligível a modernização *estratégica e seletiva* do estado do Ceará a partir do que se denominou *vetores de modernização*, focalizando principalmente a modernização do litoral que se realiza, principalmente, por meio do turismo e da urbanização. Até os finais da década de 1970, que marcaram o surgimento dos primeiros conflitos com especuladores imobiliários e grileiros, o litoral do Ceará representava um *sinônimo de liberdade* para remanescentes indígenas e outros agrupamentos humanos que historicamente habitaram o litoral ou que decidiram migrar, fugindo de conflitos agrários e de outros processos que *funcionalizavam* fortemente outras particularidades do estado. Entretanto, no contexto da busca de novos territórios e setores para a acumulação capitalista, como também da subordinação do tempo livre e das demais relações sociais que escapavam à lógica da (re)produção das relações sociais de produção capitalistas, o litoral passou a ser fortemente funcionalizado como *território turístico*. Tal fato motivou uma situação atual em que as possibilidades de *apropriação* encontram-se cada vez mais sufocadas pelo conflito com a *dominação* do aparato estatal-empresarial. Nesse contexto, destacou-se a localidade do Cumbuco — histórica comunidade pesqueira marítima localizada no município de Caucaia — enquanto recorte espacial, procurando compreender os conflitos, as mudanças e as permanências da localidade diante da referida modernização. O foco central do trabalho é a mudança do modo de vida no/do Cumbuco, modo que até décadas passadas era caracterizado pelo tempo lento, pelas atividades ligadas a pesca artesanal, confecção de bordados, labirintos e crochês, cultivo de vazante, religiosidade, e por todo um leque de práticas e representações de mundo. No desenrolar histórico, entretanto, esse *modus vivendi* foi subordinado à lógica da mercadoria e estilhaçado em vários percursos e atrações para turistas, veranistas e investidores. Com a forte ação dos especuladores imobiliários e o elevado preço da terra, observou-se, também, a re-territorialização de parte dos cumbuqueiros no Parazinho — uma ocupação precária sobre o campo de dunas, oriunda da saída de pescadores e/ou filhos de pescadores de suas antigas residências. Nesse sentido, entendendo que a discussão está longe de ser esgotada e que a processualidade histórica nunca finda, procura-se contribuir com alguns subsídios para o entendimento da modernização do litoral cearense, sobretudo do Cumbuco.

Palavras-chave: Comunidade. Modernização. Permanências. Transformações.

ABSTRACT

This current research seeks to make understanding the *strategic* and *selective* modernization of the state of Ceará from what was called *vectors modernization*, focusing mainly the modernization of the coast that is realized, mainly, through tourism and urbanization. Until the end of 70s, which marked the emergence of the first conflicts with real estate speculators and land grabbers, the coast of Ceará represented a *synonym of freedom* for remaining indigenous and other human groups that historically inhabited the coastal or decided to migrate, fleeing from agricultural conflicts and other processes that strongly *functionalized* other particularities of the State. However, in the context of looking for new territories and sectors to capitalist accumulation, as well as subordination of free time and social relationships that escaped the logic of (re)production of social relations of capitalist production, the coast has been heavily functionalized as *tourist territory*. This fact motivated a current situation whose the possibilities of *appropriation* are increasingly suffocated by the conflict with the *domination* of state-business apparatus. In this context was stood out the locality of Cumbuco— a historic maritime fishing community situated in the county of Caucaia — while spatial clipping, trying to understand the conflicts, changes and permanencies of the locality in relation the said modernization. The central aim of this work is to investigate about the lifestyle changes in/of Cumbuco, which during the last decades was characterized by slow time, activities related of handmade fishing, embroidery, laces of labyrinth and crochet, cultivation of ebb, religiosity, and a whole range of practices and representations of the world. However, in the course of history, this *modus vivendi* was subordinated to the logic of the merchandise and splintered on several routes and attractions for tourists, vacationers and investors. With the strong action of the real estate speculators and high price of the land, it was also noted a re-territorialization of some cumbuqueiros in Parazinho — a precarious occupancy on dune fields, as a result of the exit of fishermen and/or fishermen's children from their former houses. Thus, understanding that there is much to discuss over this issue and that the historical processuality never ends, this research seeks to contribute with some subsidies to understand the modernization of the coast of Ceará, especially Cumbuco.

Keywords: Community. Modernization. Permanencies. Transformations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casas de veraneio oriundas do Loteamento Praia do Cumbuco	30
Figura 2 – Novos empreendimentos no Cumbuco	31
Figura 3 – Casa vendida no valor de R\$ 350 mil	32
Figura 4 – Moradia dos cumbuqueiros	33
Figura 5 – Kariri Beach Hotel	36
Figura 6 e 7 – Residência abandonada e ruínas da cidade cenográfica da novela Meu bem-querer	38
Figura 8 – Reflorestamento do Cumbuco	39
Figura 9 – Vila Galé Cumbuco	40
Figura 10 – Casa antiga do Cumbuco	44
Figura 11 – Escola antiga do Cumbuco	45
Figura 12 – Vista aérea do Cumbuco em 1988	51
Figura 13 – Casa original	52
Figura 14 – Planta da Vila do Cumbuco	53
Figura 15 – Frente e verso do folder de divulgação do Loteamento Praia do Cumbuco	55
Figura 16 e 17 – Centro de Apoio ao Turismo e placa da reforma da Praça do Cumbuco ..	76
Figura 18 e 19 – Obras de Saneamento e Construção da rodovia de acesso	77
Figura 20 – Trecho V do Eixão das Águas	78
Figura 21 – Fachadas em inglês	86
Figura 22 e 23 – Passeio a cavalo em 2010 e passeio de carroça em 1979	88
Figura 24 – Crianças brincando com uma barra de Kitesurf amarrada a uma árvore da Praça do Cumbuco	89
Figura 25 – Parazinho	103
Figura 26 – Cabanas do Hotel Saint Tropez des Tropiques	112

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Particularidades do Cumbuco	28
Mapa 2 – Localização do Parazinho	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de empregos formais do Município de Caucaia.....	21
Quadro 2 – Praias cearenses preferidas pelos turistas*.....	23
Quadro 3 – Meios de hospedagem – Cumbuco 2009	24
Quadro 5 – Municípios com maior número de domicílios de uso ocupacional	26
Quadro 6 – Principais ações do Prodetur em Caucaia	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra de preços das hospedagens em novembro de 2010*	25
Tabela 2 – Renda total familiar do cumbuqueiros.....	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Divisão dos lotes originais	33
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEAP – Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

PROZEE – Fundação de Amparo à Pesquisa de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

UTP – Unidade Territorial de Planejamento

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

BNB – Banco do Nordeste do Brasil

SETUR – Secretaria do Turismo do Ceará

ICT – Índice de Centralidade Turística

PRODETUR – Programa de Desenvolvimento do Turismo

CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente

PSF – Programa de Saúde da Família

EJA – Educação de Jovens e Adultos

COOPERVANS – Cooperativa dos Transportes Alternativos e Vans de Caucaia

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável

IME – Instituto Militar de Engenharia

SUNAB – Superintendência Nacional de Abastecimento

UFC – Universidade Federal do Ceará

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

PRODETURIS – Programa de Desenvolvimento do Turismo no Litoral Cearense

PIDT-CE – Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado do Ceará

PLANDEB – Plano de Desenvolvimento do Estado da Bahia

CODITUR – Companhia do Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará

BTL – Bolsa de Turismo de Lisboa

FIT – Feira Internacional de Turismo da América Latina

FITUR – Feira Internacional de Turismo de Madrid

ITB – Bolsa Internacional de Turismo de Berlin

BIT – Bolsa Internacional de Turismo de Milão

SIG – Sistema de Informações Geográficas

CENTEC – Instituto Centro de Ensino Tecnológico

CIPP – Complexo Industrial e Portuário do Pecém

KPWT – Kiteboard Pro World Tour

GPS – Sistema de posicionamento global

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CUMBUCO: ENTRE O FORMAL E O HISTÓRICO	20
2.1 Manifestação aparente	20
2.2 Trilhas da formação territorial (1920–1990)	41
3 CUMBUCO: ENTRE O LOCAL E O GLOBAL	58
3.1 Construção dos fios condutores.....	58
4 CUMBUCO: ENTRE O REPETITIVO E O MUTÁVEL	80
4.1 Trilhas da apropriação e da dominação	80
4.2 Parazinho e a i-mobilidade.....	97
4.3 Da “invenção” à superação do Cumbuco.....	108
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICES	135
ANEXOS	137

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo mar surgiu-me ainda na infância — década de 1990 —, desde os primeiros mergulhos nas águas da praia da Barra do Ceará em Fortaleza, um dos principais destinos dos moradores de bairros periféricos da cidade quando desejavam passar seu raro e precioso tempo livre sob o sol e o mar. Lembro bem que nos finais de semana havia linhas de ônibus que ligavam diretamente o Grande Bom Jardim — bairro em que moro até o presente momento — até a citada praia, propiciando-nos bons momentos de descontração e, de certa forma, a garantia de estarmos longe das praias frequentadas pela população mais abastada da cidade.

As descrições de Linhares (1992) sobre os frequentadores da praia da Barra do Ceará trazem também boas recordações dos copinhos de parafina vermelha que as mulheres compravam para se bronzear, como também das farofas de frango que minha querida mãe sempre levava para garantir minha alimentação e a de meus irmãos. No entanto, já no período da adolescência — no início dos anos 2000 —, nossa família começou a frequentar outras praias, principalmente a do Cumbuco e a de Sabiaguaba, esta última por vezes inviabilizada pela distância do nosso local de morada. Ficava para Cumbuco nossas aspirações de descanso e lazer asseguradas tanto pela localização do ponto final de uma linha de ônibus do sistema de transporte rodoviário urbano do município de Caucaia, relativamente próximo de minha casa, quanto pelo Fusca 1978 adquirido por meu pai.

A beleza do litoral de Caucaia se destacava sempre, principalmente a foz do Rio Barra Nova — situada entre as localidades de Icaraí e Tabuba — e a majestosa praia do Cumbuco, a qual me trazia, ao mesmo tempo, certa curiosidade sobre aqueles quarteirões amontoados da Vila Cumbuco, que se diferenciavam fortemente das ocupações em seu entorno, e sobre a grande quantidade de estrangeiros que frequentavam a praia. Mas nada que me provocasse uma reflexão maior sobre essas condições.

No período da graduação (2006 – 2010), ainda corriqueiramente frequentando o Cumbuco como opção de lazer, causou grande surpresa a quantidade de praticantes de Kitesurf, os quais a todo o momento cruzavam as águas em alta velocidade, por pouco não se chocando com os banhistas. Nesse contexto, a curiosidade para com o Cumbuco começou a amadurecer quando uma amiga da graduação fez um comentário sobre a ocupação no

Parazinho — localizada no campo de dunas móveis da localidade da Tabuba — e formada principalmente por cumbuqueiros¹ que saíram de seu local de origem.

Naquela ocasião, foi recebido o convite pela colega para conhecer a realidade do Parazinho e ter uma conversa com o presidente da Colônia de Pescadores Z-7, do Cumbuco. Num primeiro momento, organizaram-se algumas atividades em conjunto com a citada colônia e posteriormente nasceu o interesse de realizar uma análise mais apurada da realidade local. Apesar da existência de trabalhos profícuos sobre o turismo no Cumbuco, ainda careciam análises sobre a vida naquela vila que até então enxergávamos romanticamente como uma comunidade pesqueira marítima, embora entendida como precária no sentido de densidade de suas relações sociais.

Esses fatos motivaram a realização de uma pesquisa sobre a localidade, o que levou ao ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará no segundo semestre do ano de 2010. A dissertação que ora se apresenta é resultado de uma pesquisa que intenta compreender os conflitos, as mudanças e permanências do Cumbuco diante da modernização seletiva do litoral cearense², que traz consigo uma série de contradições capitaneadas principalmente pelo turismo e pela urbanização.

O trabalho concentra-se na mudança do modo de vida no/do Cumbuco, que até decênios passados era caracterizado pelo *tempo lento*³, pela predominância da pesca artesanal; pela confecção de bordados, de labirintos e crochês; pelo cultivo de vazantes; pela religiosidade, e por todo um leque de práticas e representações de mundo. No desenrolar histórico, entretanto, esse *modus vivendi* foi subordinado à lógica da mercadoria e *estilhaçado*⁴ pela força do espaço abstrato. Todavia, mesmo que o olhar esteja voltado sobretudo para os cumbuqueiros, tenciona-se obter um entendimento do Cumbuco por inteiro, particularmente no tocante a sua inserção na modernização seletiva do litoral cearense.

No intento de construir uma pesquisa de caráter qualitativo, mesmo que permeada também da análise quantitativa, utilizou-se a *observação ativa* de Haguette (1997), com base na vivência com a vida no Cumbuco, participando das reuniões da colônia; da festa do padroeiro; da comemoração do aniversário da vila de pescadores; de algumas intervenções

¹ Como são conhecidos os “nativos” do Cumbuco.

² Modernização entendida não somente no sentido das transformações no âmbito econômico e político — ver Berman (1986) —, mas em todos os âmbitos da *produção social* que levam o litoral cearense a adentrar as entranhas dessa *modernidade anômala*, como diz Martins (2000).

³ O tempo da vida “que se realiza pelos diversos modos de *apropriação*” (CARLOS, 2007, p. 65 – grifo nosso).

⁴ Ver Lefebvre (2008).

culturais; de atividades com a associação. Não se deixou também de caminhar atento nas areias do Cumbuco, e de encetar conversas informais durante os períodos de estada no local. Entretanto foi fundamental, também, um momento de *distância crítica* para que a vivência não acabasse cegando o pesquisador (LEFEBVRE, 1991, p. 82).

Tomando como base a orientação da *entrevista centrada* de Haguette (1997) e da *entrevista em profundidade* de Minayo (2008), pôde-se construir juntamente com a Colônia de Pescadores o documentário “Cumbuco: um convite à história”, que fora apresentado no dia do aniversário de construção Vila do Cumbuco, ocorrido em janeiro de 2011. Tais entrevistas, aliadas aos valiosos documentos conseguidos com a colônia e o trabalho de Pinho (1981), foram primordiais tanto para a decomposição da descrição da manifestação formal do Cumbuco e seguir caminho por sua formação territorial quanto para a obtenção das pistas da coexistência de tempos históricos do Cumbuco contemporâneo.

Em junho de 2011, realizou-se novamente uma atividade em conjunto com a colônia, que foi a aplicação de 62 questionários⁵ com o intuito de entender um pouco mais da realidade das famílias de Cumbuqueiros que ainda residem no Cumbuco. Esse entendimento englobou principalmente a averiguação da quantidade de famílias que ainda sobrevivem da atividade da pesca, a análise da procura pela compra das moradias dos cumbuqueiros, a verificação de quais famílias venderam parte dos lotes originais ou cederam partes dos mesmos para os filhos que formaram família e, ainda, a apuração da saída desses filhos para outras localidades. Ressalta-se, todavia, que não será dedicado um subcapítulo específico para a análise dos dados oriundos do questionário, os quais serão apresentados de forma diluída no texto.

Nesse sentido, o trabalho, no decorrer dos meses, passou por um constante processo de depuração, delimitando a análise, definindo variáveis, fazendo alguns cortes e descobrindo novos caminhos, como, por exemplo, a escolha de se trabalhar com o conceito de território, que não estava previsto no projeto inicial, mas que acabou se tornando primordial após o aprofundamento de algumas leituras, com os primeiros trabalhos de campo e com os colóquios de orientação.

⁵ Importante destacar a ressalva de que o questionário resultou de uma ação consorciada com a Colônia Z-7 do Cumbuco, em que algumas das informações obtidas visavam a realização de uma atividade da colônia, sem apresentar uma relação direta com a pesquisa, razão por que elas não serão apresentadas no presente texto.

Por fim, cabe expor que na construção deste presente trabalho houve uma preocupação com a exposição dos resultados da pesquisa e a consequente organização dos capítulos, sendo necessário informar ao leitor as orientações teóricas empregadas a fim de não gerar dúvidas ou confusões no decorrer da leitura.

A pesquisa intenta, mesmo com dificuldades, apoiar-se no método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre na tentativa de uma aproximação⁶ da realidade do Cumbuco, procurando lançar mão de um processo de *travessia* que percorra os caminhos do presente ao passado e do presente ao possível, considerando os vários *momentos* do real, buscando chegar ao espaço geográfico e seu conteúdo.

Nesse sentido, acreditando que — mesmo diante das diferenciações — haja uma combinação entre o método de investigação e o de exposição⁷, pretende-se distinguir os *momentos* da realidade do Cumbuco, retomando cada debate apresentado anteriormente e *integrando-o* com novos atributos, elevando-o a um patamar superior (LEFEBVRE, 1987). Damiani, considerando que cada momento contém o outro como ausência, afirma que “[...] é como se retomasse o que foi dito e se o restituísse num outro sentido. Somado não só temas, mas, especialmente, perspectivas de análise do mesmo tema” (DAMIANI, 1993, p.315).

Assim, no segundo capítulo⁸ apresenta-se o Cumbuco em sua manifestação aparente e imediata⁹. Esse primeiro momento é a própria descrição empírica do Cumbuco¹⁰, primeiramente com base em dados referentes às suas características gerais, passando pela análise de sua relevância no turismo cearense, apresentando, também, dados referentes às segundas residências e culminando na descrição de sua ocupação. Ainda nesse capítulo, inicia-se, mesmo que ainda de forma incipiente, o processo de *decomposição* dos fatos que se mostravam sincronicamente no momento inicial, no intuito de dar um primeiro passo ao entendimento das *temporalidades da história*, que se dará somente no quarto capítulo. Nesse sentido, vários assuntos abordados nesse segundo capítulo, muitas vezes de forma apressada, serão retomados nos capítulos subsequentes, mas rearticulados com novas construções teóricas e empíricas.

⁶ Acredita-se que a atividade transformadora do homem nunca finda e que o conhecimento tem no máximo o poder de *aproximação* da concretude, tensionando suas múltiplas determinações.

⁷ Como ensina Martins (1996) e Fausto (1997).

⁸ O primeiro capítulo é constituído da presente introdução.

⁹ Complexidade horizontal (LEFEBVRE, 1986a).

¹⁰ Para Lefebvre (2008, p. 43, grifo nosso), “[...] o espaço social é um produto da sociedade, constatável e dependente, antes de tudo, da constatação, portanto, da *descrição empírica* antes de qualquer teorização”.

No terceiro capítulo, com fundamentação no aporte teórico construído e com a base oferecida no capítulo anterior, elaboram-se *fiões condutores* que possibilitem a articulação do fenômeno local com suas *ordens distantes*, no caso, por intermédio do diálogo com a modernização seletiva do litoral, na busca constante de novos territórios e setores para a reprodução capitalista. E por meio dessa articulação com ordens as mais longínquas, teoricamente informadas, começa-se a tornar inteligível toda a realidade do Cumbuco caracterizada no capítulo anterior.

O quarto capítulo volta-se novamente às ordens próximas do Cumbuco, não obstante integrado com uma multiplicidade de elementos que contribuem para a compreensão de seu conteúdo, percorrendo os caminhos do repetitivo e do mutável da vida dos cumbuqueiros, recuperando a *unidade* entre o sincrônico e o diacrônico que, na aparência, encontravam-se separados¹¹. O capítulo procura tornar compreensível, também, a saída dos cumbuqueiros de seu território e a re-territorialização deles no Parazinho, como também expõe processo de criação da *imagem* da Vila do Cumbuco como uma continuidade *artificializada* da pretérita comunidade pesqueira marítima e o recente contexto em que a Vila passa a ser encarada pelos gestores e investidores como um fator problemático a ser superado.

¹¹ Lefebvre (1978, p. 17), tratando da redução dialética, afirma que se afasta “[...] o conteúdo tão-somente para reencontrá-lo: para situá-lo e restituí-lo”.

2 CUMBUCO: ENTRE O FORMAL E O HISTÓRICO

2.1 Manifestação aparente

Cumbuco, localizado aproximadamente a 30 km (oeste) de Fortaleza, cercado de dunas, coqueiros e mar, é uma das praias do litoral cearense mais procuradas pelos turistas (ver Quadro 2, p. 23) e o *locus* de uma pequena vila de pescadores em meio a grandes pousadas, hotéis, barracas de praia, boates, resorts, condomínios, mansões, lojas e toda uma infraestrutura que vem propiciar uma dinâmica que não existia no local há alguns decênios.

Essa pequena vila se consubstancia como residência de uma parte dos pescadores artesanais marítimos da localidade¹², que tiram da labuta pesqueira, em meio ao sol e ao mar, o sustento diário de suas famílias. Esses pescadores, além de todas as dificuldades diárias do ato de pescar em uma pequena jangada, um paquete ou bote em mar aberto; da crise atual da pesca artesanal; do fato de um só armador¹³ ter várias embarcações – enquanto os demais são somente empregados; e dos conflitos com os atravessadores (marchantes). Hoje, esses trabalhadores do mar têm, ainda, sua rotina bombardeada por todo um leque de novos conflitos e contradições que colocam em cheque a reprodução dos mesmos enquanto cumbuqueiros.

Sobre uma amenidade natural, uma grande duna móvel, um pouco antes da entrada do Cumbuco, pode-se ver, ainda, uma ocupação denominada “Parazinho”, fruto da saída de pescadores e/ou filhos de pescadores de suas antigas residências, os quais estão construindo suas moradias sobre as dunas, distante do local de trabalho e convívio.

Delimitar o Cumbuco não é uma tarefa fácil. Somada às informações conflitantes de hoje, por conta da ação dos especuladores imobiliários, há a evidência de que os limites locais foram fortemente alargados, pois ter um empreendimento localizado no Cumbuco é bem mais lucrativo do que ter um localizado na praia das Moitas, por exemplo. Assim, constata-se que o Cumbuco limita-se: a leste, com a praia da Tabuba, recobrando a praia que oficialmente é conhecida como Parazinho; a oeste, com a Barra do Cauípe, recobrando a praia

¹² O litoral do estado do Ceará, com 573 km de costa, representa 8,5% do litoral brasileiro, sendo composto por 20 municípios costeiros, com 113 pontos de desembarque distribuídos em comunidades que exploram, invariavelmente, a pesca extrativa marinha e/ou estuarina (SEAP/IBAMA/PROZEE, 2008).

¹³ Segundo Diegues (1995), o armador de pesca é o proprietário de várias embarcações, mas não realiza a atividade da pesca.

das Moitas, conhecida também como praia da Jabaquara, e a localidade de Novo Horizonte; ao norte, com o mar; ao sul, com a localidade de Lagoa do Barro, situada logo depois do campo de dunas (ver Mapa 1, p. 28).

O Cumbuco, que possui cerca de 2.298 habitantes (IBGE, 2011), localiza-se no distrito sede¹⁴ do Município de Caucaia,¹⁵ o qual apresenta mais sete distritos: Bom Princípio, Catuana, Guararu, Jurema, Mirambé, Sítios Novos e Tucunduba (IPECE, 2008)¹⁶. Caucaia configura-se o segundo maior município do estado do Ceará, no tocante à população, e ainda se localiza na Região Metropolitana de Fortaleza.¹⁷

Caucaia possui uma economia gerada principalmente pelo setor de serviços, totalizando 67,7% do PIB do município, seguido pela indústria, com 29,86%, e pela agropecuária, com 2,44% (IPECE, 2009). O referido setor também é responsável pela geração de 32,13% dos empregos formais existentes em Caucaia.

Quadro 1 – Número de empregos formais do Município de Caucaia

Discriminação	Número de empregos Formais					
	Município			Estado		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
Total das Atividades	18.103	10.832	7.281	1.059.392	579.890	479.502
Extrativa Mineral	257	238	19	2.448	2.264	184
Indústria de Transformação	5.834	4.545	1.289	208.149	126.713	81.436
Serviços Industriais de Utilidade Pública	190	180	10	6.776	5.852	924
Construção Civil	567	543	24	38.020	35.985	2.035
Comércio	2.468	1.762	706	155.512	96.850	58.662
Serviços	5.818	2.827	2.991	285.363	164.107	121.256
Administração Pública	2.837	610	2.227	339.048	126.947	212.101
Agropecuária	132	117	610	24.076	21.172	2.904

Fonte: Perfil Básico Municipal (2009).

¹⁴ Grande parte da faixa litorânea de Caucaia localiza-se no distrito sede, estendendo-se desde a Barra do Ceará até a Praia das Moitas. Somente uma pequena faixa está localizada nos distritos de Catuana e Guararu. Segundo o PDDU de Caucaia, de 2002, o Cumbuco localiza-se na Unidade Territorial de Planejamento (UTP) 5, que compreende todo o litoral e é especificamente delimitado como UTP 5.5.

¹⁵ O Município de Caucaia possui 250.479 habitantes. Na zona urbana vivem 90,26% dos habitantes, enquanto na rural concentram-se 9,74%. A densidade demográfica é de 210,42 hab/km (IBGE, 2000).

¹⁶ Como destaca Lima, S. (2004), ainda não existe uma lei de divisão dos bairros do município de Caucaia.

¹⁷ Com a Lei Complementar Federal nº 14, de 8 de junho de 1973, juntamente com Aquiraz, Maranguape, Pacatuba e Fortaleza, o Município de Caucaia passa a compor a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Nos dias correntes, a RMF é composta por 15 municípios, quais sejam: Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba, Aquiraz, Maracanaú, Eusébio, Guaiúba, Itaitinga, Chorozinho, Pacajus, Horizonte, São Gonçalo do Amarante, Pindoretama e Cascavel.

Segundo Teles (2005, p. 125), o setor terciário desempenha um papel fundamental na vida econômica de Caucaia. A autora afirma que nos últimos dez anos “[...] este setor aumentou significativamente em decorrência da demanda crescente tanto por parte da população residente, como também da população flutuante que frequenta o município, sobretudo nos finais de semana, feriados e meses de férias”. Ainda segundo Teles (2005, p. 130-131), “[...] o caráter da terceirização concentra-se, principalmente, nas atividades turísticas, em especial de alojamento e de transporte, além das agências de viagens”.

O Município de Caucaia está inserido no Polo Ceará Costa do Sol que

[...] se estende por aproximadamente 191 km de costa a oeste de Fortaleza, contempla 18 municípios: Acaraú, Amontada, Aquiraz, Barroquinha, Camocim, Caucaia, Chaval, Cruz, Fortaleza, Granja, Itapipoca, Itarema, Jijoca de Jericoacoara, Paracuru, Paraipaba, São Gonçalo do Amarante, Trairi e Viçosa do Ceará. A Área de Planejamento consiste dos seguintes municípios: Aquiraz, Caucaia, Fortaleza, Itapipoca, Jijoca de Jericoacoara, Paracuru, Paraipaba, São Gonçalo do Amarante e Trairi. Os municípios que compõem o Polo têm em comum a beleza de suas praias de dunas e coqueirais, além da riqueza do artesanato local, com os trabalhos de labirinto, renda de bilros, bordado, couro, palha, cerâmica, madeira, redes, cestarias e trançados. O aproveitamento do potencial turístico dessa mesorregião pode ser expresso por investimentos em *resorts*, hotéis, pousadas, parques de diversões, casas de espetáculos, esportes e equipamentos náuticos e atividades ligadas à produção de artesanato e às manifestações folclóricas locais. A ligação dessa faixa, onde se encontra o complexo portuário do Pecém e a futura refinaria de petróleo do estado, com o Aeroporto Internacional Pinto Martins, em Fortaleza, potencializa os trabalhos desenvolvidos no Polo, possibilitando um maior intercâmbio com os mercados emissores estrangeiros (BNB, 2010, grifo do original).

De acordo com dados da Setur (2003), Caucaia, onde está localizado o Cumbuco,¹⁸ está em segundo lugar em fluxo turístico, ficando atrás somente de Fortaleza, e em quarto lugar no Índice de Centralidade Turística (ICT).¹⁹ Caucaia está entre os principais municípios visitados pelos turistas que ingressam no Ceará via Fortaleza, tendo ficado em primeiro lugar no ranking entre 2002/2005, seguido de Aracati, Beberibe e Jijoca (SETUR, 2009b).²⁰

¹⁸ Iparana, Pacheco, Icará e Tabuba, juntamente com o Cumbuco, são os principais destinos turísticos litorâneos do Município de Caucaia.

¹⁹ O Índice de Centralidade Turística (ICT) mede o grau de desenvolvimento da oferta de serviços turísticos de um destino.

²⁰ A pesquisa revelou também que, no referido período, os turistas permaneciam em Caucaia sete dias, em média.

Em outra pesquisa apresentada pela Setur (2009a), fazendo uma relação de dados entre 1999 e 2008, a praia do Cumbuco constitui a praia preferida dos turistas, seguida de Canoa Quebrada.

Quadro 2 – Praias cearenses preferidas pelos turistas*

Praias	1999	Praias	2008
Cumbuco	19,2	Cumbuco	16,1
Canoa Quebrada	15,3	Canoa Quebrada	14,2
Morro Branco	11,7	Jericoacoara	9,5
Porto das Dunas	9,1	Icaraí	8,2
Jericoacoara	7,0	Morro Branco	7,4
Icaraí	4,6	Prainha	5,3
Lagoinha	6,3	Porto das Dunas	4,8
Praia das Fontes	4,6	Iguape	4,4
Outras	22,2	Outras	30,1
Total	100,0	Total	100,0

Fonte: SETUR/CE (2009a).

*Excluído o litoral de Fortaleza

O Cumbuco está, ainda, em segundo lugar no ranking de potencial, hierarquia, prioridade e implantação do PRODETUR I, perdendo apenas para o Centro de Fortaleza, ressaltando-se que os dois tiraram as mesmas notas (SETUR, 2003).

O município de Caucaia, de acordo com os dados da Setur (2009b), apresenta 32 meios de hospedagem (MH), 653 unidades habitacionais (UH) e 2208 leitos. O Cumbuco, ainda conforme dados da Setur (2009c), apresenta apenas oito meios de hospedagem (MH), 144 unidades habitacionais (UH) e 533 leitos. Todavia, verifica-se que alguns dos meios de hospedagens que não apresentam especificações de local no documento pertencem ao Cumbuco, como: Pousada Tropical Wind, Sun Set Beach Hotel, Hotel Golfinho, Santa Fé Hotel Club, Pousada Cumbuco P. Hotel Paiaguás, Pousada Arutam e Hotel Pousada Lagoa do Banana. Com esses últimos hotéis/pousadas, acrescentam-se mais seis meios de hospedagem, totalizando 15 MHs na localidade.

Quadro 3 – Meios de hospedagem – Cumbuco 2009

Hotéis/Pousadas	Leitos	Unidades Habitacionais
Eco Paradise Hotel	332	72
Hotel Tendas do Cumbuco	44	15
Pousada Barcelona	14	6
Pousada Cara pro Sol	22	8
Pousada Dunas do Cumbuco	52	17
Pousada Jardim Cumbuco	20	7
Pousada Pouso da Praia	35	13
Pousada Salerno	14	6
Pousada Tropical Wind	24	8
Sun Set Beach Hotel/Pousada Vela Azul ²¹	120	40
Hotel Golfinho	69	25
Pousada Cumbuco P. Hotel Paiaguás	80	24
Pousada Arutam	21	9
Hotel Club Santa Fé	43	16
Hotel Pousada Lagoa do Banana	68	28
Total	958	294

Fonte: Setur (2009c).

Entretanto, pode-se visualizar em campo a presença de mais treze meios de hospedagem, o que representa um total de 30 MHs²²: Pousada Maracujá, Kariri Beach, Casa Colibri Cumbuco, Pousada Blue Wind Kite, Cumbuco Guesthouse & Hotel, Pousada Porto Azul, Oasis Del Atlântico Cumbuco Beach, Pousada Brasita, Pousada Casa dos Ventos, 0031 Pousada, Cumbuco Pousada Hotel Furaifun Beach Front, Windtown Beach Resort & Spa Brazil, Pousada Dança do Sol, Pousada Villa do Cumbuco e o Vila Galé Cumbuco.²³

Os meios de hospedagem localizados no Cumbuco apresentam uma variada faixa de preço, alterando aproximadamente de R\$ 90,00 a R\$ 2.200,00 o valor referente à diária para casais:

²¹ A mesma pousada apresenta-se com dois nomes. Em algumas fontes aparece como se fossem empreendimentos distintos.

²² Existe uma grande dificuldade de fazer uma listagem dos meios de hospedagens do Cumbuco pelo fato de o “nome fantasia” deles serem distintos em relatórios sobre turismo, órgãos de licenciamento ambiental e na própria mídia, além da ocorrência de alguns casos de mudança de nomes e do próprio aumento constante do número de meios de hospedagem.

²³ Desses meios de hospedagem, somente o Vila Galé Cumbuco não estava em funcionamento em 2009.

Tabela 1 – Amostra de preços das hospedagens em novembro de 2010*

Meio de Hospedagem (MH)	Preço (R\$)
Sun Set Beach Hotel e Pousada Vela Azul	R\$ 102,00
Pousada Cumbuco P. Hotel Paiaguás	R\$ 168,00
Pousada Jardim Cumbuco	R\$ 90,00
Pousada Brasita	R\$ 120,00
Pousada Arutam	R\$ 130,00
Hotel Golfinho	R\$ 165,00
Pousada Salerno	R\$ 100,00
Vila Galé Cumbuco	R\$ 600,00 à R\$ 2.200,00

Fonte: Pesquisa direta.

* Valores referentes a diárias para casais.

Associa-se à atividade do turismo uma nova efervescência imobiliária no Cumbuco nos últimos anos, principalmente no tocante às segundas residências, as quais, por sinal, representaram a primeira fonte de exploração econômica do Cumbuco após a construção da Vila, mediante o Loteamento Praia do Cumbuco, caracterizado mais à frente. Observa-se a construção de uma gama de empreendimentos imobiliários de grande porte, voltados para brasileiros e principalmente estrangeiros que desejam investir ou simplesmente adquirir uma segunda residência para descanso ocasional nas terras cearenses. Recentemente, alguns empreendimentos têm voltado atenção para os executivos que já estão trabalhando no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) e para os que estão por vir com a construção dos empreendimentos estruturantes do CIPP, tais como a refinaria, a siderúrgica e a termelétrica — como vai ser destacado posteriormente.

Caucaia está entre as principais cidades do estado do Ceará em número de residências secundárias, tendo figurado em segundo lugar no *ranking* entre os anos de 1980 e 2000, atrás somente de Fortaleza (ver Quadro 5). Em 2010, todavia, o município apresentou um decréscimo no número de residências secundárias e perdeu o segundo lugar para o município de Aquiraz²⁴.

²⁴Silveira (2011) aponta que uma das principais motivações para tal decréscimo seja o processo de transformação de grande parte das residências secundárias em residências principais, especialmente na localidade de Icaráí.

Quadro 4 – Municípios com maior número de domicílios de uso ocupacional

	1980		1991		2000		2010	
	Uso permanente	Uso ocasional						
Fortaleza	256.710	1.476	387.597	4.112	527.340	7.942	711.470	15.029
Aquiraz	8.792	1.128	9.823	2.657	14.127	4.536	19.707	6.534
Caucaia	17.335	1.192	35.405	3.877	59.990	6.540	89.253	6.009
Beberibe	6.743	555	7.743	1.416	10.030	2.342	14.107	3.211
Cascavel	9.191	176	9.951	1018	13.702	1.643	18.832	2.574
São Gonçalo	4.682	256	6.183	1.197	8.397	1.822	12.038	2.566

Fonte: IBGE.

Merecedor de destaque é o fato de que dos cinco primeiros municípios no *ranking* do número de domicílios de uso ocupacional, afora Fortaleza, somente Beberibe não faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza, apesar de distar somente 75 km da capital cearense. Nesse sentido, Pereira (2006, p. 73) afirma que “[...] veraneio no Ceará é predominantemente litorâneo, de sorte que a ocupação ocorre em duas faixas retilíneas, que tem como nó central Fortaleza e se estende pelo restante do espaço litorâneo. O espaço de maior densidade, contudo, é o litorâneo metropolitano”.

Referindo-se especificamente ao Cumbuco, a partir dos dados oficiais do censo 2010, observa-se que a localidade apresentava naquele ano um total de 1188 domicílios particulares e coletivos, dos quais 641 eram domicílios Particulares Permanentes Ocupados — principalmente pelos moradores da Vila —, 435 consistiam em domicílios Particulares Permanentes não Ocupados (de uso ocasional) e 93 se tratavam de domicílios Particulares Permanentes não Ocupados (vagos).

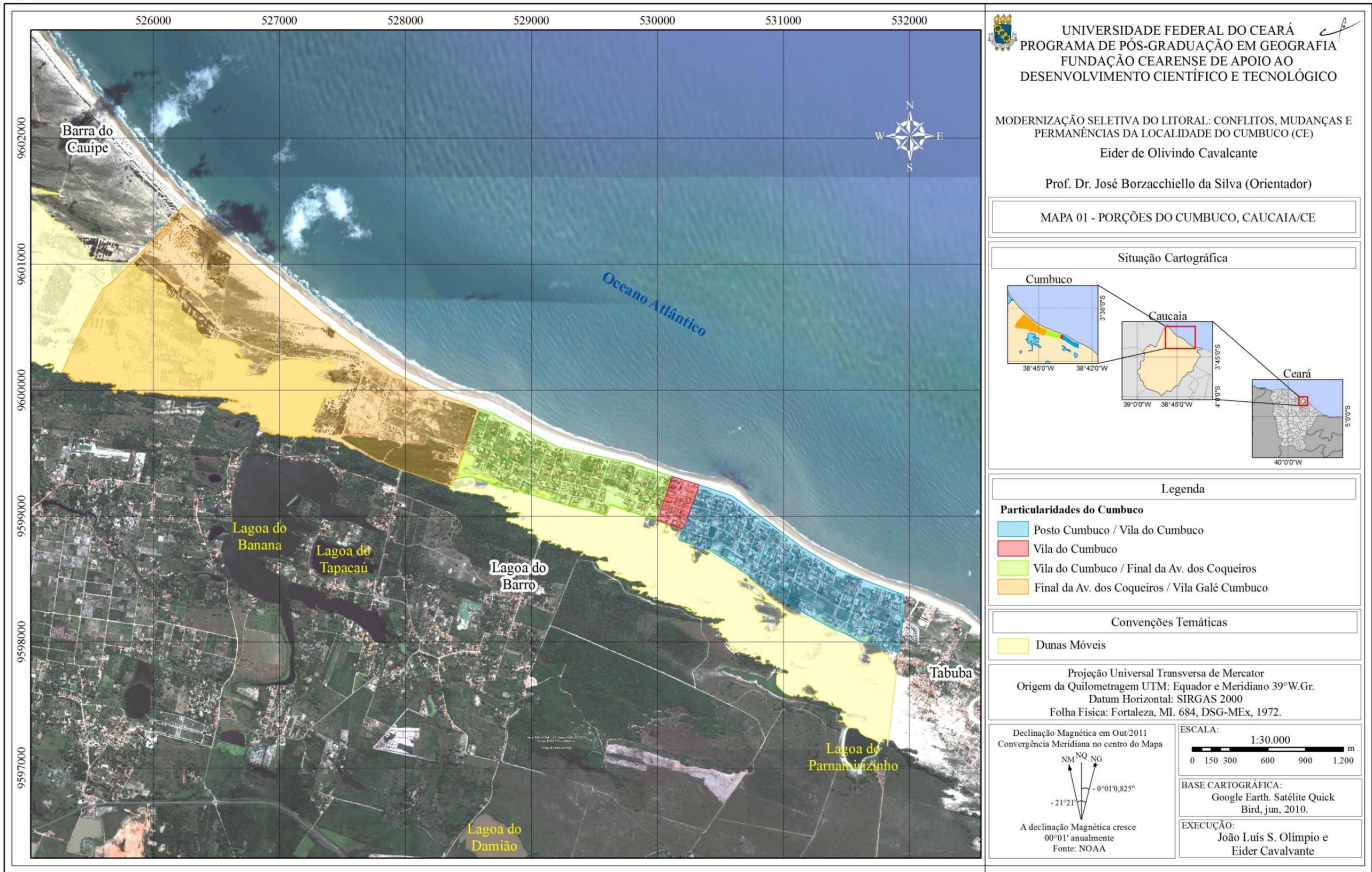
Diferentemente de outras localidades de Caucaia, como o Icaraí, por exemplo, que na década de 1970 teve uma forte valorização associada às segundas residências de moradores da classe média de Fortaleza, os proprietários de segundas residências no Cumbuco possuem elevados níveis de renda. Conforme levantamento da Cenários Pesquisa de Marketing, realizado no primeiro semestre de 2011, 42% das famílias que têm ou pretendem adquirir uma residência de praia no Cumbuco detêm renda igual ou superior a R\$ 20 mil. A pesquisa “apontou ainda que, de todos os proprietários ou pretensos donos de uma segunda residência no Cumbuco, 31% são empresários, 25% profissionais liberais, 18% funcionários de empresas

privadas, 16% de públicas, 5% são autônomos, 3% militares e 2% aposentados” (O POVO, 22 de agosto de 2011).

Segundo Lima B. (2008), o Cumbuco, em sua totalidade, possui cerca de 4,08 km² (408,3153 ha), dos quais 70,9% não são usados, sendo compostos por dunas móveis e pela faixa de praia, e os 29,1% restantes estão ocupados por hotéis, pousadas, flats, resorts, condomínios, comércio, casas, entre outros empreendimentos. Ainda segundo a autora, pode-se pensar, de acordo com esses dados, que ainda há uma área significativa para ser explorada por novos empreendimentos, porém os 70,9% (2,89 km²) de reserva territorial são constituídos por dunas e, conforme a resolução do CONAMA n° 341, de 25 de setembro de 2003, possuem uso restringido.

Ainda no sentido de entender o Cumbuco e sua manifestação aparente, tenciona-se acrescentar novos atributos à sua realidade. Nesse sentido, apresenta-se o Cumbuco em quatro particularidades (tomando como referencial o percurso Fortaleza–Cumbuco, pela CE-090): a) a primeira vai do Posto Cumbuco até a Vila do Cumbuco; b) a segunda compreende propriamente a Vila do Cumbuco; c) a terceira se inicia após a Vila e vai até o final da Avenida dos Coqueiros; d) a quarta vai do final da Avenida dos Coqueiros até o Resort Vila Galé Cumbuco.

Mapa 1 – Particularidades do Cumbuco



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 FUNDAÇÃO CEARENSE DE APOIO AO
 DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

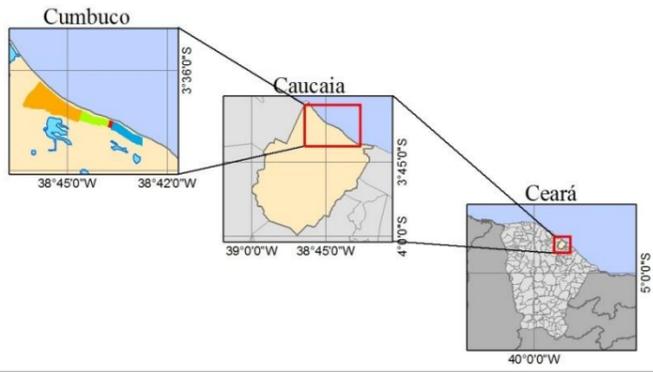
MODERNIZAÇÃO SELETIVA DO LITORAL: CONFLITOS, MUDANÇAS E
 PERMANÊNCIAS DA LOCALIDADE DO CUMBUCO (CE)

Eider de Olivindo Cavalcante

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)

MAPA 01 - PORÇÕES DO CUMBUCO, CAUCAIA/CE

Situação Cartográfica



Legenda

- Particularidades do Cumbuco**
- Posto Cumbuco / Vila do Cumbuco
 - Vila do Cumbuco
 - Vila do Cumbuco / Final da Av. dos Coqueiros
 - Final da Av. dos Coqueiros / Vila Galé Cumbuco

Convenções Temáticas

- Dunas Móveis

Projeção Universal Transversa de Mercator
 Origem da Quilometragem UTM: Equador e Meridiano 39°W.Gr.
 Datum Horizontal: SIRGAS 2000
 Folha Física: Fortaleza, MI. 684, DSG-MEX, 1972.

Declinação Magnética em Out/2011
 Convergência Meridiana no centro do Mapa

A declinação Magnética cresce
 00°01' anualmente
 Fonte: NOAA

ESCALA:
 1:30.000

BASE CARTOGRÁFICA:
 Google Earth. Satélite Quick
 Bird, jun, 2010.

EXECUÇÃO:
 João Luís S. Olímpio e
 Eider Cavalcante

a) Posto Cumbuco/Vila do Cumbuco

O Posto Cumbuco marca o início do nosso foco de estudo e coincide com o início do Loteamento Praia do Cumbuco. Tal posto não se limita à venda de combustíveis e serviços automobilísticos, apresentando também “[...] uma loja de conveniências com caixa de Banco 24 Horas e uma loja completa de equipamentos e acessórios para Kitesurf. Tudo isso dentro de uma infraestrutura que abrange uma locadora de veículos, stands imobiliários e escritórios com uma arquitetura contemporânea de um open mall”.²⁵

O empreendimento pertence ao Grupo Placitude (grupo português), que se caracteriza como um dos grupos que mais têm investimentos no Cumbuco, possuindo, além do posto de combustíveis, a Rent Car Locadora de Veículos, a loja Kite Shop Brasil e a Construtora Placitude, a qual já construiu, na mesma particularidade apresentada aqui, o Condomínio Kite Village I, como também o Condomínio Varandas do Atlântico, e já está construindo o Condomínio Kite Village Premium, o Condomínio Vila do Kite e o Condomínio The Sevens Seas. Além disso, ainda estava na condição de terceirizada em parte das obras do Resort Vila Galé Cumbuco.

Essa particularidade é caracterizada por uma grande quantidade de casas de veraneio datadas do período do Loteamento Praia do Cumbuco (ver Figura 1) nos anos de 1980. Trata-se de grandes mansões, que na época eram, em sua maioria, de donos brasileiros e que, a partir do final dos anos de 1990, foram perdendo campo para investidores estrangeiros. No entanto, destaca-se que o veraneio no Cumbuco, até anos recentes, não estava conforme seus tempos áureos, como apontou Lima J. (2003), apresentando um grande número de casas bem antigas e algumas até abandonadas ou sob a tutela de imobiliárias²⁶.

²⁵ Retirado do Site <<http://www.postocumbuco.com/>>. Acesso em 8 jun. 2011.

²⁶ Tomando como base os dados por setores censitários do IBGE para o ano de 2010, somente essa particularidade apresenta 33 imóveis vagos.

Figura 1 – Casas de veraneio oriundas do Loteamento Praia do Cumbuco



Autor: Cavalcante (2011).

Encontram-se também vários lotes vazios, o que não representa um malogro do antigo Loteamento Praia do Cumbuco, pois praticamente todos os lotes foram vendidos, mas, sim, vários lotes de “engorda”, à espera de uma melhor valorização, principalmente por conta da saturação de lotes na Vila e de seus preços astronômicos. É importante destacar, contudo, que, nos últimos anos, grande parte dessas mansões está sendo demolida para a construção de condomínios como os anteriormente referidos do Grupo Placitude e de outras incorporadoras (ver Figura 2).

Segundo Pereira (2012, p.252) o “[...] Cumbuco está em transformação saindo da condição de orla horizontal em direção a supremacia de edifícios com mais de três andares.” Esse fato marca uma nova fase do próprio veraneio — um dos principais nichos de tais condomínios — como também aponta uma reportagem do jornal Diário do Nordeste, ao retratar grandes investimentos recentes no Cumbuco de empresas como a Cameron, a Diagonal e a Magis (DIÁRIO DO NORDESTE, 8 de setembro de 2011).

Figura 2 – Novos empreendimentos no Cumbuco



Autor: Cavalcante (2011).

Nas proximidades da Vila adensa-se o número de hotéis, pousadas e condomínios, como o Condomínio Pent House, as pousadas/hotéis Praia Dança do Sol, Duro Beach, Paiaguás, Jardim Cumbuco, o Condomínio Royal Flat Cumbuco e o Condomínio Kite Village I.

b) Vila do Cumbuco

Os 50.616 m² que compõem a Vila representam o suprassumo do Cumbuco. Trata-se de uma vila de pequenas casas datadas de 1978 e construídas pela Construtora Cumbuco LTDA,²⁷ quando os pescadores marítimos que moravam de modo espreado em toda a área que compreende o Cumbuco foram realocados para essa pequena vila, e o restante das terras do Cumbuco foi destinado à construção do Loteamento Praia do Cumbuco.

A Vila é o local em que o preço da terra é intensamente elevado, resultado da forte valorização, principalmente por conta centralidade gerada. Como exemplo, tem-se um lote de 180 m², referente a um dos últimos lotes ainda originais da época da construção

²⁷ A atuação dessa construtora vai ser caracterizada no item “Trilhas da formação territorial (1920–1990)”.

da Vila, com apenas uma pequena casa de alvenaria de 36 m², vendida no ano de 2010 por R\$ 350 mil²⁸ (ver Figura 3). Em pesquisa direta, observou-se que 62,9% das famílias de cumbuqueiros já receberam oferta de compra de suas residências, onde o preço varia entre R\$ 75 e R\$ 350 mil²⁹, dependendo do tamanho, pois poucos lotes ainda são compostos pelos 180 m² originais.

Figura 3 – Casa vendida no valor de R\$ 350 mil



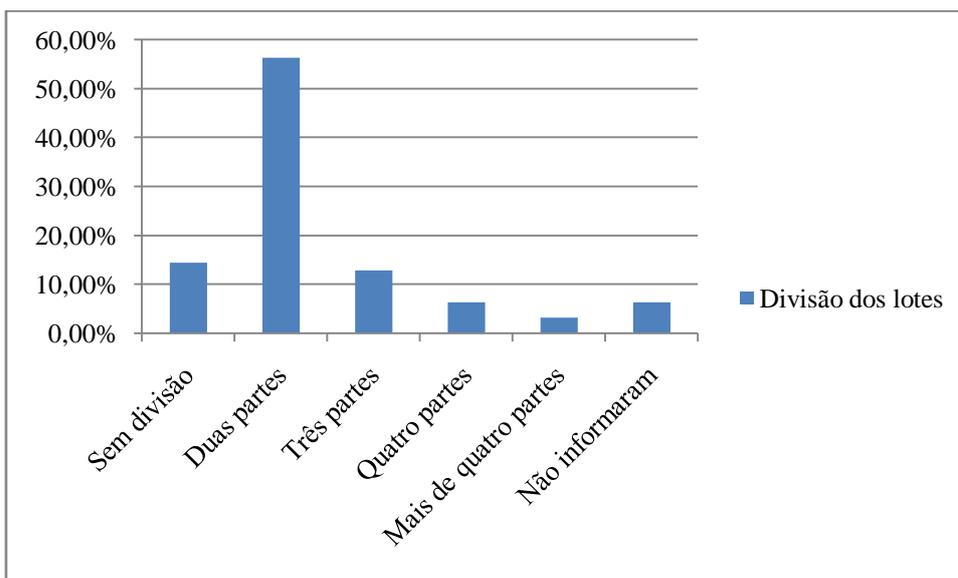
Autor: Cavalcante (2010).

É importante salientar que toda a dinâmica do Cumbuco gira em torno da Vila, gerando toda uma centralidade, mesmo que grande parte das casas já não esteja sob a posse dos cumbuqueiros, e que as remanescentes estejam fortemente fragmentadas. Destaca-se o fato de que 78,9 % dos lotes originais foram divididos no mínimo em duas partes, seja porque uma parte do lote foi cedida para a moradia de filhos que formaram família, seja porque foi vendida³⁰.

²⁸ Vale observar que essa e outras casas compradas por estrangeiros estão simplesmente fechadas.

²⁹ Informações oriundas do questionário.

³⁰ Informações oriundas do questionário.

Gráfico 1 – Divisão dos lotes originais

Fonte: Cavalcante (2011).

Tais residências contrastam com a realidade em volta, pois são predominantemente precárias e de tamanhos mínimos, consideradas, nos dias correntes, um problema para os gestores (ver Figura 4).

Figura 4 – Moradia dos cumbuqueiros

Autor: Cavalcante (2010)

Para atender as demandas por infraestrutura geradas pelo turismo e pela urbanização, o Cumbuco apresenta em seu eixo central, que por sinal localiza-se na vila de pescadores, uma série de estabelecimentos comerciais, como mercearias, lan houses, bares, barracas de praia, lanchonetes, oficinas de equipamentos de Kitesurf, lojas de equipamentos esportivos, peixarias, entre outros.

Importante ressaltar que, a despeito da gama de estabelecimentos comerciais existentes, poucos estão sob a posse de cumbuqueiros, destacando-se o fato de 69,3% de seus imóveis serem de uso estritamente residencial, 1,6% de uso comercial e 29% de uso misto (residencial e comercial), sendo que grande parte desses imóveis de uso misto são referentes a espaços alugados para terceiros³¹.

Com relação às demais infraestruturas propriamente voltadas para cumbuqueiros, há um posto de saúde denominado Anete de Souza Aguiar, que já se encontra ligado ao Programa de Saúde da Família (PSF), possuindo uma equipe composta pelos seguintes profissionais: um médico, um dentista, uma enfermeira, um auxiliar de dentista, dois auxiliares de enfermagem e seis agentes de saúde, que atendem as localidades do Cumbuco e Lagoa do Barro, totalizando 720 famílias.³²

Com referência à educação, o Cumbuco possui apenas uma escola, denominada EEIEF Helena de Aguiar Dias,³³ que atende crianças desde a educação infantil até o nono ano do ensino fundamental, e ainda forma uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), projeto aprovado em 2004. A escola conta com 28 professores e tem cerca de 660 alunos (ano de 2010), segundo a diretora Maria Célia Silva. Ainda segundo dados oferecidos pela diretora, a escola, no ano de 2009, tinha 721 alunos distribuídos em 29 turmas, com índices de reprovação e de transferências de 7,48% e de 16%, respectivamente.³⁴

O Cumbuco, até o ano de 2011, não possuía rede de água e esgoto. As residências eram abastecidas por poços artesianos e poços profundos, e no caso dos meios

³¹ Informações oriundas do questionário.

³² Pesquisa direta.

³³ Escola criada pelo Decreto Nº 818, de 03 de agosto de 1993, substituindo o antigo prédio da escola que funcionava na sede da colônia desde 1978, de mesmo nome.

³⁴ Nos diálogos com a diretora, ela destacou que muitos alunos são transferidos, pois seus pais vendem suas casas na localidade e se mudam para outra parte do município de Caucaia ou mesmo para Fortaleza.

de hospedagens o esgotamento era individual, por meio de fossas sépticas. Em 2011, foram realizadas as obras de saneamento básico no Cumbuco.

Estão sediados nessa particularidade, ainda, um posto telefônico e o 31º Distrito da Polícia Civil, que atende as localidades: Cumbuco, Lagoa do Barro, Tabuba, Cauípe e Cristalinas. O Cumbuco é servido por duas linhas de ônibus que ligam a localidade diretamente a Fortaleza, via Avenida Mister Hull e a via Avenida Beira Mar, além de outra linha que a liga ao centro de Caucaia. Ainda existe uma linha de transporte alternativo que está sob a coordenação da Cooperativa dos Transportes Alternativos e Vans de Caucaia (COOPERVANS).

c) Vila do Cumbuco/Final da Avenida dos Coqueiros

Essa particularidade evidencia algumas características parecidas com a primeira, pois também é originária do Loteamento Praia do Cumbuco e ainda apresenta uma grande quantidade de casas de veraneio. Entretanto, tem uma realidade muito mais dinâmica e de maior complexidade ao entendimento em virtude de a localização conter o maior número de grandes empreendimentos imobiliário-turísticos no Cumbuco.

O investimento estrangeiro é notório e majoritário ao se observar o Eco Paradise Hotel, um investimento sueco de 72 apartamentos, ligado à BRAZILINVEST CUMBUCO LTDA. Observa-se igualmente o Dream Village Condominiun, também um investimento sueco, cujo custo foi de “R\$ 8 milhões e as unidades, de luxo, foram vendidas por até R\$ 500 mil cada” (O POVO, 5 de fevereiro de 2009).

O investimento sueco no Cumbuco é tão forte que, em 2005, a embaixadora da Suécia em Brasília, Sra. Margareta Winberg, visitou a localidade para debater sobre novos investimentos e inaugurar o “Realce Cumbuco”, financiado por instituições suecas, projeto que encerrou suas atividades em 2010. Pouco tempo depois da visita da embaixadora, foi inaugurada uma rua no Cumbuco denominada Rua Suécia.

Também é maciça a atuação de finlandeses e noruegueses, que possuem empreendimentos como a pousada 0031 e o Kariri Beach Hotel. Entretanto, os

investimentos estrangeiros não se dão somente na construção de grandes equipamentos, mas também na compra de imóveis para uma posterior revenda, circunstância da mesma forma apontada em reportagem do jornal Diário do Nordeste, que afirma, ainda, que cerca de 60 noruegueses que compraram apartamentos no Kariri Beach Hotel (ver Figura 5), cada um custando cerca de R\$ 350 mil, sofreram um golpe, pois tal empreendimento estaria hipotecado ao Banco do Nordeste (DIÁRIO DO NORDESTE, 23 de março de 2010). Segundo outra reportagem do mesmo jornal, aproximadamente 200 empreendimentos tinham sido adquiridos somente por noruegueses até o ano de 2009, data da matéria (O POVO, 5 de fevereiro de 2009).

Figura 5 – Kariri Beach Hotel



Fonte: <<http://www.kariribeach.com/>>. Acesso em: 02 fev. de 2012.

Na Rua Suécia está situada a sede da Flat Shop Imobiliária, que aluga apartamentos por temporada, como também vende apartamentos nos condomínios Vila Cumbuco, Royal Beach e Jardim Reale. O mesmo grupo dono da imobiliária é proprietário da Royal Construções, a qual construiu os condomínios Penthouse, Royal Beach e Jardim Reale, todos no Cumbuco.

Essa particularidade do Cumbuco apresenta ainda o Centro de Apoio ao Turismo de Caucaia, o Centro dos Bugueiros do Cumbuco e mais uma série de equipamentos que vêm em apoio ao turismo no Cumbuco.

d) Final da Avenida dos Coqueiros/Vila Galé Cumbuco

Essa particularidade possui uma especificidade, pois não fazia parte do Loteamento Praia do Cumbuco e se encontra já na divisa com a Barra do Cauípe, mas também tinha suas terras pertencentes ao dono do referido empreendimento, tendo sido o local em que foi construído, na década de oitenta, o hotel Saint Tropez des Tropiques, conhecido também por Hotel dos Franceses, um marco para o turismo internacional no estado do Ceará.

O hotel encontra-se atualmente desativado e estavam previstas pelo PDITS do Polo Costa do Sol obras de reestruturação e ampliação com o incentivo da iniciativa privada. No entanto, no mês de outubro de 2011, deu-se início a uma maciça campanha publicitária com o slogan “Vem pro Cumbuco” e “Paraíso é aqui” tanto na mídia impressa quanto na televisiva, como ainda em forma de grandes adesivos colados em vários ônibus coletivos da capital cearense, divulgando o empreendimento Wai Wai Cumbuco Eco Residence, lançado pela incorporadora cearense Magis em parceria com o grupo espanhol Ingeconser, projeto que vai ser instalado na área onde se localizava Saint Tropez. O complexo residencial, que apresenta um “conceito de segunda moradia, vai oferecer inúmeros itens de lazer e serviços, tais como restaurante, playground, quiosques, espaço zen, mirante, piscina com borda infinita, fitness, SPA, quadra de tênis e campo de futebol gramado” (DIÁRIO DO NORDESTE, 26 de dezembro de 2011). Serão 245 apartamentos distribuídos em oito blocos de quatro andares com elevador.

Nessa particularidade existem, hoje, apenas dois empreendimentos, porém de maior expressão. O primeiro deles é o Summerville, que se configura um grande loteamento fechado com lotes a partir de R\$ 70 mil e casas com preços a partir de R\$ 600 mil. Os sócios do empreendimento também vislumbravam a construção de um resort ao

lado do loteamento, como o Summerville Beach Resort, em Porto de Galinhas, que pertence ao grupo.

Entre o Summerville e o Vila Galé Cumbuco, encontra-se a localidade de Novo Horizonte que, hoje, apresenta apenas uma família — a qual reside no local desde a época do “Cumbuco Velho” (como hodiernamente os moradores chamam o Cumbuco antes de se tornar Vila) — e algumas residências em ruínas, abandonadas com o passar dos anos (ver Figura 6), além das ruínas da cidade cenográfica da novela “Meu bem-querer” (ver Figura 7), gravada naqueles arredores.

Figura 6 e 7 – Residência abandonada e ruínas da cidade cenográfica da novela Meu bem-querer



Autor: Cavalcante (2010).

Convém destacar dessa particularidade a paisagem totalmente artificializada, repleta de grandes árvores que não são nativas do litoral cearense, como a Casuarina Equisetifolia, por exemplo, como observa Araújo J. (2011). Tal realidade é consequência de um “reflorestamento” (Figura 8) feito pelo empreendedor João Bosco Aguiar Dias na década de 1980, como assinala uma reportagem da revista *Veja* do dia 11 de fevereiro de 1987. No entanto, tal reportagem, intitulada “Dois mestres na arte de reflorestar”, tratando tanto da ação do referido empreendedor quanto da de Luiz Roberto de Castro Carvalho, no estado do Paraná, indica que o empreendedor “[...] dedica-se quixotesicamente a repor a

mata atlântica que um dia recobriu naturalmente vastas porções da costa do Cumbuco, próxima a Fortaleza” (VEJA, 11 de fevereiro de 1987).³⁵

Figura 8 – Reflorestamento do Cumbuco

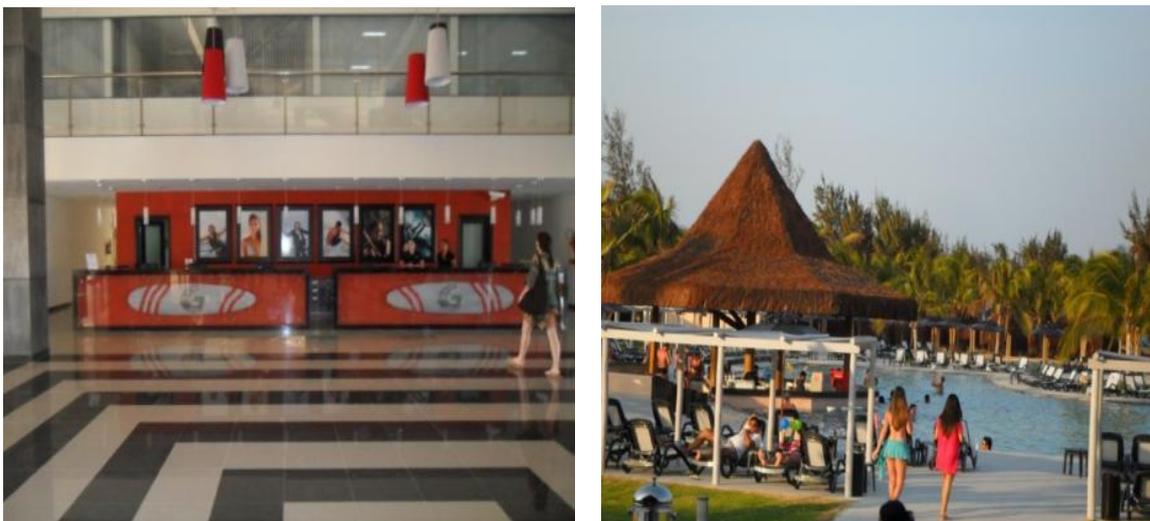


Autor: Cavalcante (2010).

Nessa particularidade, o grande destaque é o Vila Galé Cumbuco³⁶ (Figura 9), que teve sua primeira etapa inaugurada em outubro de 2010, com o custo de cerca de R\$ 110 milhões. Trata-se de um dos maiores resorts da América Latina, com mais de 100 mil m² de área construída, possuindo 465 apartamentos com diárias a partir de R\$ 600,00, e 49 chalés com diárias que chegam a R\$ 2.200,00. Soma-se a isso uma série de equipamentos que compõem o resort considerado uma das primeiras grandes obras para a Copa do Mundo de 2014, como cinco restaurantes, spa médico, bares, centro náutico, campo de futebol, lojas de conveniência, agências de viagem, biblioteca e mais algumas instalações que um hotel cinco estrelas tem a oferecer.

³⁵Tal “reflorestamento” também foi noticiado em reportagens do dia 19 outubro de 1986 e do dia 30 de outubro de 1987 pelo Jornal O POVO, destacando que o empreendedor chegou até a viajar para a África para pesquisar espécies de plantas.

³⁶ O Vila Galé Cumbuco ganhou o prêmio de “melhor resort do Brasil na edição de 2012 [Guia quatro Rodas] e seu Spa Satsanga foi eleito o melhor em sua categoria.” Disponível em: <<http://www.revistahoteis.com.br/materias/1-Aconteceu/4856-Vila-Gale-Cumbuco-e-eleito-o-melhor-resort-do-Brasil-pelo-Guia-4-Rodas-2012>> Acesso em: 25 de jan. de 2012.

Figura 9 – Vila Galé Cumbuco

Autor: Cavalcante (2010).

O Grupo Vila Galé, em sociedade com a Cintra Participações S. A. e com João Bosco Aguiar Dias, lançou no início de 2012 um condo-hotel orçado em R\$ 90 milhões, que será localizado em frente ao Hotel Vila Galé Cumbuco, “numa área de 62.000 metros quadrados (m²). Serão bangalôs de praia com 135 m², apartamentos com 95 m², 60 m² e 38 m², somando 300 unidades. O espaço comum terá academia, piscina, área desportiva, clube infantil, spa, bar e restaurante” (DIÁRIO DO NORDESTE, 19 de janeiro de 2012).

Não obstante, tem-se de destacar ainda a Lagoa do Banana, situada ao lado dessa quarta particularidade e, mesmo não fazendo parte oficialmente do Cumbuco, apresenta uma dinâmica fortemente ligada a ele, principalmente nas excursões de turistas que têm como parada quase que obrigatória a lagoa e suas práticas náuticas, a exemplo de *jet ski* e *banana boat*. O entorno da lagoa é totalmente cercado por mansões, pousadas e barracas, sendo praticamente impossível chegar às suas margens sem que seja por meio de um desses empreendimentos mencionados.

2.2 Trilhas da formação territorial (1920–1990)

Após uma travessia *en passant* pela aparência fenomênica, segue-se caminho em busca da história do espaço, da história do Cumbuco e de sua formação territorial, que, em tupi-guarani, vem da palavra Cumbuca,³⁷ e que hoje é chamado de o Havaí do Kitesurf, tendo sua formação iniciada aproximadamente na década de 1920, quando um pescador – insatisfeito com a vida em Fortaleza – decidiu viver em outro local (PINHO, 1981; VIEIRA, 2000). Essa década coincide com o período em que se inicia a ocupação da Praia de Iracema em Fortaleza por famílias da “alta sociedade” cearense (DANTAS, 2002; NEVES, 2004).

A pesca propiciou ao pescador conhecer grande parte do litoral cearense, mas ele acabou decidindo morar em uma praia distante apenas 30 km de Fortaleza, utilizando como transporte a própria jangada de piúba e levando consigo sua família. A praia, denominada Cumbuco, era deserta e o acesso a ela se dava somente pelo mar e pela faixa de praia,³⁸ mas esta última forma só era possível quando a maré estava baixa. Posteriormente, com as notícias de pesca abundante na região, tanto no mar quanto nas inúmeras lagoas existentes na época, outras famílias começaram a se transferir para a região. Em 1977, a localidade possuía 120 famílias (PINHO, 1981).

Até os finais da década de 1970, que marcaram o surgimento dos primeiros conflitos com especuladores imobiliários e grileiros, o litoral representava um *sinônimo de*

³⁷ Como também aponta Lima J. (2003) e alguns moradores antigos, referindo-se ao fato de que antes da terraplanagem o formato da área onde hoje se encontra a Vila era parecido com uma Cumbuca. Segundo HARROP (2011), provavelmente cumbuco e cumbuca sejam a mesma palavra, pois o sufixo “buca” também se escreve “buco”, como em Pernambuco. Nesse sentido, a palavra Cumbuca (Kuya + buka) vem de “cuiambuca”, significando cuia partida. Todavia, de acordo com outra parte dos moradores, além dos especuladores imobiliários e *trades* turísticos que vendem a imagem do local, a origem da palavra Cumbuco também vem do tupi-guarani, mas significa “onda longa e baixa”. Porém, segundo o referido sociólogo, não haveria tal possibilidade, salvo por uma alusão poética.

³⁸ Pinho (1981) narra, já no período da terraplanagem para a construção da Vila e para os loteamentos particulares, a história de um Jeep que fora soterrado na praia quando se deslocava para o “Cumbuco Velho”. O Jeep, quando estava entre a Tabuba e o Cumbuco, começou a afundar na areia e, no intuito de reverter a situação, tentaram puxá-lo com o trator, mas o cabo de aço usado arrebentou. O dono do automóvel, que depois se descobriu chamar-se José Olavo, resolveu continuar o resgate do Jeep somente no outro dia, pois a noite se aproximava, deixando uma corda amarrada numa ponta no automóvel e outra numa boia para o caso de o veículo ficar totalmente soterrado. Todavia, ao chegar, logo pela manhã, não encontrou nenhum vestígio do Jeep. Esse acontecimento por muito tempo amedrontou os motoristas que se deslocavam, não sem dificuldades, para a localidade.

*liberdade*³⁹ para remanescentes indígenas e outros agrupamentos humanos que historicamente habitaram o litoral ou que decidiram migrar do interior do estado do Ceará, fugindo de conflitos agrários e de outros processos que funcionalizavam fortemente outras particularidades do estado, principalmente as atividades da pecuária e da agricultura.

Barroso (1979, p. 7), narrando a saga de uma família que fugira do Sertão, afirma que dele “[...] migraram famintos e esqueléticos, numa época terrível de sol e seca. Vieram procurar a vida e a acharam com facilidade sobre as jangadas, na planície líquida do mar”.

O litoral do Ceará, desde o período colonial, era visto como um local impróprio para a prática de atividades produtivas, como a agricultura (basicamente cana-de-açúcar), por exemplo, particularmente por conta das características físico-climáticas e da hostilidade indígena (LIMA, M. 2002; DANTAS, 2007). Nesse contexto, a ocupação portuguesa se dera somente de forma pontual no intuito de defesa do território e para o desenvolvimento da atividade portuária, com a intenção do escoamento da produção, servindo de abertura para a comercialização de produtos que atendiam tanto a demanda externa quanto a demanda dos estados produtores de cana-de-açúcar.

Tal realidade propiciou a consolidação de várias comunidades pesqueiras marítimas, as quais, ainda no período colonial, eram vistas com bons olhos pela coroa, pois a marinha não tinha quadros suficientes para patrulhar a costa brasileira. Assim, em caso de algum conflito, os pescadores e suas colônias — as sentinelas avançadas do litoral — poderiam ser úteis na proteção do território, pois mesmo tido como impróprio ao desenvolvimento de atividades produtivas e não sendo objeto de distribuição das sesmarias, o litoral se configurava um território estratégico de defesa⁴⁰. Essa realidade se manteve até certo ponto, mesmo com o crescimento de cidades como Fortaleza, Camocim, Aquiraz e Paracuru, até os finais da década de 1970, já no século XX, com a predominância de comunidades pesqueiras marítimas e seus modos de vida específicos.

³⁹ Como destaca Madruga (1992).

⁴⁰ Segundo Abreu (1997, p. 236), “a Coroa baixou nova Carta Régia em 12 de novembro de 1698, que afirmou jurisprudência: Terrenos de marinha [...] A partir daí, somente com a autorização dos representantes da Coroa é que se poderia ocupar os terrenos litorâneos”. Todavia, segundo Dantas (2002, p. 17), “as jurisprudências não impediam a atividade da pesca, indicando abertura à exploração baseada nesta atividade e possibilitando o surgimento das primeiras comunidades de pescadores no litoral”.

Caminha (1997) e Dantas (2006) destacam que até mesmo em Fortaleza o litoral era pouco funcionalizado e acabava se tornando moradia, no caso, da população pobre da cidade, como no Arraial Moura Brasil e do Pirambu, por exemplo.

A referida pouca *funcionalização* do litoral possibilitava certa *mobilidade* para esses trabalhadores do mar, que podiam se transferir para outros pontos do litoral na procura de bons pesqueiros, por conta da transgressão marinha, da movimentação dos campos de dunas, entre outras motivações. O fato possibilitou, já em tempos mais recentes, a formação e a consolidação do Cumbuco, que até após a construção da Vila recebeu famílias de pescadores de Beberibe, por exemplo. As próprias moradias, construídas com varas de madeira ou de palha (caso do “Cumbuco Velho”) que apresentam uma nítida influência das comunidades indígenas — históricos habitantes que viviam de forma nômade no litoral cearense —, caracterizam essa mobilidade, pois facilmente eram construídas ou desfeitas, diferentemente de uma residência de alvenaria, para exemplificar. Essa realidade manteve-se mesmo com as históricas políticas de *normatização* e *fixação* no território, principalmente com a criação das “Colônias de Pescadores”, em 1922, que apresentam uma estrutura semelhante às “guildas” espanholas, em que podem exercer a profissão somente os pescadores cadastrados em suas respectivas colônias (DIEGUES, 1995; DANTAS, 2003).

Uma cumbuqueira, que reside na localidade desde a época do “Cumbuco Velho”, destaca que as famílias, ao chegarem, procuravam um “lugarzinho vazio”, construía suas casas (ver Figura 10) e delimitavam seus terrenos com troncos de árvores fincados ao chão e com a plantação de fruteiras, embora essa delimitação nem sempre ficasse livre de pequenos conflitos. A moradora relata uma discussão que teve com um morador das proximidades por conta das medidas que ela havia estabelecido para a delimitação de um terreno; no período da noite ele fazia uma remarcação na área e logo no dia seguinte ela delimitava novamente de acordo com o que ela considerava de direito.

Figura 10 – Casa antiga do Cumbuco



Fonte: Colônia Z-7 Cumbuco.

A interlocutora descreve com detalhes a construção de sua moradia, afirmando: “fizemos a casinha né! [...] Só um quarto. Depois cobrimos por cima [com palha] aí fomos fazer a cozinha e a sala. Fizemos uma casa bem grande. Aí fiz uma casinha para a escola no quintal [...]. Eu fui à prefeitura, pedi umas carteiras e me deram seis [...]. As carteiras grandes assim (ver Figura 11)”.

Figura 11 – Escola antiga do Cumbuco



Fonte: Colônia Z-7 Cumbuco.

De acordo com relatos de moradores antigos, o Cumbuco era caracterizado principalmente pela enorme quantidade de lagoas interdunares com peixes em abundância, pelos grandes campos de dunas⁴¹ e pela existência das áreas de vazantes, onde eles trabalhavam em pequenas produções para complementar a subsistência das famílias. Segundo Diegues (1996), uma das ações que identificam as comunidades tradicionais, principalmente pesqueiras, é a prática de combinar várias atividades econômicas dentro de um complexo calendário.

Segundo relatos de um cumbuqueiro,

[...] Antes da vila tinha uma duna justamente aqui onde é esta vila aqui. Aqui era uma duna alta “né”. Só que as pessoas tinham seus terrenos, suas vazantes, chamavam vazantes “né”. Aí plantavam: Batata, manica, milho, feijão. Porque aqui corria muito olho d’água “né”. Aqui tinha uma duna com um pé de azeitoneira bem alta, por trás tinha uma lagoa [...]

⁴¹Algumas lagoas, em processos naturais, eram soterradas pelas dunas; todavia, com o início da terraplanagem, em 1977, para a construção da Vila e dos loteamentos, assunto sobre o qual se vai falar mais adiante, ao longo do trabalho, as dunas foram aplainadas e parte da areia foi usada para a aterramento de grande parte das pequenas lagoas.

Com o intuito de complementar a subsistência das famílias, plantava-se, nas vazantes, arroz, feijão, milho, batata doce, mandioca, jerimum, entre outros produtos, além de manter criações de animais de pequeno porte: porcos, galinhas, entre outros. Na quadra invernal, essas pequenas produções que, segundo Cascudo (1957) Diegues (2005), eram preparadas pelos homens e tocadas principalmente pelas mulheres, garantiam quase totalmente a subsistência das famílias, pois nesse período o mar é mais revoltoso, o que dificultava a atividade da pesca.

A principal atividade econômica era a pesca, o que Diegues (1995, 1996) vai denominar *pequena produção mercantil*, caracterizada pela pesca artesanal voltada sobretudo para a venda, mesmo que parte da produção fosse destinada à subsistência familiar. Semanalmente, no período de maré baixa, os marchantes, oriundos de Fortaleza ou Caucaia, chegavam com seus Jeeps e compravam os pescados a preços irrisórios.

No início da formação do Cumbuco, as mulheres não tinham muitas alternativas para a geração de renda, ficando encarregadas de cuidar da casa, dos filhos e das pequenas plantações e criações. Todavia, com o passar do tempo, foram aprendendo e difundindo técnicas de bordados, labirintos, rendas⁴², entre outros produtos artesanais, comercializados em Caucaia e Fortaleza, e também vendidos a pessoas que visitavam a localidade — notadamente a partir de 1972, quando um empreendedor conheceu o Cumbuco e começou a trazer amigos para conhecer as amenidades do local.

A religiosidade dos moradores da Vila era muito forte, corroborando a ideia de Cascudo (2002, p. 23), ao afirmar que o pescador "[...] é homem que sabe, profissionalmente, esperar nas promessas de Deus e nos presentes do acaso". Novenas marianas, festejos de São Pedro, além de outras manifestações religiosas eram exemplos de uma forte devoção divina que influenciava bastante suas vidas. Entretanto não havia lá uma capela. As missas eram esporádicas, campais e com padres de outras localidades, como o Padre Vidal. Na metade da década de 1980, após a construção da Vila, por iniciativa de alguns moradores, foi iniciada uma campanha de arrecadação de dinheiro para construir uma capela e se chegou até a fazer a fundação de uma. Contudo, após reuniões com alguns empresários, veranistas e turistas, foi apresentada uma planta de outra igreja já

⁴²Segundo Cascudo (2002) a *rendeira*, em Portugal, já era sinônimo de mulher de marujo, vivendo às margens do mar. Tal atividade teria sido trazida pelos colonizadores e praticada de modo restrito às praias e não aos sertões ou agrestes.

construída, e, num prazo de 30 dias, começaram as obras da Igreja de São Pedro, que teve sua primeira missa no dia 21 de novembro de 1987⁴³.

Desde sua formação, sabe-se que o Cumbuco teve sua primeira transformação considerável no início da década de 1950, época do início da pesca da lagosta, quando passou a circular mais dinheiro na comunidade, surgindo as primeiras casas de alvenaria e os primeiros atrativos da sociedade urbana, como o radinho a pilha (PINHO, 1981). Apesar disso, tal transformação foi pequena se comparada ao que aconteceria nos anos seguintes⁴⁴.

Foi em 1972 que João Bosco Aguiar Dias conheceu o Cumbuco. Pouco tempo depois da chegada dele ao Cumbuco foram iniciados os estudos de viabilidade e de reconhecimento da área, sendo inaugurada a CUMBUCO EMPREENDIMENTOS LTDA. Naquele mesmo período, tornou-se comum a vinda de visitantes convidados pelo empreendedor, com o intuito de conhecer o local e de realizar futuros negócios. Exatamente, em seis anos, contados da “descoberta” do Cumbuco pelo empreendedor até a data da inauguração da Vila, muitas coisas aconteceram, como também nos anos que se sucederam.⁴⁵

Parte das terras que futuramente se tornaria a Vila do Cumbuco e o Loteamento Praia do Cumbuco pertencia à Marinha do Brasil, sob o Decreto-Lei nº 9.760, de 15 de setembro de 1946, que afirma que as terras de marinha vão até 33 m da linha da preamar e seus acrescidos, podendo chegar, na prática, até 100 ou 200 m de orla. E a empresa, “[...] sabedora deste fato, solicitou então que a União fizesse a demarcação das terras naquela praia” (PINHO, 1981, p. 23).

O restante das terras, segundo dados oficiais da empresa, “[...] era uma fazenda abandonada, mas tinha uma escritura desde 1848. Essa Fazenda era dividida em duas partes (Parnamirim e Jabaquara), e pertencia a uma senhora cujo nome era Caetana Tereza

⁴³ Nos dias atuais, a maior parte dos frequentadores das missas são veranistas e turistas que visitam a localidade.

⁴⁴ No quarto capítulo serão apresentados mais aspectos do Cumbuco Velho.

⁴⁵ Segundo morador local, que na época era capataz do empreendedor, pouco antes dos investimentos no Cumbuco, seu patrão tinha investido fortemente no Icaraí e na “Cidade 2000”, em Fortaleza. Especificamente sobre suas ações no Icaraí, descobriu-se que foi dono de uma construtora denominada “Construtora Icaraí LTDA”, a qual teve como sucessora a “Empresa Brasileira de Construções S/A”, e que foi sócio de Francisco de Moraes, investidor imobiliário que fora considerado um marco no crescimento urbano do Icaraí.

das Maravilhas, com Registro Imobiliário em 1892” (CONSTRUTORA CUMBUCO LTDA, 1997, p. 1).

Com base em Pinho (1981), nas entrevistas e nos documentos aos quais se teve acesso, observaram-se quatro planos estratégicos para as famílias que habitavam no Cumbuco, que resultaram na construção da Vila do Cumbuco. Todavia somente três desses planos são apresentados por Pinho (1981) e apenas um é divulgado pela empresa, que nesse momento já era Construtora Cumbuco LTDA:

1º Plano – consistia no recebimento, por parte dos moradores da comunidade, de uma indenização para construir sua moradia em outro lugar. Independentemente do número de cômodos da casa ou do tipo de material usado na construção, a família receberia Cr\$ 2.000,00, e por cada coqueiro plantado uma quantia que ia até Cr\$ 70,00.⁴⁶ Não entrariam na indenização os cajueiros, as goiabeiras, como também as mais variadas plantações que garantiam parte da subsistência. Desse primeiro plano, 20 das 120 famílias receberam as indenizações e saíram do Cumbuco.

2º Plano – surgido durante reuniões com o governo estadual e a Companhia dos Portos, esse plano encarregava a construtora de delimitar uma área do Cumbuco para os próprios moradores construírem suas casas de acordo com algumas exigências: paredes de tijolos ou de taipa revestida e cobertas de tenha. Isso num prazo de 90 dias. Caso a família não concordasse com a exigência teria de mudar-se para outro local. No intervalo entre esse plano e o posterior, mais 20 famílias decidiram pedir a indenização, pois não tinham condições financeiras de construir suas casas nos padrões exigidos.

3º Plano – novos órgãos entraram nos debates, agora em nível municipal, estadual e federal. Desses debates surgiu a proposta da construção da Vila do Cumbuco, sendo a Construtora Cumbuco LTDA responsável pelo fornecimento do material de construção das 80 casas, em troca de alguns benefícios da Prefeitura de Caucaia, do governo do estado, da Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB) e do Ministério do trabalho.

Segundo Pinho (1981, p. 25-26, grifos da autora) os benefícios foram:

⁴⁶Segundo os relatos de uma cumbuqueira, os capatazes do empreendedor marcaram as árvores dela para o corte com uma tinta específica, sem que ela tivesse dado o aval para tal ação. A moradora narra, ainda, que logo depois que fizeram a marcação ela raspou a tinta de todas as fruteiras marcadas.

- a) **A prefeitura de Caucaia** concedeu à construtora isenção de **impostos** referentes a toda a área a ser loteada, o que significa que, enquanto lhe pertencer, nenhum imposto incidirá sobre a terra. No entanto, a partir da venda de cada lote, a prefeitura começa a cobrar impostos, agora do novo proprietário.
- b) **Ao Governo do Estado** coube a **instalação de energia elétrica** na nova vila, passando, obrigatoriamente, pelo loteamento. Também este se comprometeu a entregar **asfalto líquido** à construtora para ser aplicado na estrada que vai da praia da Tabuba até a Vila.
- c) **À SUNAB** coube o **fornecimento de Cr\$ 200.000,00 para compra de alimentos destinados aos operários** que estivessem trabalhando na obra da nova vila.
- d) **O Ministério do Trabalho** contribuiu **permitindo que as casas fossem construídas em regime de mutirão**. Isto significa que os operários trabalhariam sem carteira assinada, ficando o empregador, no caso a Construtora Cumbuco, desobrigada de cumprir qualquer encargo trabalhista, tal como pagamento de décimo terceiro mês, previdência social, férias, e outros direitos que são devidos aos trabalhadores com carteira assinada, ou seja, que mantenham vínculo empregatício com a firma empregadora.

Entretanto, segundo relatos de moradores antigos, existiria outro plano, anterior ao terceiro. A proposta seria construir a Vila do Cumbuco na localidade de Lagoa do Barro, que fica depois do campo de dunas, local onde hoje vivem alguns pescadores os quais moravam antes no Cumbuco. Segundo voz dos moradores antigos, quem os apoiou para que tal plano não se concretizasse foi o intermédio Edson Mota Corrêa (Tenente Edson) que, segundo uma idosa cumbuqueira, sempre dizia “os pescadores têm que ficar na beira da praia”.⁴⁷

No dia 7 de janeiro de 1978, às 16 horas, foi inaugurado o que seria a concretização do terceiro plano: A Colônia Z-7 de pescadores de Cumbuco⁴⁸ (ver Figura 12). O convite da festa de inauguração apresentava a seguinte mensagem:

O coronel Aduino Bezerra, o Comandante Paulo Gustavo da Silva Castro Pinto, o Engenheiro Danilo Delmo Rocha de Corrêa, o Eng. Agrônomo Francisco Neves, o Sr. Francisco José Cavalcante e o Engenheiro João Bosco Aguiar Dias. Têm a honra de convidar V. Sa. e Exma. Família para a inauguração da COLÔNIA DE PESCADORES Z-7 DE CUMBUCO, em Caucaia, Ce. , que é

⁴⁷ Um dos relatos de cumbuqueiros, transcritos por Pinho (1981), apontam também a atuação do já na época ex-deputado, mas a pesquisadora não apresentou esse suposto quarto plano.

⁴⁸ Até aquele momento, o Cumbuco era apenas reconhecido pela Capitania dos Portos como uma Capatazia da colônia de pescadores da Barra do Ceará. As “Colônias de Pescadores” foram criadas em 1922 por lei federal, com uma estrutura semelhante às “guildas” espanholas, podendo exercer a profissão somente os pescadores cadastrados em suas respectivas colônias (DIEGUES, 1995).

fruto de um trabalho conjunto do Governo do Estado do Ceará, da Capitania dos Portos do Estado do Ceará, “MA-SUNAB-APD”, da Prefeitura Municipal de Caucaia, da Federação dos Pescadores do Estado do Ceará e do doador de parte dos recursos e do terreno, Eng. João Bosco Aguiar Dias (CONSTRUTORA CUMBUCO LTDA, 1978).

Foram construídas 80 casas⁴⁹ para as oitenta famílias que permaneceram, mas, conforme dados oferecidos pela Colônia e pelos documentos da construtora, foram entregues apenas 79 casas, pois uma família pediu a indenização e foi morar no litoral do Rio Grande do Norte. A casa que ficara vazia, então, foi destinada a sediar a maternidade.⁵⁰

⁴⁹ Escritura Pública de Doação – Matrícula sob nº. 1347/01 (CONSTRUTORA CUMBUCO LTDA, 1997).

⁵⁰ Local em que até o final de 2010 funcionava a sede da ONG Realce Cumbuco, financiada por instituições da Suécia. O local, atualmente, está alugado para trabalhadores da construção civil que estão finalizando a construção do Vila Galé Cumbuco.

Figura 12 – Vista aérea do Cumbuco em 1988



Fonte: Colônia Z-7 Cumbuco.

A maternidade foi incorporada pelo Programa Comunitário de Saúde Familiar, com financiamento da Fundação Kellogg e apoio da UFC (PINHO, 1981). Nesse período, quatro moradoras da colônia foram capacitadas por professores do Curso de Medicina da UFC, receberam o certificado de “Enfermeiras” e se tornaram parteiras da maternidade, atuando juntamente com um médico que vinha duas vezes por semana para a colônia.

As casas “doadas” eram divididas em oito “vilas”⁵¹ (quarteirões) formadas por 10 casas geminadas constituídas por dois quartos, sala, cozinha (com uma pia), banheiro (com um tanque d’água e aparelho sanitário, sem descarga e sem tampa), tanque para lavar roupas, fossa e sumidouro.⁵² Não existia instalação hidráulica ou elétrica,⁵³ apenas dois

⁵¹ Na linguagem dos moradores da localidade.

⁵² Pinho (1981) já destacava a problemática do esgotamento sanitário, por conta da proximidade das instalações com os poços de abastecimento d’água, fato comprovado pelo relatório de Gestão Ambiental e Social do Prodetur (2009).

⁵³ A instalação elétrica foi colocada posteriormente pelos próprios moradores, quando a prefeitura levou a rede elétrica até a Vila.

poços para toda a vila, nem existia calçada nas casas (CONSTRUTORA CUMBUCO LTDA, 1997; PINHO, 1981).

As casas foram construídas (Figura 13) em lotes de 180 m², possuindo 36 m² de área construída (seis por seis), 42 m² de cobertura, paredes de alvenaria, sem revestimento (reboco) e somente com pintura externa na cor branca; portas de madeira comum e sem forramentos; piso interno vassourado na sala e nos dois dormitórios; piso cimentado na cozinha e no banheiro.

Figura 13 – Casa original



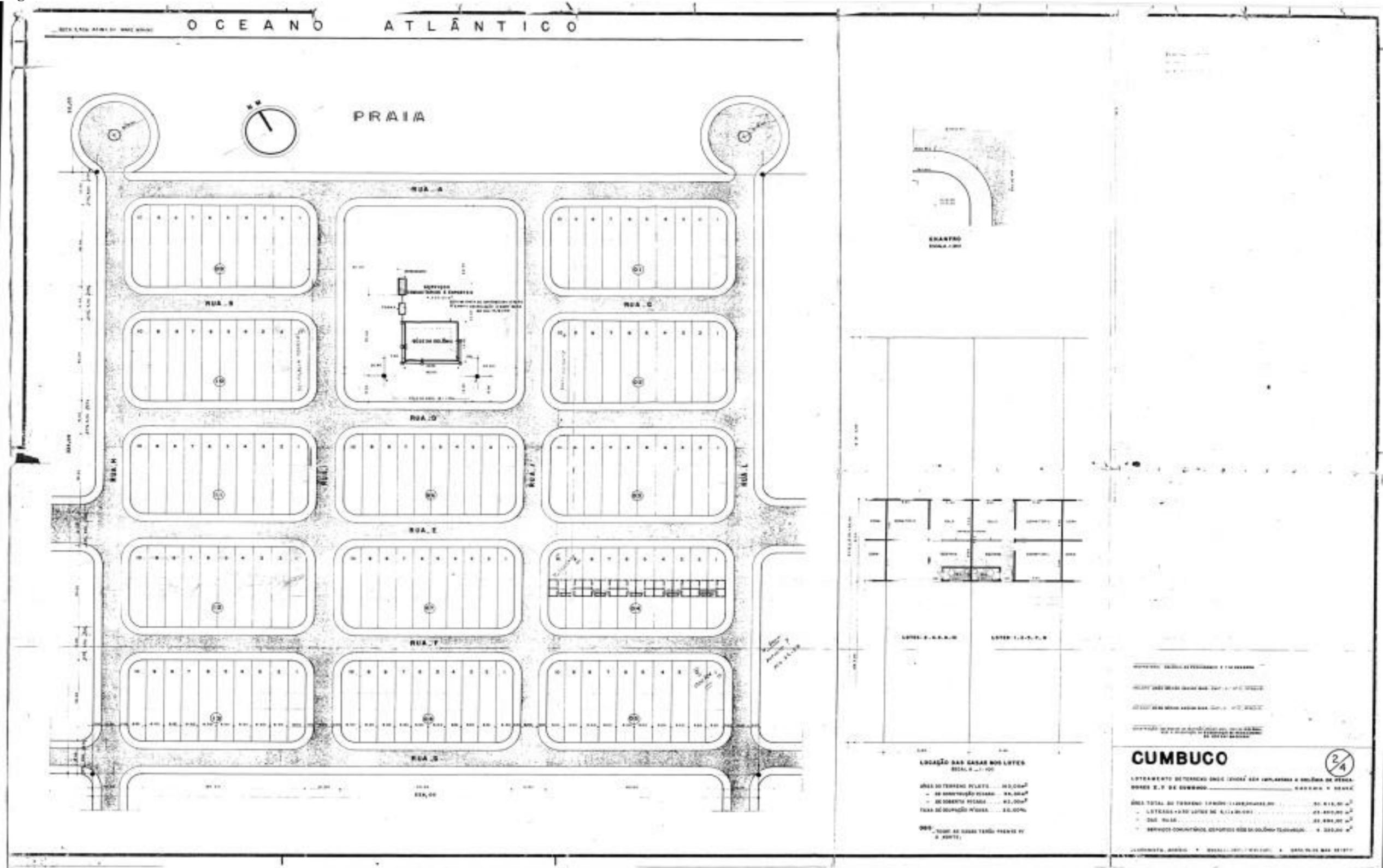
Fonte: Cavalcante (2010).

A área total da Vila é de 50.616 m², distribuída em 23.400 m² de área loteada, 22.896 m² de ruas e 4.320 m² para serviços comunitários, esportes⁵⁴ e sede da colônia. Da área loteada, apenas 14.400 m² foram realmente ocupados naquele momento, ficando 48 lotes destinados ao crescimento da Vila e dois lotes para os postos policial e telefônico⁵⁵ (ver Figura 14).

⁵⁴ Local em que posteriormente foram construídas a praça, a quadra de esportes, a igreja e a peixaria.

⁵⁵ Esta última informação foi oriunda das entrevistas, mas, segundo dados oferecidos pela construtora, foi um lote para o posto policial e outro para uma casa para as professoras.

Figura 14 – Planta da Vila do Cumbuco



Fonte: Colônia Z-Z Cumbuco.

Com a inauguração da Vila, também foi inaugurada uma escola de primeiro grau menor,⁵⁶ mantida pela Prefeitura de Caucaia, com professoras do próprio Cumbuco, uma delas já professora da Vila na “escola antiga”.

Segundo Pinho (1981),

A faixa litorânea adquirida por aquela construtora, e hoje conhecida com o nome de Cumbuco, compreende uma área de 182,52 ha, sendo que na época da compra a área, pelo menos 100 ha, era ocupada por 120 famílias de pescadores, 40⁵⁷ das quais abandonaram o local depois de começado o loteamento, restando então cerca de oitenta famílias que se amontoam em 80 pequenas casas⁵⁸ conjugadas, ocupando 50% do espaço que dispunham antigamente (PINHO, 1981, p. 16).

Dados obtidos nos documentos da construtora apontam, também, que oito meses depois da construção da Vila foi vendido o primeiro lote do Loteamento Praia do Cumbuco (Figura 15). Segundo Pinho (1981), o loteamento fora dividido em quatro partes, sendo 53,41 ha na praia do Parnamirim, 58,55 ha na Praia do Jabaquara, mais duas partes na própria praia do Cumbuco — uma com 29,77 ha e outra com 58,79 ha. Toda a área loteada foi beneficiada com energia elétrica, via de acesso asfaltada,⁵⁹ e linha de ônibus que fazia o percurso Cumbuco/Caucaia cinco vezes ao dia.

⁵⁶ A escola ficava próxima do que hoje é a peixaria.

⁵⁷ Segundo dados da Construtora Cumbuco, saiu somente uma família, mas as entrevistas com os moradores antigos corroboram as afirmações de Pinho (1981).

⁵⁸ Pinho não atentou à época que uma das 80 residências tinha sido destinada à maternidade.

⁵⁹ Esse acesso entrou em desuso com a construção da CE-090, mas ainda se nota parte desse antigo acesso, como também o principal ponto de referência de início do Cumbuco, na época chamado “curva do S”.

Figura 15 – Frente e verso do folder de divulgação do Loteamento Praia do Cumbuco



Fonte: Colônia Z-7 Cumbuco.

Ainda conforme dados obtidos por meio de documentos da construtora, existia um regulamento específico para disciplinar o uso dos lotes vendidos. O proprietário só poderia usar 25% de cada lote para construir e os 75% restantes deveriam ser usados para áreas verdes, campos de esportes, piscinas, entre outras áreas, “[...] deixando o Cumbuco com um aspecto de um enorme bosque” (CONSTRUTORA CUMBUCO, 1997, p. 1).⁶⁰ Se observados os mapas e se visitado o local, percebe-se que o fato não se concretizou. Assim, em meados dos anos de 1980, “[...] próximo à Vila onde antigamente só existiam dunas e coqueirais, começam a surgir quarteirões de casas de veraneio” (PINHO, 1981 p. 6).

Os primeiros problemas surgidos após a construção da Vila foram a falta de espaço destinado às pequenas produções de subsistência da população e para a criação de pequenos animais, e conflitos entre a vizinhança pelo fato de as casas — antes distantes umas das outras — terem se tornado geminadas. Uma Cumbuqueira entrevistada destaca que teve problemas com seus vizinhos por causa de suas criações e que recebeu várias advertências do empreendedor, por intermédio de seus capatazes. Mesmo depois da construção da Vila, o empreendedor agia fortemente na regulação da vida dos moradores.

⁶⁰A legislação da prefeitura também limitava as construções, na época, em dois pavimentos. Todavia, desde 2001, com o PDDU de Caucaia, são permitidas construções de até quatro pavimentos, fato que motivou, no ano de 2007, uma manifestação no Cumbuco e na Tabuba, “reivindicando a suspensão imediata das licenças para construções acima de dois pavimentos, assim como a reversão da legislação que permite esse tipo de edificação” (DIÁRIO DO NORDESTE, 3 de fevereiro de 2007).

Os cinco quarteirões que ficaram⁶¹ vazios foram sendo ocupados aos poucos pelos filhos dos moradores que casavam e começavam a formar suas famílias. Todavia, na metade da década de 1980, os lotes vazios que restavam foram ocupados pelos pescadores de Beberibe, que se transferiram para o Cumbuco, por conta do auge da pesca do camarão na localidade e de conflitos por terra em seu município de origem, e construíram suas casas no quarteirão 13, dividindo os lotes ao meio. A família, para poder construir em um daqueles lotes, tinha de obter o aval da Colônia, da Capitania dos Portos e da Construtora,⁶² mas não recebia o papel da casa, como aconteceu com as 79 famílias que receberam as casas da construtora e ficaram, assim, subordinadas à escritura coletiva da colônia. Foram construídos desse modo mais cinco “vilas” (quarteirões).

Em 1981, Pinho já destacava que muitos moradores do Cumbuco estavam deixando a atividade da pesca e trabalhando na construção civil, construindo casas de veraneio. Homens e mulheres começaram a trabalhar, também, como caseiros, vigias, empregadas domésticas, lavadeiras, jardineiros, entre outras ocupações, realidade um pouco distinta da de 1957, que fez Cascudo (1957, p. 40) afirmar que o pescador “é o agrupamento humano que menos emigra de profissão”.

Já em dezembro de 1980, quando Pinho concluiu sua base de dados, existiam, além das casas residenciais, 20 bares, pertencentes à época aos pescadores que mudaram de ramo profissional; casas destinadas a aluguel para turistas; maternidade; escola municipal. Ressalta-se que naquele tempo, pela falta de pousadas, os moradores da Vila alugavam cômodos de suas casas para os turistas. Em 1979 e 1980, o preço da terra do Loteamento Praia do Cumbuco aumentou 100% (PINHO, 1981).

Segundo a amostra de Pinho (1981), em 1980, apenas 48% dos homens participantes da população economicamente ativa viviam da pesca, cerca de 22% estavam trabalhando como servente de pedreiro, seguidos de uma grande porcentagem de donos de bares e de outras atividades menos expressivas, além do fato de muitos pescadores também trabalharem na construção civil, quando “estavam no seco”,⁶³ e como garçons nos fins de semana. No entanto, a autora afirma que 40% dos homens viviam exclusivamente da pesca.

⁶¹ Os quarteirões 4, 5, 8, 12 e 13 da planta da Vila do Cumbuco (ver Figura 14, p.53).

⁶² Se uma família quisesse vender sua casa tinha também de ter o aval dessas instâncias, mas, com o passar do tempo, essa prática deixou de ser feita, ficando muito fácil os trâmites de compra e venda das casas.

⁶³ Refere-se, na linguagem dos pescadores, ao período em que não estavam em alto-mar pescando.

Em 1986, período marcado pela força da urbanização litorânea, o jornal O POVO publicou que “[...] no Cumbuco, o vilarejo persiste, mas também está sufocado pelas mansões”, em reportagem que tratava das pressões que os pescadores sofriam para ceder lugar aos especuladores imobiliários em Fortaleza e na Região Metropolitana (O POVO, Dia 7 de fevereiro de 1986).

Ainda em 1986, em outra reportagem do Jornal O POVO, lia-se a afirmativa que o “[...] Cumbuco tem 100 casas de pescadores e 200 de veraneio que, sem dúvida, são as mais belas da Costa Litorânea Cearense” (O POVO, Dia 12 de outubro de 1986).

No final da década de oitenta, já com a construção do hotel Saint Tropez des Tropiques, o Cumbuco se torna um marco para o turismo cearense, especificamente com relação ao turismo internacional, pois chegavam os primeiros voos *charters*, que traziam turistas diretamente para o empreendimento hoteleiro francês pela empresa aérea *Air France*⁶⁴. A empresa espalhava naquele momento por toda a Europa cartazes e folders da “[...] operadora de turismo ‘El Condor’, convidando os civilizados a descobrirem este paraíso, um Éden de sol eterno, águas tépidas e brisa amena que suaviza o calor.” (O Povo, 12 de agosto de 1988). Entre o período de fevereiro de 1989 e janeiro de 1990, cerca de 1100 franceses chegaram pelo aeroporto de Fortaleza para se hospedar no citado hotel (O Povo, 19 de janeiro de 1990).⁶⁵

⁶⁴É importante dizer, ainda, que o referido empreendedor foi um dos idealizadores do projeto, e que sua construtora foi responsável pela construção do citado hotel cinco estrelas, que custou mais de dez milhões de dólares (O POVO, 22 de setembro de 1989).

⁶⁵Nesse período, a Construtora Cumbuco era criticada pelo desmonte de dunas para a urbanização do empreendimento turístico (O POVO, 06 de julho de 1989).

3 CUMBUCO: ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

3.1 Construção dos fios condutores

Uma das principais características do mundo atual, no dizer de Santos (2006, p. 185), “[...] é a exigência de fluidez para a circulação de ideias, mensagens, produtos ou dinheiro, interessando aos atores hegemônicos”. A internacionalização chegou a tal patamar que Aglietta e Berrebi (2007, p. 8, tradução nossa) afirmam na introdução de seu livro que a “[...] globalização deve ser vista como um sistema multilateral de interdependências, em que as potências emergentes exercem influência sobre as economias desenvolvidas”.⁶⁶

O Brasil, nos últimos decênios, vem despontando nos vários ramos da economia e da política e se tornando uma *potência periférica*,⁶⁷ mesmo com suas contradições, pois, com a globalização, que Harvey (2004) chama de desenvolvimento geográfico desigual, o Estado perdeu alguns poderes tradicionais de controle da mobilidade do capital monetário e financeiro. Não obstante, ele ganha força geométrica de penetração em certos segmentos da vida político-econômica e torna-se ainda mais intervencionista do que em momentos anteriores. Nesse contexto, aumentaram as dificuldades do exercício de um poder disciplinador de uma potência central sobre outras potências, assim como diminuíram as dificuldades para que as potências periféricas se inserissem na concorrência capitalista.

O estado do Ceará, nessa conjuntura, vem passando, nas últimas décadas, por importantes mudanças em sua dimensão socioespacial, transformações que ocorrem principalmente em função da introdução das “novas” dinâmicas da racionalização capitalista que operam no estado, destacando-se o turismo, desenvolvido não somente no Cumbuco, mas em grande parte do litoral cearense, como também outros *vetores de modernização* frutos da reestruturação socioespacial capitalista, a saber: o agronegócio nos

⁶⁶ “[...] la globalisation doit être perçue comme un système d’interdépendances multilatérales, où les puissances émergentes exercent une influence déterminante sur les économies développées” (AGLIETTA & BERREBI, 2007, p. 8).

⁶⁷ Para Becker & Egler (1994), o Brasil já se constitui uma potência semiperiférica, numa alusão à conceituação de Immanuel Wallerstein.

vales úmidos⁶⁸ e a atividade industrial no Cariri Cearense, em Sobral e na Região Metropolitana de Fortaleza.⁶⁹ Esses territórios, antes *neutros* para a acumulação capitalista, hoje são *estratégicos* e *seletivos* para a reprodução capitalista no estado do Ceará, consubstanciando-se como verdadeiros *pontos luminosos* que contrastam fortemente com a paisagem cearense predominante (LIMA, L., 2007).

Acredita-se que nos dias atuais exista uma complementaridade desses ramos e setores aqui trabalhados, engajados num projeto de criar um verdadeiro estado para negócios, inserido numa nova fase do desenvolvimentismo no estado do Ceará, relacionando todo o marketing aos negócios, ao gerenciamento empresarial, às parcerias público/privadas, aos convênios com organismos internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O litoral, nosso foco de análise, tem como principal catalisador de transformação a atividade turística, que atualmente também ocupa um papel importante no conjunto de relações políticas e econômicas do Ceará, e que vem se consolidando cada vez mais no estado devido a diversos fatores, entre os quais Coriolano e Fernandes (2005) destacam: possibilidades de acesso a todo o território cearense; criação de atrativos naturais e culturais para o turista; qualidade profissional dos serviços prestados; os equipamentos turísticos; marketing.

⁶⁸ Segundo Elias (2007), os territórios da agricultura moderna no espaço agrário do semiárido, especificamente no estado do Ceará, são os vales úmidos e seus perímetros irrigados ligados à fruticultura, formando verdadeiros agropolos que representam atualmente o carro-chefe da produção agrícola cearense. Ainda conforme Elias (2002), essa perspectiva de desenvolvimento faz com que novas áreas passem a ser incorporadas pela agricultura globalizada, cujos circuitos espaciais da produção ultrapassam os limites da região Nordeste e do País.

⁶⁹ Destaca-se, também, o papel da atividade industrial como mais um dos vetores que impulsionam a reestruturação socioespacial capitalista no estado do Ceará. O fato, segundo Silva (2007, p. 111), é impulsionado, entre outros fatores, pelos incentivos fiscais, a partir da década de 80, calcados na ideia de maior distanciamento da capital, que fora o locus preferencial dos investimentos até aquele momento, no contexto em que “[...] os empresários vislumbravam na política de interiorização da indústria algumas vantagens, traduzidas num maior distanciamento da luta sindical, redução de custos da produção e, logicamente, uma maior lucratividade”. Esse processo vem se consolidando, pois mesmo com a real concentração dos investimentos na Região Metropolitana de Fortaleza, outras particularidades do estado começam a se destacar na produção industrial, como a Região Metropolitana do Cariri, que se configura uma das regiões que mais têm interessado aos capitais hegemônicos atuantes na atividade industrial do estado, uma vez que já possuía certa tradição no ramo e hoje é considerada um dos grandes núcleos de concentração industrial no Ceará (BESERRA, 2007). Sobral, município localizado na região norte do estado, também se destaca, já dispondo, desde meados dos anos 1990, de um perfil produtivo diversificado. Todavia, com a instalação da Grendene S. A. instaura-se um novo capítulo na produção calçadista do município, ao dinamizar os componentes da economia urbana, sobretudo por contratar, em períodos de alta produção, mais de 14 mil funcionários. Sobral em pouco tempo despontou como um dos principais municípios em termos de produção calçadista do estado do Ceará (ALMEIDA, 2009).

O litoral passa a ser disputado, também, pelos agentes imobiliários, mais fortemente na década de 1990, os quais se articulam em prol de certo tipo de urbanização junto ao mar e em suas imediações. A intenção dessa mudança visa dotar esses territórios de infraestruturas físicas, ou seja, todo um aparato que fomenta a formação de um ambiente construído (HARVEY, 2004) com a instalação de calçamentos, energia elétrica, serviço de telefonia, saneamento básico e água potável, para a valorização dos territórios, com a finalidade de venda e exploração de atividades turísticas.

O Ceará, com uma extensa linha de costa de 573 km, passa por um processo de implantação de melhorias na infraestrutura viária e de serviços por meio do poder estatal e de parcerias público/privadas, que propicia a implantação dos empreendimentos imobiliários e turísticos, além de toda uma construção de “vocação turística” no imaginário cearense e da sociedade em geral (DANTAS, 2007, 2009, 2002).

Mas como entender toda essa nova realidade que se constrói no Ceará? Quais os processos que a engendraram? Quais os principais agentes transformadores? Quais as ordens próximas e distantes que levam o Cumbuco a se inserir nesse contexto? Essas questões provavelmente não serão exauridas nesta pesquisa.

Toda essa realidade, na perspectiva das *ordens distantes*,⁷⁰ torna-se inteligível no contexto da busca por novos territórios e setores que antes serviam de reserva, e que tiveram importância fulcral na iniciativa de perpetua o do modo de produ o vigente diante das suas constantes crises de sobreacumula o. Essa circunstância foi ocasionada especificamente após a crise dos anos de 1970, levando   utiliza o de inúmeras estratégias na tentativa de recompor suas margens de lucro. Todavia, para poder fazer tais afirma es   necessário entender conceitualmente o que são e como desenrolam tais crises de sobreacumula o.

Desde David Ricardo, as análises apontam para uma realidade longe de ser harm nica, como pensava Adam Smith,⁷¹ demonstrando que havia interesses conflitantes entre as classes, o que gerava impedimentos para o crescimento e caminhava para uma situa o de um *Estado Estacionário*, resultante do crescimento populacional e do cultivo de terras cada vez menos férteis. Assim, a taxa de lucro estaria reduzida a um mínimo e o

⁷⁰ Ver em Lefebvre (2001).

⁷¹ O teórico imaginava que o aumento da produtividade, da divisão do trabalho e dos salários traria um aumento do bem-estar social.

sistema entraria em estagnação, gerando apenas o suficiente para repor o desgaste do capital no processo produtivo, enxergando a tendência permanente de queda nos salários (RICARDO, 1996). No entanto, o autor via no constante progresso técnico e na expansão comercial as saídas para essa estagnação.

Karl Marx, mesmo que em seus planos iniciais tivesse esboçado as crises do capital, não construiu uma teoria completa e sistematizada sobre tal questão (ROSDOLSKY, 2001). Todavia, num contexto geral de suas obras, o autor tratou da tendência da queda da taxa de lucro,⁷² formando excedentes de capital e de força de trabalho, fato que o desvaloriza, pois não se encontram maneiras de associar esses excedentes lucrativamente (HARVEY, 2005).⁷³

Não foram poucos os pensadores engajados na sistematização de uma teoria das crises do capital, que quase sempre alegavam de modo fatalístico os limites das estratégias de retardamento de seus problemas estruturais e seu futuro desmoronamento. Contudo, no decorrer da história, o modo capitalista de produção, ao contrário do modo de produção feudal, por exemplo, conseguiu forjar novas relações sociais de produção, ou seja, reproduzir sua própria sobrevivência, mesmo diante de suas contradições.

Nesse contexto, para a teorização da investigação, lança-se mão da capacidade de *ressignificação*⁷⁴ do capitalismo, no cerne de sua trama social, para garantir sua própria sobrevivência. A relação diferencial do trabalho com a natureza gerou diferentes modos de produção e economias-mundos⁷⁵ em diferentes locais do globo, entretanto tais modos não tiveram uma *elasticidade* bastante para garantir sua sobrevivência. O feudalismo, mesmo sobrevivendo vários séculos, ruiu diante da insurreição do modo de produção capitalista. Entretanto, o capitalismo, com sua capacidade de ressignificação ainda imensurável, mesmo diante de todas suas previsões de destruição, a todo momento está em mudança para garantir sua própria sobrevivência, mas, mesmo com a mudança, o trabalho abstrato e o valor ainda reinam.

Marx (2008, p. 13-14, grifo nosso), afirma que

⁷² Como se observa em Marx (2004).

⁷³ Para Harvey (2008), as políticas do capitalismo são comandadas pela perpétua necessidade de encontrar terrenos lucrativos para a produção de excedentes de capitais e sua absorção rentável.

⁷⁴ É importante observar que não se quer apresentar o capitalismo como uma força indelével, mas destacar que, por meio de sua capacidade de ressignificação, todas as predições anteriores de seu definhamento caíram por terra.

⁷⁵ Ver Braudel (1987).

A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, portanto relações de produção, e, por conseguinte todas as relações sociais. A conservação inalterada dos antigos modos de produção era a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A transformação contínua da produção, o abalo incessante de todo o sistema social, a insegurança e o movimento permanentes distinguem a época burguesa de todas as demais. *As relações rígidas e enferrujadas, com suas representações e concepções tradicionais, são dissolvidas, e as mais recentes tornam-se antiquadas antes que se consolidem.* Tudo que era sólido se desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.

Segundo Lefebvre (2008, p. 116-117),

O capitalismo e a burguesia como classe atuante à escala estratégica só puderam manter o essencial das relações determinadas de produção modificando-as. A tese de uma pura e simples “re-duplicação”, de uma repetição pura e simples, de uma mera acentuação dessas relações pela ideologia e pela coação, não corresponde aos fatos, nem os explica. Houve crescimento das forças produtivas à custa da destruição de uma parte delas (da “natureza” e pelas guerras). O capitalismo se estendeu subordinando a si o que lhe preexistia: agricultura, solo e subsolo, domínio edificado e realidades urbanas de origem histórica. Do mesmo modo, ele se estendeu constituindo setores novos, comercializados, industrializados: os lazeres, a agricultura e a arte dita “moderna”, a urbanização. Entre estas extensões existem, ao mesmo tempo, concordâncias e divergências, unidade com contradições (novas, a esclarecer). Portanto, o capitalismo só se manteve estendendo-se ao espaço inteiro (transbordando dos lugares de seu nascimento, de seu crescimento, de sua potência: as unidades de produção, as empresas, as firmas nacionais e supranacionais).

Na atualidade, David Harvey, em sua vasta obra, tenta fazer uma sistematização da teoria das crises, levando em conta o que o autor denomina dialética do *interior-exterior*, pois grande parte das teorizações e até mesmo de suas críticas⁷⁶ se consolidaram contemporaneamente, em nossa interpretação, de modo basicamente restrito às análises da dialética interna e das relações de produção, sendo estas últimas com referência somente às relações de chão de fábrica, no cerne da *subsunção real* do trabalho ao capital, na geração de *mais-valia absoluta* e *mais-valia relativa*, no cerne da dupla

⁷⁶Ver, por exemplo, os debates que Antunes (2003) trava com os teóricos que defendem o fim da centralidade da categoria trabalho.

dimensionalidade da atividade produtora do *valor de uso* e *valor de troca* — o trabalho — considerada a base fundamental geradora das contradições.

Por outro lado, existiram outras teorizações que acabaram por desconsiderar a dialética interna, como fizeram muitas vezes os teóricos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), por exemplo, que esqueciam a esfera da produção (em sentido estrito) e levavam em conta apenas a circulação, ou seja, o comércio internacional desigual, sendo colocado, por vezes, em segundo plano o fato de a reprodução expandida do capital ser fruto da relação entre produção e circulação (GONZALEZ, 1984).⁷⁷

Moreira (1999), inspirado em Henri Lefebvre, destaca a importância de uma análise indissociável na produção da fórmula valor, tanto da produção quanto da circulação, ressaltando que em determinados momentos uma se sobrepõe à outra.⁷⁸

O autor afirma que

A hegemonia do capital mercantil significou o primado da esfera da circulação sobre a esfera da produção. A passagem para a hegemonia do capital industrial significou a inversão, com a esfera da produção ascendendo ao primado sobre a esfera da circulação. A presente passagem para a hegemonia do capital financeiro significa uma espécie de retorno do primado da circulação sobre a esfera da produção. Mas a forma das duas esferas e das relações entre elas hoje apresenta diferenças significativas que fazem (literalmente) a diferença, comparadas ao passado (MOREIRA, 1999, p. 49).

Nesse contexto, analisando a dialética interna, com base nas abordagens de Lefebvre, Harvey aponta três circuitos do processo de acumulação capitalista: o circuito primário, que seria o processo produtivo em si; o circuito secundário, relacionado ao

⁷⁷Ratifica-se aqui que o interesse nessa argumentação não é polemizar com as posições supracitadas, mas, de maneira introdutória, tentar contribuir para esse debate tão polêmico, no sentido de fomentar uma análise que leve em conta a dialética interna e externa da reprodução expandida do capital. Além de várias ressalvas, como para Celso Furtado, por exemplo, que segundo Silva (2009, p. 7) “[...] seus estudos privilegiaram a abordagem das questões mais prementes do Nordeste com elevado teor analítico respaldado na realidade e embasado em fundamentos teóricos de vanguarda.”

⁷⁸A sobreposição, ou não, será observada a partir da análise do *processo*. Não foi, portanto, por acaso que a teoria clássica da localização, que teve como principais teóricos Von Thünen, Alfred Weber e August Lösch e que fora fixada principalmente nas análises da circulação, tenha sido elaborada no auge do mercantilismo (HARVEY, 2006).

investimento no ambiente construído⁷⁹ e em bens de consumo; o circuito terciário, referente aos investimentos em ciência e tecnologia. Assim, em contexto de crises, em que o circuito primário não é capaz de manter de maneira solvável os níveis de lucro, o investimento no urbano é incentivado, para estimular o consumo, com uma mudança de fluxo de capital para outro circuito, de modo a fortalecer a capacidade de produção.⁸⁰ Contudo, a intenção é de que o capital volte ao circuito primário.

Entretanto, as ações referentes à dialética interna são acompanhadas intimamente das ações na dialética externa, por meio de deslocamentos espaciais pela abertura de novos mercados, novas capacidades produtivas e novas possibilidades de recursos, sociais e de trabalho, em outros territórios, ou seja, *ajustes espaciais*, os quais Harvey também denomina *ordenações espaço temporais* (HARVEY, 2005, 2006), além de ações combinadas entre a dialética interna e a externa (HARVEY, 2005).

Segundo Harvey (2005), hoje poucos aceitam a teoria do imperialismo de Rosa de Luxemburgo,⁸¹ mas sua teoria apresenta uma importante característica para a argumentação da pesquisa, teorização que aponta ter o capitalismo de dispor perpetuamente de algo fora de si mesmo, externo (dialética externa) para recuperar-se.⁸²

Harvey (2005) vai tratar ainda da continuidade da acumulação primitiva, que, nos atuais contextos, o autor vai chamar de *acumulação por espoliação*, afirmando que as análises fixadas somente na dialética interna entendem como não mais relevantes a acumulação baseada na “[...] relação predatória e fraudulenta e na violência de uma etapa original” (HARVEY, 2005, p. 120). Para o autor, a acumulação por espoliação, no tocante

⁷⁹ Para Harvey (2008), a urbanização depende fortemente da mobilização de excedentes de produção numa íntima relação entre desenvolvimento do capitalismo e urbanização.

⁸⁰ Vide, por exemplo, as obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), que se constitui na construção de infraestruturas, que, segundo Singer (2009), não foi feito em função da crise, mas veio a calhar, pois no contexto da crise mundial dos anos 2000 o Brasil não precisou de outro plano para enfrentar a crise. Entretanto, Carlos (2001) faz a ressalva de que em um primeiro momento o espaço aparece como condição necessária à reprodução. Todavia, com a pulverização do espaço em pequenas propriedades, tornando-o cada vez mais raro, ele aparece como uma barreira à acumulação, cabendo ao Estado criar novas possibilidades de acumulação por meio da dominação, como a Operação Faria Lima na cidade de São Paulo, observada pela autora. O Estado, para Lefebvre (Mimeo), é o mestre de obras da produção do espaço. É relevante ressaltar, também, a inserção do Estado não somente nos setores produtivos, mas também no *sobreproduto social* (DAMIANI, 2002).

⁸¹ Harvey (1975) aponta a necessidade da busca do elo perdido entre a teoria da acumulação e a teoria do imperialismo para o entendimento da geografia da acumulação capitalista.

⁸² Ideia parecida é encontrada na construção teórica da conceituação de *Exército Industrial de Reserva*, que para um primeiro olhar representa a sua própria negação, pois literalmente expulsa os trabalhadores do sistema produtivo, expulsa os produtores do valor. Todavia, esse fato ocorre na iniciativa de acumulação em períodos posteriores (HARVEY, 2005).

ao processo de expansão geográfica do capital, se fez primordial, pois somente as indústrias não suportavam os investimentos de capital sobreacumulado, sendo necessária a espoliação de territórios virgens para a acumulação capitalista, em outras palavras, *territórios de reserva* — na perspectiva de Harvey (2005) e Robira (2005) ⁸³.

Hobsbawm (1996), apresentando um cenário geral do século XX, afirma que vivemos numa era de crise que vem se desenvolvendo desde meados da década de 1970, após um período denominado *era de ouro* do capitalismo, ⁸⁴ referindo-se ao intervalo de tempo entre a segunda grande guerra e a crise dos anos de 1970, ocorrida por conta de grande *destruição* ⁸⁵ do chão de fábrica europeu, como também de grande parte de seu ambiente construído, abrindo um novo patamar para a acumulação capitalista ⁸⁶ e gerando consumo exacerbado de meios de produção e mercadorias em sua reconstrução. ⁸⁷

Entretanto, para o referido autor, logo a demanda dos países em reconstrução acabou, e os capitalistas passaram a uma fase de superprodução, culminando com a crise da década de 1970, em que eles tinham meios de produção e mercadorias em excesso e não existia uma demanda solvável para seu consumo, o que gerava um processo de sobreacumulação (Hobsbawm, 1996; Harvey, 2005).

Nessas circunstâncias, uma série de reestruturações e flexibilizações são vivenciadas nos países desenvolvidos, como o fim do fordismo e a instauração da acumulação flexível, que se utiliza de inúmeras estratégias na tentativa de recompor suas margens de lucro, desde a flexibilização das relações de trabalho, a busca de novos setores ⁸⁸ de acumulação, reestruturações socioespaciais e a acentuação do capital financeiro. ⁸⁹

⁸³ Harvey (2005, p. 117) usa a expressão “territórios não-capitalistas” e Robira (2005, p. 10), também trabalhando com o pensamento de Harvey, usa a conceituação de “territórios-reservas” para tratar do que a autora denomina de colonização de áreas metropolitanas.

⁸⁴ Chesnais (1997) vai denominar esse mesmo período de *30 anos gloriosos*.

⁸⁵ Lefebvre (2008), Harvey (2005) e Berman (1986) fazem uma profunda análise do papel da *autodestruição* — *autodestruição inovadora* para Berman e *destruição criativa* para Harvey — de espaços produzidos e seu papel na manutenção das taxas de acumulação.

⁸⁶ Para Lefebvre (2009, p. 144) “[...] as guerras tiveram o mesmo efeito que as crises: purgar o modo de produção dos excedentes que o entulham, restabelecer as condições de seu funcionamento”.

⁸⁷ Momento histórico das grandes vitórias trabalhistas, período do fordismo, do estado de bem-estar social na Europa.

⁸⁸ Vide o exemplo dos investimentos em outros setores, como o turismo em Nova Iorque, Paris, Londres, Barcelona, entre outras cidades que passaram por um processo de reestruturação espacial.

⁸⁹ A acentuação e a dinamização do mercado financeiro, que na década de 1970 representou umas das soluções da crise, foi nos anos 2000 o principal catalisador da crise mundial, que teve como epicentro a

E onde se encontra o Brasil, o Nordeste, o Ceará e o Cumbuco nesse contexto? Qual a contribuição de todo esse percurso teórico? Os investimentos, as reestruturações e transformações na dialética interna dos países desenvolvidos não foram suficientes para a contenção das crises, fazendo com que os investidores dessas nações agissem externamente por intermédio de *ordenações espaço temporais* na busca de novos mercados, novas capacidades produtivas, mão de obra barata, recursos naturais, incentivos fiscais, entre outras estratégias.

É nesse conjunto que vão ser encontrados alguns dos fundamentos para os vários processos de reestruturação capitalista que culminaram na circunstância de que a Europa vive hoje uma realidade pós-industrial, transferindo o chão de fábrica para países periféricos como os da América Latina, por exemplo. Tal fato contribui com alguns subsídios para o entendimento da recente industrialização do Nordeste e conseqüentemente Cearense com base nos ajustes espaciais,⁹⁰ como também nos deslocamentos setoriais/espaciais, que levaram ao surgimento de verdadeiros agropolos nos vales úmidos nordestinos, por meio de grandes transnacionais como a Del Monte, a Nolle, entre outras, como afirma Elias (1999). Contribui, ainda, para o entendimento do processo de turistificação do litoral cearense, com a construção de grandes empreendimentos hoteleiros e toda uma urbanização litorânea, tanto pelos deslocamentos setoriais/espaciais quanto pela espoliação de *territórios de reserva*.⁹¹

A partir dessa linha de raciocínio consegue-se tornar inteligível a presença no Cumbuco de uma grande rede hoteleira mundial como o grupo Vila Galé, ou até o hotel Saint Tropez des Tropiques, ainda na década de oitenta⁹², com investimento francês e voltado para francês, além de uma vultosa gama de investimentos de grupos e de investidores individuais europeus — como foi demonstrado no segundo capítulo — que

crise americana das hipotecas. Kurz (1996) afirma que por meio da acentuação do capital financeiro e dos processos especulativos vai se formando uma bolha financeira de dinheiro que não existe, a qual aumenta cada vez mais, ao passo que a crise aumenta no mesmo ritmo. O autor vai ainda mais além ao afirmar que quanto mais o capitalismo se expande, se flexibiliza e se complexifica mais ele está à beira do colapso.

⁹⁰ Mesmo que o referido processo de industrialização seja recente, já no período dominado pela acumulação flexível, semelhante deslocamento de investimentos pode se apropriar de várias estratégias de produção fordistas no Ceará, por conta dos baixos salários e da inexistência de tradição sindical, e pelos incentivos fiscais, como afirma Pereira Júnior (2005).

⁹¹ Para Carlos (2001, p. 179) “[...] o capital, circulante por excelência, migra sempre para setores mais produtivos da sociedade, generalizando uma mobilização frenética no espaço, num jogo de valorização/desvalorização/revalorização”.

⁹² Para Dantas (2006, p. 251), “Os anos 1970 simbolizam um movimento importante de transformação e incorporação do litoral cearense à sociedade de consumo, mas é na segunda metade dos anos 1980 que este processo se intensifica”. Lima M. (2002) também dá esse destaque.

diante da dificuldade de encontrar demandas solváveis para seus investimentos em seus países de origem decidiram investir maciçamente em novos setores da economia e em países periféricos, neste caso no Brasil/Ceará/Cumbuco.

O investimento no turismo esportivo, a partir do Kitesurf, e a realização de eventos esportivos em geral também são de importante destaque, principalmente com a confirmação do Vila Galé Cumbuco como um dos locais de concentração de seleções no período da Copa do Mundo de 2014. O fato, além de reafirmar o atual período de crescimento econômico brasileiro e de prestígio internacional, consolida o Cumbuco como uma rota importante de turismo e negócios, também em escala internacional.

Como diz Lefebvre (1973, p. 21), fora “[...] ocupando o espaço, produzindo um espaço”, que o capitalismo conseguiu sobreviver às suas crises de sobreacumulação, mesmo sem resolvê-las. Entretanto, após uma análise do processo de acumulação capitalista com base na dialética interior/exterior e no destaque da importância da articulação das esferas da produção e da circulação para o entendimento da reprodução expandida do capital, ressalta-se que o conceito de produção, em Lefebvre, ganha amplitude e supera a dicotomia entre infraestrutura e superestrutura, passando a ser entendido como “[...] produção de coisas (produtos) e de obras, de ideias e de ideologias, de consciência e de conhecimento, de ilusões e verdade” (LEFEBVRE, 1999, p. 37).

Nesse sentido, como destaca Carlos (2008), faz-se necessária uma análise conjunta tanto da acumulação quanto da (re)produção das relações sociais de produção, num contexto em que a *rotina do controle fabril* recobriu a vida cotidiana da sociedade, referindo-se ao que Lefebvre denomina sociedade burocrática do consumo dirigido.⁹³ Segundo Lefebvre (1973), a (re)produção das relações sociais de produção, que não se trata somente de uma mera repetição de relações anteriormente estabelecidas, mas resultado de um leque de “novas” estratégias engendradas para a manutenção da realização do capital, mesmo com suas contradições.

Para Marx (2004, p. 135, grifos do autor),

⁹³ Nas palavras de Jappe (2008, p. 38), “[...] o alargamento da reificação para fora da esfera do trabalho”.

A produção capitalista não é apenas reprodução da relação; na sua reprodução a uma escala cada vez maior e na mesma medida em que, com o modo de produção capitalista, se desenvolve a força produtiva social do trabalho, cresce também perante o operário a riqueza acumulada, como *riqueza que o domina*, como capital; perante ele expande-se o mundo da riqueza como um mundo alheio e que o domina; e na mesma proporção se desenvolve a sua pobreza, a sua indigência e a sua sujeição subjetivas.

Assim, “[...] não há reprodução das relações sociais sem uma certa produção de relações; não há aqui um processo puramente repetitivo” (LEFEBVRE, 1973, p. 11).⁹⁴ No decorrer do tempo, essa nova racionalidade, fomentada pela crise de sobreacumulação do capital e pelo conseqüente processo de reestruturação produtiva, intensificou a busca por novos setores e territórios de produção, de exploração e de dominação, como o lazer, a vida cotidiana, o conhecimento e a arte, a urbanização (LEFEBVRE, 2001).

Damiani (Mimeo, s/d, p. 2) fala da abrangência organizacional capitalista “[...] envolvendo os vários âmbitos da vida social, já não mais somente do trabalho”. Em outras palavras, a incorporação produtiva da atividade humana extrapolou o tempo destinado ao trabalho, expandindo-se ao ócio, ao lazer, à vida cotidiana, a fim de (re)produzir as relações sociais de produção capitalista.

Segundo Damiani (1993, p. 10, grifo nosso),

O crescimento industrial, o desenvolvimento da técnica, entrevendo a produtividade sem limites; *a importância do ócio, o controle não só da demanda solvável, mas dos desejos e necessidades dos consumidores, por parte dos que organizam a produção* (destaque à publicidade, à ideologia do consumo); os limites da racionalidade burocrática, organizando o consumo, assentada no cotidiano, são algumas leituras desse processo, que criam designações, tais como: sociedade industrial, sociedade técnica, sociedade do ócio, sociedade do consumo, sociedade burocrática do consumo dirigido, nascidas ou difundidas, já no início da segunda metade do século XX.

Adorno (2002) afirma que o tempo livre segue em direção contrária a de seu próprio conceito, tornando-se paródia dele. A própria necessidade de liberdade é funcionalizada e reproduzida pelo comércio, afirmando ainda o caráter coercitivo da

⁹⁴ Cruz (2007, p. 9) também se dedica a esse debate afirmando que “[...] é preciso lembrar que não há reprodução que não seja, também, produção”.

liberdade organizada. Debord (1997, p. 22) destaca que a inatividade, ou seja, o tempo livre, não está livre da atividade produtora⁹⁵, estando numa relação de “[...] submissão inquieta e admirativa às necessidades e os resultados da produção; a própria inatividade é um produto da racionalidade da produção”.

Damiani (Mimeo, s/d, p. 2) destaca ainda que “[...] as conquistas históricas do trabalho referentes ao aumento do tempo livre, ao desenvolvimento das comunicações e dos transportes, ao desenvolvimento do fenômeno urbano e do consumo, consubstanciam-se na deterioração das cidades e da vida urbana e na constituição da cotidianidade”.

Em períodos históricos pretéritos, o pão, ou melhor, sua escassez, era tópico dos principais debates.⁹⁶ Todavia, na modernidade, vive-se a *abundância aparente*, como diz Martins (2000). Lefebvre (2004) afirma que o espaço, o tempo⁹⁷ e o desejo⁹⁸ são as *novas raridades* do mundo moderno, que passam a ser controladas pelo consumo e a ele dirigidas; em outras palavras, a própria vida passa a ser mercantilizada.⁹⁹

Segundo Damiani (1993, p. 11),

O espaço, o tempo, o urbano, o cotidiano, são colonizados, atingidos, metamorfoseados. Consolidam-se a ideia de espaço homogêneo — sujeito a compra e venda —, fragmentado — funcionalizado — e hierarquizado; a concepção de espaço linear — o do relógio, o do trabalho abstrato, invadindo o vivido; a concepção dos tempos cooptados — o tempo livre à televisão, à indústria do turismo [...] Recriam-se novos conflitos, novas contradições.

Nessa perspectiva, abre-se caminho para *integrar* ao conceito de crise — muitas vezes levantado num sentido economicista — a conceituação de *estado crítico*, pois

⁹⁵ O turismo, nesse contexto, “atua no tempo livre de modo a torná-lo produtivo” (ALFREDO, 2001, p. 37).

⁹⁶ No final do século XVIII e início do século XIX, vivia-se a era da escassez, contexto que propiciava vários debates travados principalmente entre Thomas Malthus, com seu conceito de *superpopulação*, e Marx, com o conceito de *superpopulação relativa* (DAMIANI, 2001).

⁹⁷ Debord (1997), fazendo analogia à expropriação violenta dos meios de produção dos camponeses e dos artesãos, no tempo de Marx, afirma que para a instauração do tempo-mercadoria a condição prévia foi a expropriação violenta do tempo. Ver também Jappe (2008).

⁹⁸ O próprio Harvey (2004) trata da produção de novas necessidades que definem estilos de vida e hábitos de consumo diferenciados como recursos importantes para evitar e superar as crises.

⁹⁹ Para Deboard (1997, p. 10, grifos do autor) a vida se tornou espetáculo, que nada mais é que “a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda a vida humana, isto é, social, como simples aparência [...] como a *negação* visível da vida; como uma negação da vida que se *tornou visível*”.

na atual conjuntura, “[...] ele não surge mais no plano econômico, mas concerne à sociedade inteira” (LEFEBVRE, 2009, p. 148).

Para Lefebvre (2009, p. 145), o estado crítico “[...] tem sua origem e, sobretudo, seus efeitos não nas organizações ou instituições, mas nas relações que sustentam essas instituições: a família, a escola, as relações entre as pessoas, os ‘valores’, as ‘normas’, as ‘ideologias’. Esmagada, encurralada entre o político e o econômico, essa vasta região sofre de um mal crônico”.

Nesse entendimento, tem-se a inserção do litoral cearense, e do Cumbuco em especial, promovida pelo turismo e pela urbanização, na cadeia produtiva, tanto no contexto da espoliação de novos territórios e setores para a acumulação capitalista quanto da subordinação do tempo livre e das demais relações sociais que escapavam à lógica da (re)produção das relações de produção capitalistas.

Esse litoral, na história da humanidade, nem sempre foi visto com bons olhos pela sociedade e inicia sua valorização não ligado às regras ou aos ditames capitalistas,¹⁰⁰ estando precisamente influenciado pelas práticas terapêuticas dos banhos de mar na Europa e pelo “bem respirar” dos ares litorâneos, propriamente no litoral nordestino.

Dantas (2009, p. 21) afirma que “[...] a produção de formas e a geração de fluxos dirigidos para o litoral são, concomitantemente, resultado da emergência de valores, hábitos e costumes que transformam o mar, o território do vazio [...] e do medo [...] em espaço atraente para a sociedade contemporânea”. O autor destaca, ainda, que a mudança de atitudes da sociedade local em relação ao litoral veio em consonância com a racionalidade higienista e a descoberta das benesses dos banhos de mar, e com a arte elitista de morar na praia ocasional ou permanentemente. No entanto, essa *valorização espontânea* é capturada, assim como o ócio, para a garantia de perpetuação da (re)produção das relações de produção.

Segundo Lefebvre (Mimeo, s/d, p. 2, grifo nosso),

¹⁰⁰ Peron (1996), Corbin (1989), Dantas (2009), Diegues (1995) e Madruga (1992) tratam dos medos, das repulsas e lendas, presentes no imaginário da maioria das sociedades, os quais acabavam por afastar o litoral das práticas sociais, ficando o local restrito apenas às práticas portuárias e de defesa.

O espaço produzido pelo Estado deve dizer-se político, com características próprias e metas específicas. Ele reorganiza as atribuições (sociais de produção) em função do *suporte* espacial; ele reencontra e choca o espaço econômico preexistente: *polos de crescimento espontâneos*, cidades históricas, comercialização do espaço fracionado e vendido em lotes, etc.

Contudo, o espaço local cearense não é somente fruto de determinações externas, existindo, também, condicionantes de menor escala que se relacionam dialeticamente com condicionantes globais, principalmente no contexto iniciado nos anos sessenta, com o chamado “Governo dos Coronéis”,¹⁰¹ e consolidado a partir de 1987, com o denominado “Governo das Mudanças”.¹⁰² Segundo Quintiliano e Lima L. (2008), a atuação do dito “Governo das Mudanças” caracterizou-se como prática rígida do receituário da modernidade atual, fazendo alusão ao que Santos (1999) denominou *guerra dos lugares*, de acordo com a configuração territorial e as contrapartidas de cada estado¹⁰³ para absorver em seus territórios os mais diversos ramos de atividades, podendo visualizar o papel fundamental do estado no atual estágio do processo de reestruturação capitalista no estado do Ceará.¹⁰⁴

Segundo Silva (2009, p. 6), a busca do desenvolvimento tem marcado a saga nordestina, persistindo a “[...] competição para atrair indústrias, o turismo e todas as atividades que envolvem esse setor, tendo em vista renovar as tradicionais técnicas remanescentes no mundo rural”.¹⁰⁵ Trata-se de uma saga viva nos discursos, programas e projetos estatais, ainda trazendo discursos de integração, modernização e desenvolvimento regional (vide a recriação da SUDENE em 2005), consistindo em intentos reais em décadas passadas, mas já descontextualizados nos dias correntes (SILVA, 2009).

¹⁰¹ Segundo Oliveira (1985), o estado mais coronelista do Nordeste é o estado do Ceará.

¹⁰² É relevante destacar que ao observar as dissertações, livros e artigos de pesquisadores cearenses, nota-se todo um aparato teórico para o entendimento da trajetória do chamado “Governo das Mudanças” e suas consequências na realidade cearense. Todavia, destaca-se a necessidade de um olhar geográfico mais aprofundado no cerne do “governo dos coronéis”, principalmente nos projetos e planos territoriais do Governo Virgílio Távora, que se consideram fundantes para a compreensão da realidade cearense.

¹⁰³ Dantas (2009) fala da descentralização do poder estatal, pois em períodos como os da atividade da SUDENE a hierarquia e a centralização do poder estatal eram avassaladoras; todavia, em projetos recentes, como o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), observa-se o importante papel dos estados da federação no andamento e na consolidação das atividades propostas, principalmente da captação de recursos.

¹⁰⁴ Convém salientar que essa modernização do estado do Ceará não chega para ele em sua totalidade, mas somente em espaços *hierarquicamente* selecionados no jogo da divisão territorial do trabalho.

¹⁰⁵ Martins (2000, p. 18), ao falar dessa saga pelo desenvolvimento, afirma que essa modernidade anômala e inconclusa “[...] tornou-se entre nós quase um cacoete de país subdesenvolvido na era da globalização”.

Segundo Benevides (1998), inspirado em Cazes, o investimento na atividade turística é visto como a alternativa decisiva, isto é, um último recurso face às desilusões dos investimentos em outros setores. Todavia, Dantas (2009) destaca que desde meados da década de 1950, com a criação da SUDENE, o carro-chefe do desenvolvimentismo nordestino é a atividade industrial, deixando para o segundo plano o investimento e os incentivos para outros setores da economia. Somente no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 é que se consolidam os planos para o turismo e para a agricultura científica.

O estado do Rio Grande do Norte, com o poder político nas mãos da oligarquia algodoeira/pecuarista, foi um dos primeiros estados do Nordeste a investir no agronegócio. O estado do Ceará — que vivenciou o declínio do poder da oligarquia algodoeira/pecuarista e a hegemonia dos empresários urbanos (1987) — foi um dos primeiros estados do Nordeste a criar todo um programa de desenvolvimento do turismo, no contexto da criação, em 1989, do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Litoral Cearense (PRODETURIS),¹⁰⁶ o qual serviu como subsídio para a criação do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE), em 1991, de iniciativa do Governo Federal (DANTAS, 2009; BENEVIDES, 2003; COROLANO, 2004).¹⁰⁷

A partir do “Governo das Mudanças”, o turismo passou a ser concebido como “[...] instrumento de desenvolvimento econômico, social e cultural e não como um eventual e improvisado expediente de exploração de alguns itens e potencialidades do setor” (CEARÁ, 1987, p. 28). Conforme Coriolano (2004), o turismo, com base nessa concepção, foi ganhando importância econômica, sendo considerado um dos principais vetores de modernização do Ceará.

Ainda de acordo com Coriolano (2004), o primeiro momento das ações do “Governo das Mudanças”, além da recuperação das finanças estaduais e da busca de grandes financiamentos, foi a mudança da imagem do estado. Dito diferentemente, o investimento em marketing — city marketing — para a construção de uma *nova imagem*

¹⁰⁶ Antes do PRODETURIS, vai-se ter ainda o Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado do Ceará (PDIT\CE), em 1987, no governo Virgílio Távora. Todavia, segundo Coriolano (2004), esse programa tinha um caráter mais de diagnóstico do que de ação, que contribuía para a primeira regionalização do Ceará para o turismo.

¹⁰⁷ Os primeiros ensaios de políticas para o turismo no Nordeste se deram no estado da Bahia, nos anos 50, ficando vinculadas como uma das variáveis do Plano de Desenvolvimento do Estado da Bahia (PLANDEB) (MATTEDI, 1999; BENEVIDES, 1998).

do Ceará, não mais caracterizado pelos flagelos da seca e pela pobreza estrutural,¹⁰⁸ mas com a imagem de que o “Ceará é um bom negócio”, voltado aos grandes projetos de captação de recursos e investimentos, à livre iniciativa e à catalisação dos vetores de modernização. E especificamente para a questão do turismo é vendida a imagem da “vocação turística”,¹⁰⁹ com workshops,¹¹⁰ propagandas, filmes,¹¹¹ eventos, revistas especializadas, conferências e novelas,¹¹² que destacam as amenidades naturais e socialmente construídas para o deleite do turista, principalmente voltadas para o sol e o mar (DANTAS, 2002; BENEVIDES, 1998; ARAGÃO, 2005).¹¹³

Menciona-se também a cria o da Secretaria de Turismo do Ceará, que antes era a Companhia do Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará (CODITUR), que, segundo Coriolano (2004, p. 133), “[...] deu ao turismo um grande destaque no estado, por ser baseada na competência e dinâmica, que tornaram essa secretaria uma das mais importantes e atuantes, fazendo as outras orbitarem em seu núcleo”.

A política para o turismo no Ceará, que, segundo Coriolano e Fernandes (2007), encontra-se numa fase madura, consolida-se com a cria o do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Ceará (PRODETUR – CE), além de voltar-se para o litoral, pois, segundo Benevides (1998), as a o es estatais de valoriza o do turismo estavam fora dos roteiros do sol, associados principalmente   constru o e reforma de equipamentos pontuais, como: a Empresa Cearense de Turismo, museus, teatros, centro de conven o es, teleférico no município de Ubajara, entre outros.

¹⁰⁸ Imagem que mascarava toda uma realidade a qual Oliveira (1985) chamou de *indústria da seca*, estando ligada principalmente   estrutura fundiária concentrada, a uma base técnica rudimentar e a uma oligarquia reacionária e conservadora, determinantes para as rela o es e para os regimes de explora o do solo.

¹⁰⁹ Benevides (1998), inspirando-se em Remy Knafou, afirma que, ao contrário de uma voca o natural, a turistifica o dos lugares   oriunda da instala o de infraestruturas e da produ o de novas imagens sobre esses lugares.

¹¹⁰ Coriolano e Fernandes (2007) destacam os principais eventos nacionais e internacionais em que a imagem do Ceará estava representada, como: Bolsa de Turismo de Lisboa – BTL, Feira Internacional de Turismo da América Latina – FIT, Feira Internacional de Turismo de Madrid – FITUR, Bolsa Internacional de Turismo de Berlin – ITB, Bolsa Internacional de Turismo de Milão – BIT, entre outros.

¹¹¹ Segundo reportagem do Jornal O Povo, o Cumbuco foi Cenário das principais cenas do Filme “Luzia Homem”, sob a dire o de Fábio Barreto, ocorrência antes mesmo dos investimentos da mudança da imagem do estado do Ceará (O POVO, 12 de outubro de 1986).

¹¹² De acordo com Dantas (2002), as novelas “Final Feliz”, “Tropicaliente” e “Meu bem-querer”.

¹¹³   importante a análise do imaginário social, pois   imprescindível uma *media o* entre o espaço social e o espaço mental (LELEFEBVRE, 2006). Ver também Lefebvre (1991).

Nessas condições, para Bernal (2004), o PRODETUR – NE foi aplicado no início dos anos de 1990 na Bahia, no Ceará, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte. na intenção de apontar para a possibilidade de fortalecimento do estado local (governos locais – estaduais), com indicação de projetos próprios, definidores de suas ações estratégicas e áreas prioritárias. O estado do Ceará, especificamente com o PRODETUR – CE, passa a captar recursos nacionais e estrangeiros, com o intuito de suscitar o desenvolvimento da atividade turística, principalmente a internacional.

Segundo o BNB (2005, p. 5), o objetivo básico do PRODETUR é

[...] contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do Nordeste do Brasil por meio do desenvolvimento da atividade turística. Especificamente, o Programa contemplou iniciativas do setor público em infraestrutura básica e desenvolvimento institucional voltadas tanto para a melhoria das condições de vida das populações beneficiadas quanto para a atração de investimentos do setor privado ligados ao turismo.¹¹⁴

Como já se destacou no segundo capítulo, a área escolhida no estado do Ceará para a implementação do PRODETUR¹¹⁵ foi o denominado “Polo Ceará Costa do Sol” (Litoral Oeste/Região Turística I), escolhido, entre outros fatores, por uma certa subutilização de suas potencialidades econômicas, que a tornou menos assediada pela ocupação e pela ação dos especuladores imobiliários, diferentemente do que ocorreu no litoral leste (Costa do Sol Nascente/Região Turística III), com cidades como Aquiraz, Cascavel, Beberibe, Fortim e Aracati, as quais, além de ser mais bem servidas de infraestruturas, eram bastante assediadas pelos especuladores imobiliários.

As ações do PRODETUR I foram pautadas principalmente na construção de infraestruturas, na implementação de projetos ambientais, na recuperação do patrimônio histórico e no apoio institucional aos municípios. Especificamente para Caucaia,¹¹⁶ tem-se a construção da rodovia estruturante Caucaia–Itapipoca, com 124 km de extensão, com

¹¹⁴ Em outras palavras, como destaca Araújo E. (2009), o papel principal do PRODETUR foi construir uma infraestrutura primária para as práticas do turismo.

¹¹⁵ O PRODETUR I foi concluído em 2004 e no ano de 2005, devido a uma série de problemáticas não resolvidas, inicia-se o PRODETUR II, abrangendo mais municípios e vindo, segundo Coriolano (2004), para complementar o PRODETUR I. E em outubro de 2009 é iniciado o PRODETUR NACIONAL, que, no Ceará, visa contemplar algumas áreas que não foram beneficiadas anteriormente pelo programa.

¹¹⁶ De R\$ 137.191.857,29 milhões investidos no estado do Ceará, o Município de Caucaia captou um total de 16.148.416,95 milhões (BNB, 2005).

mais 77 km de acesso às praias,¹¹⁷ ampliação e implantação de sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário, recuperação do patrimônio histórico, projetos de educação ambiental, conservação ambiental do entorno de lagoas e lagunas e implementação de unidades de conservação. Todavia, ressalta-se que grande parte das obras está em andamento.

Quadro 5 – Principais ações do Prodetur em Caucaia

Infraestrutura
Terminal Turístico das Localidades Turísticas – Icaraí
Centro de Atendimento ao Turista no Cumbuco
Posto de Informação ao Turista, próximo a Rótula de Iparana
Rodovia de Percurso Turístico: Contorno Oeste da Lagoa do Banana
Rodovia de Percurso Turístico: Camará – Serra do Juá
Rodovia de Percurso Turístico: Acesso à Serra da Rajada
Rodovia Entr. CE-085 Entr. Do Garrote (trecho 1)
Rodovia CE 085: Contorno Caucaia/Tabuleiro Grande (trecho 2)
Rodovia de Percurso Turístico: Estruturante (CE-085)
Rodovia de Percurso Turístico: Acesso às praias de Iparana e Pacheco
Urbanização da Orla Marítima de Caucaia
Implantação do Sistema de Esgotamento Sanitário – Praias-Oeste (Cumbuco, Icaraí, Iparana, Pacheco, Tabuba)
Implantação do Sistema de Abastecimento de Água (Cumbuco, Tabuba)
Meio ambiente
Programa de Educação Ambiental e Projeto Compartilhar
Recuperação e Conservação Ambiental da Lagoa do Banana
Urbanização da Lagoa do Banana
Conservação do Lagamar do Cauipe
APA do Lagamar do Cauipe
APA do Estuário do Rio Ceará
Parque Botânico/Caucaia
Diagnóstico e Macrozoneamento ambiental
Recuperação do patrimônio histórico
Restauração da Matriz de Nossa Senhora de Assunção
Recuperação Casa de Câmara e Cadeia – Caucaia
Institucional
Otimização dos Serviços de Limpeza Urbana do Município de Caucaia
PM – Caucaia/Adequação Organizacional
Formação dos Conselhos de Administração das Urbanizações das Lagoas – CPTA's

Fonte: Setur (2004); BNB (2005).

¹¹⁷ Conforme Coriolano (2004), uma das várias explicações da baixa densidade de investimentos no litoral oeste seria o não favorecimento das vias de acesso, pois o litoral leste seria servido pela BR-116 e pela CE-34, todavia a BR-222, que liga o Ceará ao Piauí, e poderia atender o litoral oeste, fica muito longe da costa.

As principais ações, especificamente no Cumbuco, foram: a construção do “Centro de Apoio ao Turismo” (ver Figura 16), que já está em pleno funcionamento; a iluminação decorativa e ornamental da orla do Cumbuco, que também já foi concluída; a reforma da Praça do Cumbuco (ver Figura 17), ação não propriamente ligada ao PRODETUR; a obra de saneamento básico (ver Figura 18) e abastecimento de água, a qual teve a ordem de serviço assinada em setembro de 2010; a Rodovia que liga a Vila do Cumbuco ao Resort Vila Galé¹¹⁸ (ver Figura 19).

Figura 16 e 17 – Centro de Apoio ao Turismo e placa da reforma da Praça do Cumbuco



Autor: CAVALCANTE (2010).

¹¹⁸ Cabe ressaltar que o referido Resort foi inaugurado antes mesmo do término da construção da rodovia, e dias antes da inauguração do Resort foi implantada uma linha de transporte público de ônibus que vai até ele, atendendo os que lá trabalham.

Figura 18 e 19 – Obras de Saneamento e Construção da rodovia de acesso ao Vila Galé

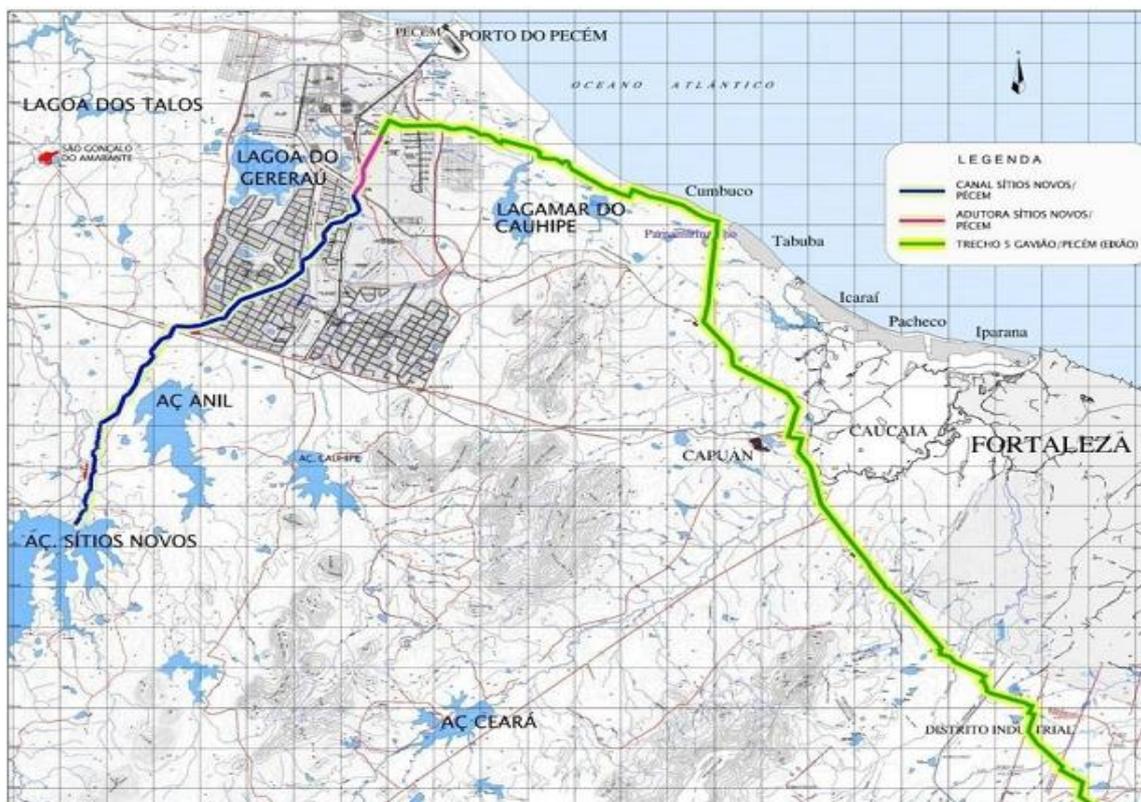


Autor: CAVALCANTE (2010).

É relevante destacar, ainda, as obras do Trecho V do Eixão das Águas, conhecido também como Canal da Integração (Figura 20), que se associa com as obras de saneamento garantidas pelo PRODETUR e que, além de levar água para o Complexo Industrial e Portuário do Pecém, faz um “pequeno desvio” para abastecer a atividade turística no Cumbuco, principalmente o Vila Galé Cumbuco¹¹⁹.

¹¹⁹ Os próprios Cumbuqueiros sabem que a chegada do empreendimento foi primordial para a decisão de levar saneamento básico para o Cumbuco, como afirma um Cumbuqueiro ao dizer que “esse saneamento básico já era esperado há muito tempo. Todo mundo sonhava em ter água tratada, mas o saneamento básico está vindo aqui não em função da Vila, mas em função do Vila Galé.”

Figura 20 – Trecho V do Eixão das Águas



Fonte: CENTEC (2009).

Todavia, antes dessas ações, foi construído um Sistema de Informações Geográficas (SIG) do município de Caucaia “[...] visando apoiar as atividades relacionadas à gestão pública, com ênfase nas áreas do turismo e uso da terra” (IPECE, 2008b, p. 3). Nesse sentido, o Cumbuco e sua área de influência foi um dos principais alvos dos estudos, tendo como um dos produtos a construção de uma ortofotocarta que fora primordial para o planejamento estratégico dos investimentos públicos e privados na localidade.

Segundo Cruz (2007, p. 34),

[...] no mundo das redes, o Estado desempenha papel fundamental. De um lado, pela implementação no território de uma ampla gama de sistemas de engenharia (redes de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, de transmissão de energia elétrica, estradas, etc.) necessários, inclusive, à propagação das redes de um modo geral. De outro, sendo ele mesmo indutor da criação de redes de lugares, como é o caso brasileiro e de suas políticas públicas de turismo.

Essa gama de investimentos em infraestrutura a partir das políticas públicas de turismo, voltando a tratar das reestruturações, além de prestar reforço ao desenvolvimento dessa atividade econômica que tem se explorado com mais vigor nos últimos decênios, apresenta, assim, com o PAC destacado anteriormente, uma grande força de mobilização de investimentos, sendo mais um subsídio que está possibilitando o Brasil a sair pela tangente dessa tão alardeada crise econômica mundial.

Contudo, ressalta-se que para se conseguir chegar — no próximo capítulo — ao entendimento das *ordens próximas*, deve-se adentrar questões ainda mais íntimas do Cumbuco, inicialmente associadas à figura do empreendedor, que astuciosamente articulou-se com a Prefeitura de Caucaia, com o governo do estado, com o Ministério do Trabalho, com a Capitania dos Portos, entre outros órgãos e entes políticos, formando uma verdadeira frente de transformação do litoral de Caucaia.

Destaca-se que tal figura foi presente por muitos anos na vida social e política do Cumbuco, desde a interferência em pequenos conflitos entre os moradores da Vila até a articulação política para a atração de novos investimentos para a localidade. A presença do empreendedor aparentemente tem diminuído nos últimos anos, pelo menos na vida cotidiana, entretanto ainda vem ganhando frutos de seus feitos do passado, principalmente no tocante ao fato de ser ele sócio da segunda etapa dos investimentos no grupo Vila Galé no Cumbuco.

Nos dias atuais, entretanto, as articulações são mais complexas, visto o tamanho e a diversidade dos investimentos, como se destacou anteriormente, principalmente no que se refere a investimento estrangeiro. Nesse sentido, apresenta-se o Grupo Placitude, que fora caracterizado antes como um dos ícones desse novo momento do Cumbuco, com relação tanto à gama de investimentos quanto às ações associadas intimamente com a Prefeitura de Caucaia, principalmente por conta de diretor executivo Marcos Alexandre Veiga Correia (de origem portuguesa), que possui também um cargo comissionado no gabinete do prefeito do município de Caucaia e é um de seus representantes nas ações da prefeitura no Cumbuco.

4 CUMBUCO: ENTRE O REPETITIVO E O MUTÁVEL

4.1 Trilhas da apropriação e da dominação

O Cumbuco é uma das exceções turísticas do Ceará, pois mesmo que as intenções iniciais dos gestores¹²⁰ e dos empresários fossem o turista internacional, o turismo cearense é predominantemente composto por turistas brasileiros, representando 92,27 % da demanda turística (SETUR, 2012). O universo turístico no Cumbuco, no entanto, é constituído principalmente por estrangeiros, a maioria deles portugueses, suecos, finlandeses e noruegueses.

Nos dias de hoje, uma das atividades dinamizadoras dessa realidade é a prática do Kitesurf, que traz pessoas de todo o mundo para o Cumbuco, principalmente atletas que vêm para treinar e competir, como também atrai turistas interessados em aprender tal modalidade, especialmente por conta dos ventos constantes durante quase o ano inteiro. O Cumbuco é “parada obrigatória” de etapas do Circuito Mundial de Kitesurf da Kiteboard Pro World Tour (KPWT) e do Circuito Brasileiro de Kitesurf.

Para o entendimento dessa realidade que se constrói, é imprescindível destacar, também, que além da inclusão da própria localidade na modernização capitalista por intermédio do turismo e da urbanização, processo ocorrente não só no Cumbuco, mas em várias localidades litorâneas e em diferentes municípios do estado. O Cumbuco apresenta uma peculiaridade, qual seja sua estreita ligação com a capital, Fortaleza, centro de recepção e de distribuição dos fluxos turísticos do estado do Ceará (DANTAS, 2002).

Nesse sentido, o Cumbuco tem uma posição privilegiada, pois, como bem observa Dantas (2010), o turismo cearense é *predominantemente litorâneo e metropolitano*. O município de Caucaia, que tem o Cumbuco como principal destino turístico, tem figurado em primeiro lugar no ranking de número de turistas que ingressam no estado do Ceará via Fortaleza, seguido de Aracati, Beberibe e Jijoca (SETUR, 2009b).

¹²⁰ Benevides (1998, p. 51) destaca a intenção do Ceará de “[...] se constituir como um polo receptor da afluente demanda de setores de alta renda provenientes de vários países da economia pós-industrial”.

A ligação do Cumbuco com Fortaleza e com a RMF, de modo geral, diferencia-se daquela de localidades como o Icaraí (Caucaia)¹²¹ e Porto das Dunas (Aquiraz), por exemplo, que se tornaram praticamente continuação da faixa litorânea de Fortaleza. O Cumbuco torna-se relevante, nos dias correntes, principalmente no tocante ao seu papel fundamental na *lógica turística metropolitana*¹²², tanto pela hospedagem de grande quantidade de turistas, os quais chegam pelo Aeroporto Internacional Pinto Martins, quanto pela grande quantidade de excursões que saem, em ônibus fretados, de vários hotéis de Fortaleza em direção à localidade praiana.

É importante frisar que a RMF tem papel central na dinamização dos *vetores de modernização* elencados no terceiro capítulo, principalmente por conta da localização dos centros de poder do governo do estado, dos escritórios das principais empresas, como também pela logística propiciada pelo Aeroporto Internacional Pinto Martins, pelo Complexo Industrial e Portuário do Pecém e ainda pelo Terminal de Passageiros do Porto do Mucuripe, que está por ser construído.

Ainda no contexto da Região Metropolitana de Fortaleza, o Cumbuco começa a se beneficiar com a instalação do Complexo Industrial e Portuário do Pecém¹²³, mormente pela procura por imóveis para o alto escalão das empresas que lá estão se instalando, enquanto os demais trabalhadores buscam imóveis sobretudo na localidade do Icaraí¹²⁴. Tal realidade tem ajudado a diminuir a dependência de compradores estrangeiros, conforme aponta também Carlos Fiúza, superintendente da Diagonal, ao afirmar que “[...] o interesse retoma não apenas por parte dos turistas, para aquisição de imóveis para passar as férias e utilizá-los como segunda moradia. Mas também, como primeira moradia, para executivos que irão trabalhar em uma das empresas, em instalação, no Complexo Industrial e Portuário do Pecém” (DIÁRIO DO NORDESTE, 8 de setembro de 2011)¹²⁵.

¹²¹ Importante destacar que até os finais da década de 1980, com a consolidação do Loteamento do Cumbuco a partir da efetiva ocupação por famílias de elevados níveis de renda da capital cearense, o Cumbuco parecia caminhar para uma realidade próxima da localidade do Icaraí, mesmo que de maneira mais seletiva, pois essa outra localidade tinha sua valorização associada principalmente à classe média de Fortaleza. Todavia, ainda nos anos finais da década de 1980 e principalmente nos anos de 1990 e 2000 o Cumbuco passa a ter uma valorização associada principalmente ao turista e investidor estrangeiro.

¹²² Dantas (2010).

¹²³ Localizado no município de São Gonçalo do Amarante, vizinho do município de Caucaia.

¹²⁴ Sobre a relação entre os trabalhadores do Complexo Industrial e Portuário do Pecém e a localidade do Icaraí, ver Silveira (2011).

¹²⁵ Em outra reportagem, o Superintendente da incorporadora Margis, ao destacar os potenciais do empreendimento Wai Wai Cumbuco Eco Residence, mencionado anteriormente, observa, também, que a

Nessa conjuntura, no intuito de melhor entender a realidade que se constrói e de compreender sua trama entre o repetitivo e o mutável, tenciona-se considerá-la com base na dinâmica dos *múltiplos territórios* porque, mesmo que a hegemonia do poder estatal-empresarial seja pretensamente uniterritorial, existem outros circuitos de poder que desenham complexos territórios e territorialidades. No âmago desse pensamento, pretende-se entender o território mediante relação entre *dominação e apropriação*,¹²⁶ procurando encontrar os múltiplos sujeitos e poderes que formam o território (Estado, empresas, instituições, grupos sociais/culturais, indivíduos), de modo que ele seja visto não somente como um constructo material econômico, mas em suas múltiplas dimensões.

O território, para Haesbaert (2002, p. 121), é tido como

[...] produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos territoriais e as escalas geográficas que estivermos analisando. Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios.

Nesse sentido, pode-se conceituar a argumentação iniciada no segundo capítulo, onde se afirma que o Cumbuco, como praticamente todo o litoral cearense, não era considerado propício para a prática de atividades produtivas, como a agricultura, por exemplo, configurando-se, até há alguns decênios, um *território de reserva*¹²⁷.

Na linha de raciocínio construída com base na pouca *funcionalização* (dominação) do litoral, que abriu caminho para a apropriação de remanescentes indígenas e outros agrupamentos humanos, entende-se aquele pescador descrito no segundo capítulo, como também outras inúmeras famílias, que conseguiram encontrar um *lugarzinho vazio* para construir suas casas. Compreende-se também, de modo geral, a realidade que

construção de “empreendimentos estruturantes do CIPP como a refinaria, a siderúrgica e termelétrica, e a facilidade de acesso ao Cumbuco geram oportunidades à construção de novos imóveis para moradia dos executivos que trabalharão na área” (DIÁRIO DO NORDESTE, 15 de dezembro de 2011).

¹²⁶ Ver em Haesbaert (2002, 2005, 2007, 2008, 2009).

¹²⁷ Nesse entendimento, destacamos que o litoral enquanto território de reserva se diferencia das outras particularidades do estado (sertões) que no terceiro capítulo também foram caracterizadas com tal conceituação, pois tais particularidades, mesmo não sendo uma ponta de lança da modernização capitalista, eram fortemente funcionalizadas pela indústria das secas (OLIVEIRA, 1985).

propiciou a consolidação de várias comunidades pesqueiras marítimas¹²⁸ e seus modos de vida específicos no litoral do Ceará.

Como afirma Diegues (1996, p 14-15),

Com isolamento relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica, como sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra.

As comunidades tradicionais são caracterizadas por Diegues (1996, p. 87), de maneira geral, como

[...] um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela, produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma característica importante desse modo de produção mercantil (*petty mode of production*) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. Esse 'know-how' tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para conservação. Como essas populações, em geral, não têm outra fonte de renda, o uso sustentado de recursos renováveis é de fundamental importância. Seu baixo padrão de consumo, sua baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de várias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição. A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma ideia expressa no Brasil pela palavra 'respeito', que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade.

Especificamente, as comunidades pesqueiras marítimas se caracterizam, segundo Lima M. (2006, p. 40),

[...] por um processo de trabalho artesanal que se dá no mar (a exemplo da pesca de peixe, de arraia e lagosta), marcado pela hierarquia baseada no "segredo", e

¹²⁸Para Lefebvre apud Haesbaert (2008, p. 21), "[...] tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos "agentes" que o manipulam tomando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo".

em terra, com a realização de trabalhos artesanais (bordados, labirintos, rendas, fabricação e reparos dos artefatos de pesca) e manuais (pequenos plantios de subsistência e o extrativismo vegetal). Nos dois espaços registram-se relações fundamentadas por laços de afetividade, de parentesco e apadrinhamento, a religiosidade e o lúdico. Em essência, há vínculos e referenciais construídos a partir da relação sociedade–natureza, da produção de meios de vida, de relações sociais (as mais variadas, indo do “escambo” ao comércio internacional), do uso do espaço social, da temporalidade cíclica (mas, também, sob a influência da temporalidade linear) e da experiência pesqueira na zona costeira.

O Cumbuco, particularmente, no curso da história, constituiu-se numa *comunidade pesqueira marítima*, com seu modo de vida específico, praticando a *pequena produção mercantil*. Instituiu-se como *território de uso*,¹²⁹ apropriado pelos sentidos, garantindo a reprodução da vida dos cumbuqueiros. Não somente um território numa dimensão concreta e econômica que se caracteriza pela atividade da pequena produção mercantil, mas também numa dimensão simbólica e efetiva, permeada de representações e de todo um imaginário mitológico e religioso, como afirma Bonnemaïson (2002, p. 120) referindo-se às aldeias de Madagascar: “[...] a terra não era apenas um lugar de produção, mas também um suporte de uma visão de mundo”.

O território da reprodução da vida dos cumbuqueiros se configurava de modo bem mais vasto e fluido do que o território camponês, por exemplo, abrangendo também a porção marinha — de uso comum —, em que, até os dias atuais, os bons pesqueiros são guardados como segredo de família e localizados com base num complexo sistema de triangulação de pontos.¹³⁰ Segundo os relatos de um cumbuqueiro, “[...] o pescador sai do mar uma hora da manhã e põe suas redes [...] marca somente pelas serras. Sem nunca ter ido à escola [...] muitas vezes nunca viu nem um GPS e ele faz a marcação da pescaria naquele ponto x, como se fosse as coordenadas, só pelas serras e não vai ter erro”.

Entretanto, diante de uma série de fatores que se procurou esboçar no terceiro capítulo, o Cumbuco passou a ser fortemente funcionalizado como *território turístico* na perspectiva de Cruz (2002),¹³¹ motivando um contexto atual em que possibilidades de

¹²⁹ Haesbaert (2007), trabalhando com o pensamento de Milton Santos, usa a expressão *território como abrigo* para distinguir do espaço funcionalizado pelo aparato estatal-empresarial denominado *território como recurso*.

¹³⁰ Como observa Diegues (1996).

¹³¹ Coadunando com a ideia da autora de que nenhum território é turístico em si, mas um constructo de relações sociais, acredita-se que o território turístico seja produto da ação do poder estatal-empresarial que tenta *controlar* os fluxos turísticos para pontos previamente definidos que são praticamente

apropriação encontram-se cada vez mais sufocadas pelo conflito com a dominação do aparato estatal-empresarial e/ou transformados, pelo valor contábil, em mercadoria (HAESBAERT, 2007).¹³²

Essa realidade põe em dúvida o entendimento do Cumbuco como uma comunidade pesqueira marítima, com seu modo de vida específico. Assim, para depreender as tramas entre dominação e apropriação e entre o repetitivo e o mutável, é preciso enveredar, mesmo que embrionariamente, até as *ordens próximas*¹³³ que dão vida ao Cumbuco.

Convém observar que antes mesmo de se deslocar ao Cumbuco, o turista é embebido da imagem de que a localidade é paradisíaca e de rara beleza, como também morada de pescadores artesanais. E sabedor de que pode desfrutar tanto das amenidades naturais quanto do contato com uma comunidade tradicional, com seu modo de vida específico,¹³⁴ usufruindo todo um aparato logístico empresarial de qualidade internacional.

Um pouco antes da entrada do Cumbuco, já se depara com várias pessoas no acostamento da CE-090 segurando placas ou somente flanelas, oferecendo serviços de passeios de Buggy e de barracas de praia. E quando se chega à Vila, que corta literalmente a rodovia, o número de pessoas oferecendo serviços aumenta significativamente.

A Vila, como núcleo central do Cumbuco, é uma mistura de pequenas casas estreitas que são quase anegadas por pousadas, mansões e pelo comércio, o qual apresenta sua fachada com o *merchandising* praticamente todo em inglês¹³⁵ (ver Figura 21), principalmente os restaurantes. Poucos estabelecimentos apresentam seus letreiros em língua portuguesa e quando o fazem colocam juntamente com referências em inglês,

inventados ou que já possuíam certa valorização espontânea, além do tensionamento ao eterno *nomadismo* que será tratado no próximo subcapítulo (CRUZ, 2002; KNAFOU, 2001).

¹³² Para uma caracterização detalhada da ocupação da zona costeira cearense, ver Lima M. (2002).

¹³³ Essas ordens que até certo ponto foram anunciadas no item “Trilhas da formação territorial (1920–1990)”.

¹³⁴ Diz Haesbaert (2010, p. 16) que “[...] uma das áreas que, sem dúvida, mais tem estimulado o olhar sobre a diversidade territorial, através da valorização e/ou da recriação da diferença (quando não do “exótico”), é o turismo, um dos setores mais dinâmicos da economia contemporânea”.

¹³⁵ É importante destacar que a exposição referente ao *merchandising* se faz somente no intuito de salientar a forte presença de estrangeiros.

ficando em alguns estabelecimentos mais voltados para o morador local letrados somente em língua portuguesa¹³⁶.

A presença do estrangeiro é tão forte que até a faixa de divulgação da escolha da “Garota Cumbuco 2010”, que aconteceria na barraca *Laranja Mecânica*, estava escrita em inglês. Em poucos minutos no Cumbuco, o observador percebe a grande diversidade de nacionalidades de turistas que frequentam a localidade, como também de estrangeiros que investem em restaurantes, bares, hotéis, entre outros estabelecimentos.

Figura 21 – Fachadas em inglês



Autor: Cavalcante (2011).

Os preços das mercadorias também são pensados para quem obtém sua remuneração em Euro ou em Dólar, por exemplo, o que é motivo de reclamação dos cumbuqueiros, pois muitos são obrigados a comprar suas mercadorias no Icará ou mesmo em Fortaleza em virtude dos altos preços delas no Cumbuco.

Os principais serviços aos turistas são os passeios de Buggy, o “Skibunda¹³⁷”, passeios a cavalo ou de jumento, passeios de jangada, aulas de Kitesurf, passeios de quadriciclo, entre outros, além de uma série de serviços exclusivos oferecidos pelos hotéis.

¹³⁶ Refletindo sobre a mesma questão, De Paula e Dantas (2009, p. 7) afirmam que no Cumbuco “[...] o tradicional ‘vende-se’ divide espaço com o ‘for sale’”.

¹³⁷ Uma pequena prancha de madeira utilizada para descer as dunas.

São bastante conhecidos dos turistas os passeios de Buggy “com ou sem emoção!?” , expressão que define o grau de adrenalina gerado pelo passeio, podendo ser desde um calmo passeio que possibilite apreciar as mais diversas paisagens cortadas pelo percurso, até trajetos em alta velocidade com passagens sobre dunas que geram inclinação de até 90°. A Cooptur Passeios de Buggy¹³⁸ oferece pacotes de uma ou duas horas com preços variando entre R\$ 200,00 e R\$ 280,00, passando por até quatro lagoas diferentes.

Uma das paradas dos bugueiros é a Lagoa do Parnamirim, onde os turistas pagam uma quantia em dinheiro e podem descer a duna em direção à lagoa quantas vezes conseguir com o uso de um *skibunda* ou com uma prancha de *sandboard*, descida que não se repete muitas vezes pelo fato de o retorno ao topo da duna para uma nova descida ser extremamente cansativo para o turista acostumado com a rotina urbana.

Nas areias que bordam as barracas de praia é comum observar pessoas — desde a inauguração da Vila — oferecendo serviços de passeios a cavalo ou de jumento, podendo variar entre R\$ 10,00 e R\$ 20,00 o passeio (ver figuras 20 e 21). Outros cumbuqueiros fazem tatuagens de henna, vendem CDs piratas, queijo assado, ovos de codorna, e tem até o Seu Pitote ou o Seu Airton vendendo suas incríveis miniaturas de Jangada de Piúba, que aprendera a construir com seu pai, que construía jangadas para os pescadores da localidade.

¹³⁸ Cooperativa de Bugueiros do Cumbuco.

Figura 22 e 23 – Passeio a cavalo em 2010 e passeio de carroça em 1979



Autor: Cavalcante (2010).



Fonte: O POVO (1979).

Nos dias atuais, grande parte das embarcações está deixando de ser utilizada na pesca e sendo destinada aos passeios turísticos, e outra parte é aproveitada nas duas atividades.¹³⁹ Os jangadeiros ficam esperando pessoas interessadas na praia ou fazem acordos com os donos de barracas que colocam o valor do passeio juntamente com o restante da conta gerada na barraca. Os passeios duram em média trinta minutos e contam com uma parada para os turistas tomarem banho ou tirarem fotos, custando entre R\$10,00 e R\$ 15,00 por pessoa.

Um pescador que deixou a atividade para trabalhar com os passeios de jangada, ao ser indagado sobre o motivo de ter deixado de praticar sua antiga profissão, afirmou: “Eu saí porque aqui dá melhor né. Ganha mais um pouco e não tem esse negócio de dormir no mar, todo dia está em casa [...]”.

Por conta da intensa prática do Kitesurf, existem várias escolas que ensinam a prática da modalidade, além de ter vários professores particulares. Geralmente as aulas são inclusas nos pacotes de hotéis e pousadas. Um curso custa em média R\$ 800,00 e o

¹³⁹ Das 73 embarcações cadastradas, 13 são destinadas exclusivamente para os passeios turísticos (COLÔNIA Z-7 CUMCUCO, 2010).

material completo para a prática do Kite não custa menos de R\$ 3.000,00. Algumas famílias cumbuqueiras se especializaram na difícil manutenção desse equipamento, que utiliza praticamente todo o material importado, e trabalham também na venda de equipamentos usados.

O Kitesurf, como o futebol nas grandes cidades, representa a grande aspiração dos jovens cumbuqueiros, que sonham com o dinheiro e o sucesso conquistado pelos campeões de tal modalidade (Figura 24). Nesse sentido, muitos jovens trabalham nas pousadas, nos hotéis e nas grandes mansões como zelador, vigia ou mesmo ajudante, para garantir um sustento diário, mas também praticam o esporte. Muitos até conseguiram se tornar instrutores e alguns poucos se tornaram competidores profissionais.

Como o equipamento é muito caro, a grande maioria dos jovens cumbuqueiros consegue o equipamento depois da temporada de férias dos turistas estrangeiros que permutam o material em troca dos serviços dos jovens durante suas férias, pois além de outros fatores, os impostos pagos para o embarque de todo o material no avião são altos, não compensando levar para a Europa um equipamento que não terá praticamente nenhum uso no velho mundo.

Figura 24 – Crianças brincando com uma barra de Kitesurf amarrada a uma árvore da Praça do Cumbuco



Autor: Cavalcante (2011).

A Vila aguça todos os sentidos, principalmente a audição, pelo barulho constante e por vezes ensurdecedor, sobretudo do intermitente passar dos buggys e quadriciclos, como também por conta dos vários carros com “paredões” de som tocando músicas em volumes extremamente altos. Não obstante o incômodo diário proveniente da grande movimentação nas ruas, ainda existe a realização de festas nas barracas e em mansões que duram praticamente a noite toda e que aborrecem bastante os cumbuqueiros mais idosos.

As noites do Cumbuco são intensamente movimentadas, notadamente nos finais de semana, com vários bares e restaurantes temáticos, como o restaurante de comidas italianas, outro de culinária portuguesa, outro ainda com uma temática holandesa, além de alguns bares que tentam copiar os *pubs* europeus. Tudo voltado para uma clientela estrangeira.

Toda essa movimentação noturna é dirigida para os turistas e veranistas que estão de passagem no Cumbuco, mas os jovens cumbuqueiros também aproveitam a programação, pelo menos nas festas promovidas nas barracas, principalmente quando acontecem apresentações de bandas de *Reggae*. Muitas vezes eles ficam do lado de fora do estabelecimento, criando de fato uma festa paralela quase que exclusivamente formada por cumbuqueiros.

É interessante lembrar uma festa na barraca *Laranja Mecânica*, que na ocasião era movida a vários DJs com seus repertórios de música eletrônica, em que grande parte dos cumbuqueiros estava do lado de fora, mesmo que não se pagasse ingresso para entrar. Do lado de dentro, a presença absoluta de turistas estrangeiros, como também várias jovens cumbuqueiras, algumas realmente à procura de realizar algum programa e outras simplesmente procurando se divertir.

A prostituição de jovens cumbuqueiras é visível, tanto em pontos estratégicos quanto nos bares, fato que até levou a Prefeitura de Caucaia a fazer no ano de 2011 uma campanha contra a prostituição no litoral de Caucaia. São conhecidas, também, as festas particulares nas grandes mansões, onde as jovens vendem seus serviços para estrangeiros, os quais muitas vezes desembarcam na localidade somente para esse fim.

Segundo relatos de um cumbuqueiro entrevistado, a prostituição, “[...] surgiu em questões devido o grande fluxo de turistas e tem muitos turistas que não vêm para gozar das belezas naturais que o lugar ou o município ou o estado oferece. Muitos vêm para esse tipo de coisa mesmo né.”

As missas de finais de semana, à revelia da grande religiosidade dos pescadores elencada por Cascudo (1957) e por Diegues (1995), são esvaziadas e frequentadas principalmente por turistas e por veranistas que estão na localidade. Realidade caracterizada nas palavras de um cumbuqueiro envolvido nas atividades da Capela de São Pedro: “Na verdade, o nosso público maior aqui na nossa igreja geralmente são os veranistas; as pessoas que têm casas aqui na nossa comunidade e quando estão no fim de semana aqui participando, vêm passar feriado ou então fim de semana aí eles vêm pra missa. Então é um público mais de visitantes né [...]”.

A religiosidade volta à tona nos festejos de São Pedro, que duram dez dias, com missas diárias e seguidas de apresentações culturais, além dos conhecidos leilões, as alvoradas, entre outros eventos. Festa que só termina com a conhecida procissão de Jangadas que levam a imagem de São Pedro para o alto-mar para pedir a interseção do Santo na proteção contra os perigos da labuta pesqueira e que o mar sempre lhes propicie o seu sustento e o de suas famílias.

A “invasão” das drogas é uma reclamação constante, principalmente durante as festas noturnas nas barracas de praia e nas mansões, movidas a bebidas alcoólicas e a drogas ilícitas — principalmente drogas sintéticas, pelos estrangeiros — e movidas a maconha e a crack, pelos jovens cumbuqueiros.

Nesse contexto, poder-se-ia até ser levado a entender o Cumbuco, atualmente, como uma realidade totalmente embebida pelo valor de troca, no sentido de que a localidade tenha praticamente se *estilhaçado* em vários percursos e diversas atrações para turistas, veranistas e investidores. Não obstante, mesmo observando que o valor de troca cada vez mais tem sufocado o valor de uso¹⁴⁰ e o Cumbuco tenha se transformado em mercadoria, acredita-se que relações pretéritas ainda se (re)produzem, mesmo como *vestígios* de sociabilidades anteriores.

¹⁴⁰ Na verdade, o valor de troca acabou por dirigir o valor de uso.

Essa circunstância tornou primordial o recurso da *regressão* histórica do segundo capítulo, mesmo que ainda de forma embrionária, pois, como observa Lefebvre (1986b, p. 145-146, grifo nosso),

Para quem não analisa, o passado vem, muitas vezes, se perder, se mostrar num presente inteiramente presente e aparentemente dado, ou em um bloco anacrônico e fora de uso. Daí o caráter, ao mesmo tempo, difícil e recente [...] que não pode prescindir da história, pois aqui, como lá e acolá, o histórico persiste e age sobre o atual.

Nessa argumentação da *coexistência dos tempos históricos*¹⁴¹, apresenta-se a pracinha da Igreja de São Pedro que, como nas cidades interioranas, é o centro de convergência dos cumbuqueiros, o local de encontro, seja para as rodas de conversas, intervenções culturais, jogos de bola, conversas depois da missa, entre outros pretextos. Na citada praça pode-se ver sempre alguns pescadores bebendo cachaça, bebida sempre marcante na vida desses profissionais, como bem apontou Cascudo (1957).¹⁴² São características, ainda, as quadrilhas no período junino, as rodas de capoeira, os leilões e as missas campais no festejo do padroeiro, além das várias intervenções culturais do Seu Lulu, que sempre coloca frases de efeito diretamente no chão ou nos muros da praça ou ainda em pedaços de madeira pendurados no alambrado da quadra de esportes.

Ainda podem ser encontradas algumas famílias que, além de manterem suas casas praticamente intactas desde a construção da Vila, ainda apresentam o costume de lavarem suas roupas em lavatórios improvisados em frente a suas casas, sob as fruteiras, reunindo-se e conversando sobre a vida, sobre os acontecimentos corriqueiros. Também podem ser vistos jovens pescadores confeccionando ou consertando redes ou manzuás de pesca, ou ainda um idoso cumbuqueiro restaurando jangadas nas bordas do calçamento.

O presidente da colônia, como nas outras colônias de pescadores do estado do Ceará, é bastante respeitado por todos e também tem bastante influência na Vila, não somente no tocante a assuntos ligados estritamente à pesca, mas também a vários outros

¹⁴¹ Complexidade vertical (LEFEBVRE, 1986a).

¹⁴² Segundo relatos de um cumbuqueiro, “[...] a droga do pescador é a cachaça e o cigarro, porque o pescador, se ele não fumar e nem beber, ele é um pescador que é da Igreja evangélica”.

âmbitos da vida política e social do Cumbuco. A todo momento chega alguém na sede da colônia pedindo a ajuda do presidente em alguma questão.

Todos os cumbuqueiros se conhecem e, como no interior do estado, a referência sempre é feita pelo pai: este é o filho de fulano, de sicrano. E os mais velhos, principalmente os pescadores, não são conhecidos pelos nomes de batismo, mas por apelidos.

Mesmo com oferecimento ocasional de cursos de Inglês gratuito para os cumbuqueiros aprenderem a lidar com os turistas, muitos ainda são analfabetos, em especial os mais velhos. E um grande contingente de jovens, mesmo arriscando-se a falar algumas palavras em inglês, para de estudar assim que termina o ensino fundamental, tanto pela ausência de escola de ensino médio no Cumbuco quanto pela existência de várias outras contradições que levam os jovens a procurar algum meio de garantir seu sustento diário.

Hoje, na colônia, existem mais de 500 pescadores cadastrados, contabilizando Cumbuco, Tabuba (sobretudo pescadores que moravam no Cumbuco) e Sítios Novos¹⁴³. Especificamente no Cumbuco, cerca 50 % das famílias de cumbuqueiros afirmaram que pelo menos um membro da família é pescador e que 27,4% dos chefes de família são pescadores¹⁴⁴. Todavia, grande parte desse número de pescadores atualmente pratica outra profissão, mas mantém a carteira para o recebimento do seguro-defeso e da posterior aposentadoria.

Entretanto, é real a existência ainda de um grande número de pescadores ativos que não possuem a carteira de profissional de pesca, mesmo com a colônia regularmente oferecendo cursos para esse fim. Esses pescadores acabam por não receber o seguro-defeso, que lhes garante um salário mínimo durante o período em que a pesca é proibida para a reprodução marinha.

É merecedor de um olhar mais atento a importância de tal seguro na vida dos pescadores, principalmente para os não possuidores de embarcações, pois esse é o período de maiores ganhos, já que os pescadores que realmente ficam no seco se dedicam a outras

¹⁴³ O distrito de Sítios Novos possui uma Capatazia (uma espécie de filial da sede da colônia que se localiza no Cumbuco) e nela a pesca é realizada em açude.

¹⁴⁴ Informações oriundas do questionário.

atividades que complementam o seguro, além de esse seguro por vezes atrasar e o recebimento ocorrer de forma acumulada, o que possibilita a compra de eletrodomésticos, móveis e outros produtos oriundos da sociedade urbana que agregam uma maior quantidade monetária.

Nesse contexto, é merecedor de destaque, também, a renda dos cumbuqueiros moradores da Vila, onde 20,9% possuem renda total familiar de menos de um salário mínimo:

Tabela 2 – Renda total familiar do cumbuqueiros

Salários mínimos	Ocorrências	%
Menos 1	13	20, 9%
1 a 3	41	66,1%
3 a 5	3	4,8 %
4 a 6	0	0%
Não informaram	5	8%

Fonte: Cavalcante (2011).

Mesmo com todas as mudanças na atividade da pesca, com a construção de embarcações (jangada, paquete ou bote) cada vez mais robustas, como a mudança da antiga jangada de piúba para a construção de jangadas de isopor ou da jangada ocada, por exemplo, como também a chegada progressiva do uso do GPS, ainda se observa o segredo dos bons pescadores, a não utilização de embarcações motorizadas¹⁴⁵ e a continuação da subordinação para com o marchante (atravessador), o qual fica com quase todos os ganhos da pescaria. A realidade é que um só marchante, ou dono de peixaria, tem várias embarcações e muitos pescadores são apenas empregados.

Essa realidade é vivenciada por um cumbuqueiro, que hoje mora na localidade da Lagoa do Barro — localizada do outro lado do campo de dunas — e todos os dias, na madrugada, atravessa o campo para ir pescar numa embarcação que não é sua. O pescador sempre se queixava de tal situação, fosse nas conversas informais fosse nas reuniões da colônia, quando ele descrevia a exploração sofrida pelos pescadores que não possuíam suas

¹⁴⁵ Existia uma única embarcação motorizada que fora financiada pelo Banco do Nordeste, mas durou poucos anos, sendo destruída pelas ondas quando estava ancorada perto da faixa de praia. Até hoje o caso está para análise, pois o pescador não tinha nem terminado de pagar o financiamento.

embarcações. Somente em meados de 2011 foi que o aguerrido pescador conseguiu financiar um pequeno bote, fato que segundo ele foi uma missão árdua devido à burocracia e à dificuldade do crédito.

É interessante observar ainda que o referido cumbuqueiro, como outros pescadores, mesmo analfabetos, estão aprendendo georreferenciar os bons pesqueiros com o uso do GPS, podendo localizar mais facilmente os pontos de maior probabilidade de puxar as redes carregadas de peixes.

Ainda existem algumas bordadeiras, como Dona Maria, filha de pescador, fazendo bordados desde os dez anos de idade e vivendo do bordado desde o ano de 1993, quando “trazia, fazia e ia deixar” os produtos em Fortaleza. Mais tarde, junto com outras bordadeiras do Cumbuco, foi expor seus produtos no barracão dos índios Tapebas, localizado já nas proximidades de Fortaleza, e depois no centro de artesanato, construído na Praça do Cumbuco. Segundo nossa interlocutora, as mulheres eram somente donas de casa ou aprendiam a bordar: “[...] por isso que eu aprendi né [...] tinha umas que faziam ponto cheio, outras que faziam ponto cruz, tinha aqui a Rosa que fazia labirinto”. Entretanto, hoje são poucas as mulheres que vivem dessa atividade artesanal e grande parte das mercadorias vendidas no centro de artesanato é fabricada em Fortaleza ou em outras partes do estado. Nesse tocante, até uma parte do peixe vendido na peixaria que se localiza no centro da pracinha vem do estado do Pará, como a espécie Pargo, trazida desse estado em caminhões refrigerados.

Visitar a família que reside na localidade de Novo Horizonte — apresentada no segundo capítulo — é um mergulho no passado; mesmo morando entre o loteamento fechado Summerville e o Resort Vila Galé Cumbuco, a família ainda consegue viver o *tempo lento*, cultivando sua vazante, cuidando dos animais, vivendo sem energia elétrica,¹⁴⁶ deslocando-se para a Vila de carroça, confeccionando labirintos e bordados, e recordando os tempos em que todos os moradores do Cumbuco viviam dessa mesma forma.

Tal realidade leva não a se tentar construir uma falsa dicotomia e/ou dualismo entre o tradicional e o moderno, mas a entender a realidade como uma “[...] colagem

¹⁴⁶ Recentemente eles conseguiram improvisar um pequeno cata-vento, o qual produz energia elétrica que garante um bico de luz e alguns eletrodomésticos.

desarticulada de tempos históricos [que podem ser datados] e realidades sociais” (MARTINS, 2000, p. 50), que possibilitam a análise tanto dos *vestígios do passado* de relações não capitalistas quanto do próprio *dissolver criativo* do capitalismo no cerne de sua eterna *transitoriedade*, como se aborda embrionariamente no terceiro capítulo.

4.2 Parazinho e a i-mobilidade

Com a ocupação dos últimos lotes vazios da Vila, com a forte ação dos especuladores imobiliários, que a todo o momento tentam comprar os imóveis¹⁴⁷ ou parte deles, e com o crescimento das famílias, os cumbuqueiros ainda nos anos de 1990 começaram a se deparar com o problema da falta de moradia.¹⁴⁸ A situação é lembrada em praticamente todas as conversas formais e informais realizadas durante a pesquisa, principalmente quanto ao que se refere aos filhos e filhas que formaram suas famílias e não conseguem adquirir uma moradia no local de origem.

Em pesquisa direta,¹⁴⁹ verificou-se que 67,3% das famílias do Cumbuco possuem filhos que formaram família morando na casa dos pais ou que fizeram um “puxadinho”¹⁵⁰ na casa deles. Foram encontradas, apenas, duas ocorrências de filhos que constituíram família e conseguiram comprar outra casa no Cumbuco,¹⁵¹ e outras três famílias que conseguiram alugar um “quartinho” na Vila. Foram encontradas, também, outras famílias que estão esperando ser contempladas pelo financiamento Minha Casa Minha Vida do governo federal, que implantará condomínios na localidade do Icarai.

Algumas famílias com melhores condições financeiras, como a família de uma cumbuqueira que se dedica à manutenção dos equipamentos do Kitesurf, conseguiram dividir os lotes com melhor infraestrutura para os filhos, como ela bem enfatiza:

Aí passou 25 anos nós morando nesta casa. Então, meu genro queria fazer uma casa, mas ele não tinha terreno aqui para comprar e minha filha não queria ir para outro canto. Eles têm terreno lá na Tabuba, mas ela não queria ir. Aí ele disse: [...] vamos fazer disso, vamos alugar uma casa para a gente ir e aqui vou desmanchar e vou fazer minha casa e vou fazer a de vocês.

¹⁴⁷ Realidade descrita também em Moraes (2009, 2010).

¹⁴⁸ Fato também relatado em uma das entrevistas transcritas na tese de Lima M. (2002).

¹⁴⁹ Informações oriundas do questionário.

¹⁵⁰ Uma pequena construção anexa à residência principal, construída normalmente na parte não edificada do lote original.

¹⁵¹ As duas ocorrências encontradas são de filhos de cumbuqueiros que conseguiram montar seu empreendimento no Cumbuco: um deles conseguiu construir uma barraca de praia e o outro um mercadinho.

Outra realidade observada nesta investigação é a fragmentação dos lotes originais de 180 m², que foram divididos em média em duas partes, chegando até mais de quatro partes, sendo que 22,5% dos lotes originais tiveram partes vendidas para especuladores, 35,4% tiveram partes cedidas para os filhos construírem seus “puxadinhos” e 4,7% tiveram uma parte vendida e outra cedida¹⁵². Cerca de 62,9% dos cumbuqueiros já receberam oferta de compra de suas casas numa variação de 75 a 350 mil reais, pois os preços se alteram dependendo do tamanho do lote e da proximidade da praia¹⁵³.

Segundo as palavras de um cumbuqueiro entrevistado, os moradores do Cumbuco, acostumados com os poucos ganhos obtidos na prática da pesca ou nas atividades de pedreiro, caseiro, zelador, entre outras atividades, são facilmente vislumbrados pelos altos preços oferecidos por suas casas. O interlocutor afirma ainda que alguns que moravam mais próximos à praia até conseguiram vender suas moradias e comprar outra nas proximidades da escola municipal, em que se localizam os quarteirões mais afastados do mar. Porém, a grande maioria rapidamente gasta o dinheiro e vai morar em outras localidades nas quais o preço das moradias é menos elevado.

Ainda segundo as palavras do nosso interlocutor, “[...] foi chegando muito turista, tanto brasileiro como estrangeiro, e foram botando dinheiro nas casas aqui e o pessoal foi vendendo e vendendo [...] vendendo essas casas porque é muito dinheiro uma casa no Cumbuco”.

Vale assinalar que a grande maioria dos cumbuqueiros que venderam somente partes dos lotes não fizeram as transações por milhares de reais; a grande maioria dessas partes foi vendida ainda da década de 1980, por vezes em geração anterior e a preços irrisórios.

Diante dessa problemática de moradia, nos anos 2000 algumas famílias chegaram até a limpar e marcar um terreno que se situa na localidade da Lagoa do Barro, mas, diante de uma série de dificuldades e contratemplos, essa proposta foi abortada, como bem lembra outro cumbuqueiro, que posteriormente, à custa de muito esforço, conseguiu construir sua casa em outra parte da localidade da Lagoa do Barro.

¹⁵² Informações oriundas do questionário.

¹⁵³ Informações oriundas do questionário.

Retoma-se a exposição iniciada no segundo capítulo, na qual se põe em destaque a existência do Parazinho — uma ocupação sobre o campo de dunas, oriunda da saída de pescadores e/ou filhos de pescadores de suas antigas residências (ver Mapa 2, p, 101). Verificou-se que 58,6% das famílias¹⁵⁴ do Cumbuco apresentavam filhos que formaram família¹⁵⁵ morando na localidade do Parazinho/Tabuba,¹⁵⁶ e verificou-se, também, a ocorrência de outros filhos terem ido para as localidades de Lagoa do Barro, Icaraí, Garrote e Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante¹⁵⁷.

Conforme relatos de um cumbuqueiro,

[...] O Cumbuco, ele ficou resumido. O Cumbuco vila, ele é resumido a 52. 660 m² [...] Então pra lá ninguém entra mais porque é de imobiliária, pra lá é de imobiliária. Só o mar que nós temos a liberdade de ir, mas pra lá tudo é de imobiliária. Então não tem como construir além do Cumbuco, para você construir tem que comprar um pedaço de terra de uma imobiliária. Aí, quem tem aqui um preço bom, o turista chega bota um preço bom aí você vende e compra lá na Tabuba. Porque você aumentou sua família, ta entendendo, você aumentou sua família aí tem três quatro filhos morando com numa casa de [...] seis por seis, trinta e seis metros quadrados aí quem tem condições construiu mais no terreno porque o terreno todo era de 180 m². Aí então sua família inchou né [...] aí chegou o turista dizendo eu pago tanto na casa e você sabe que é um dinheiro bom, pega vende e compra lá na Tabuba e bota toda sua família lá.

Uma cumbuqueira que hoje reside no Parazinho, destacando o conflito que teve com seu marido, pois ela não queria mais morar na casa de sua sogra, afirma:

Aí ele dizia assim, pois vai morar lá na Lagoa do Barro ou no Parazinho; só que eu não vou; aí eu disse que vai ter um dia que eu vou e você vai ficar aqui. Foi o tempo que o pai dele vendeu a casa lá da praia e se mudou para a rua da escola e deu uma, assim, parte [...] aí a gente comprou um terreno aqui.

¹⁵⁴ Importante destacar que algumas famílias apresentavam, ao mesmo tempo, filhos que formaram família morando na casa dos pais, como também morando na localidade do Parazinho.

¹⁵⁵ Sem contabilizar irmãos, tios, sobrinhos, entre outras formas de parentesco que também foram constatadas.

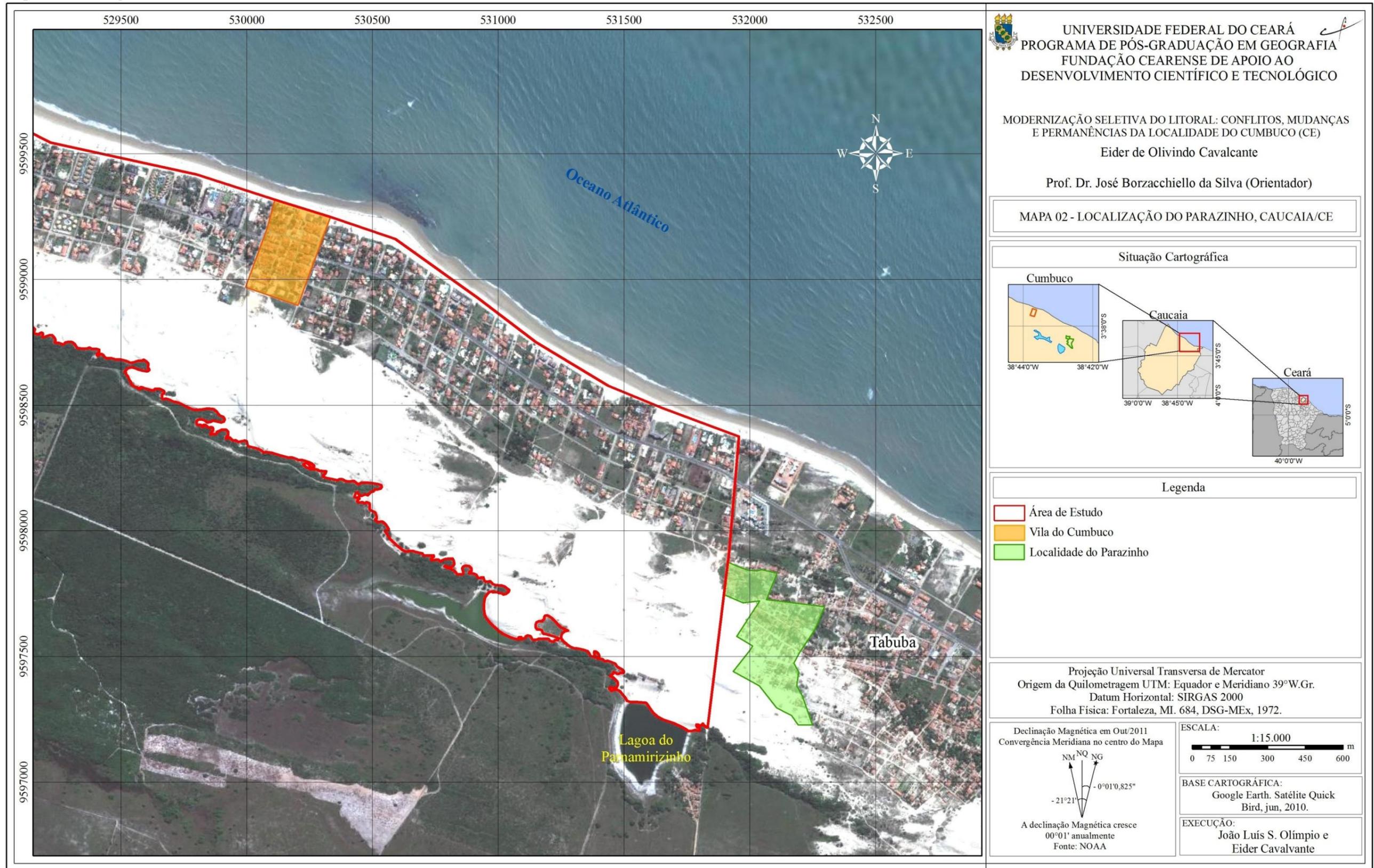
¹⁵⁶ Colocou-se também a referência Tabuba pelo fato de o Parazinho situar-se na localidade e ainda muitos usarem somente a denominação Tabuba por motivo de preconceito de morar na citada ocupação sobre as dunas.

¹⁵⁷ Informações oriundas do questionário.

Nossa interlocutora afirma ainda: “Meu sonho era ter meu lugarzinho, ter minha casa para morar, mas por ele estava lá morando na casa do pai dele e da mãe dele até hoje. Vivendo naquele ninho, num só ninho [...] Eu dizia assim: Eu quero nem que seja uma casa de palha, mas que seja minha”.

O Parazinho, que a cada visita surpreende com sua constante expansão, teve suas primeiras casas construídas na década de 1990, mas sua ocupação consolidou-se somente nos anos 2000. Uma associação, ainda nos anos de 1990, realizou uma série de reuniões com moradores do Cumbuco que estavam precisando de moradias e articulou a doação de terrenos para que eles pudessem construir suas casas, contexto em que os moradores, para receber o terreno, tinham de pagar regularmente a mensalidade da associação. Em pouco tempo as casas, que naquela época eram de taipa, começaram a ser construídas, e ainda alguns terrenos foram adquiridos para fins de uma futura negociação.

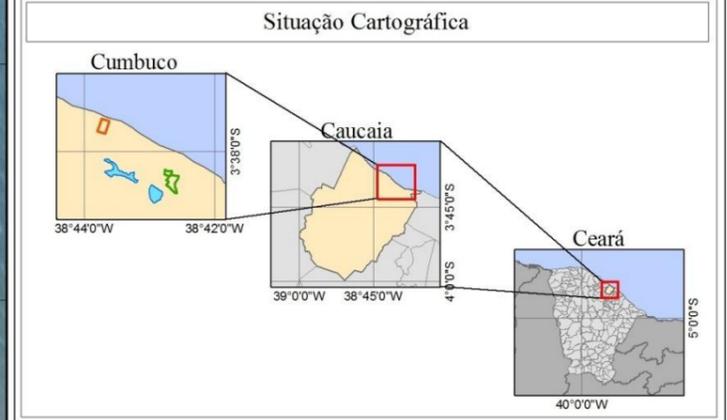
Mapa 2 – Localização do Parazinho



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 FUNDAÇÃO CEARENSE DE APOIO AO
 DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

MODERNIZAÇÃO SELETIVA DO LITORAL: CONFLITOS, MUDANÇAS
 E PERMANÊNCIAS DA LOCALIDADE DO CUMBUCO (CE)
 Eider de Olivindo Cavalcante
 Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)

MAPA 02 - LOCALIZAÇÃO DO PARAZINHO, CAUCAIA/CE



- Legenda
- Área de Estudo
 - Vila do Cumbuco
 - Localidade do Parazinho

Projeção Universal Transversa de Mercator
 Origem da Quilometragem UTM: Equador e Meridiano 39°W.Gr.
 Datum Horizontal: SIRGAS 2000
 Folha Física: Fortaleza, MI. 684, DSG-MEX, 1972.

Declinação Magnética em Out/2011
 Convergência Meridiana no centro do Mapa

- 21°21'

A declinação Magnética cresce
 00°01' anualmente
 Fonte: NOAA

ESCALA:
 1:15.000

BASE CARTOGRÁFICA:
 Google Earth. Satélite Quick
 Bird, jun, 2010.

EXECUÇÃO:
 João Luís S. Olímpio e
 Eider Cavalcante

Um cumbuqueiro, narrando sua chegada ao Parazinho, afirma:

Quando nós chegamos aqui essa parte aqui quase não tinha casa não [...] quando eu vim pra cá tinha essa daqui, tinha aquela que era do meu irmão e tinha aquela outra que era da tia [...] mas só que era de taipa, aquelas casas de taipazinha. Aí eu cheguei, fiz logo essa casa aqui de taipa também ardeada de barro [...] aí depois que, ao poucos, minha mãe me deu uma ajuda, antes de morrer me deu logo um milheiro de tijolo, aí com um empurrãozinho do meu esforço mesmo aí fiz esse pedacinho aí [...] Terminei não, mas dá para tirar o resto da vida.

Até o presidente da Colônia de Pescadores, deixou de morar no Cumbuco e construiu sua casa na Tabuba, afirmando que saiu de seu local de nascimento pelo fato de não aguentar mais tanto barulho de carros, som alto e tanta gente. Até o pai do nosso interlocutor está vendendo a última parte no lote que lhe restou para ir morar na Tabuba porque trabalha consertando as embarcações, no meio do calçamento, ameaçado a todo momento pelos carros que passam. Pesou também na decisão da venda a especulação de que vão asfaltar a rua onde ele mora — paralela à principal —, tornando praticamente impossível a realização de seu trabalho.

Nos dias correntes, a ocupação está fortemente adensada, com a grande maioria das casas construídas em alvenaria, num mix de moradias precárias e outras bem estruturadas. Não obstante, a infraestrutura disponível é precária, já que as ruas não possuem calçamento, não existe ainda saneamento básico nem coleta de lixo, havendo apenas energia elétrica (ver Figura 25). O processo de urbanização e de modernização do litoral, como diz Lefebvre (2001), adquire também um processo de urbanização desurbanizante e desurbanizada.

Figura 25 – Parazinho

Autor: Cavalcante (2011).

Os preços das moradias já não representam uma saída “fácil” para as famílias que saem do Cumbuco, como bem relata um cumbuqueiro de nascimento e pescador de profissão, que mora no Parazinho há quase vinte anos e que foi um dos primeiros a construir sua casa sobre a duna: “O cara aqui de primeiro chegava, comprava uma casinha do tipo dessa minha aí, o cara chegava e comprava por três, quatro mil; hoje não compra mais não [...] aqui agora tá comprando de vinte pra cima. A mais barata do tipo dessa minha aí”.

O referido interlocutor, ao ser perguntado se seus filhos conseguirão comprar uma casa no Parazinho quando constituírem família, é enfático ao afirmar que não, porque os próprios estrangeiros já estão comprando terrenos e construindo casas na localidade. De fato, observa-se isso empiricamente ao se visualizar algumas casas que nitidamente não são de pessoas que detinham poucas condições financeiras de construir ou comprar uma casa em outro local.

Uma cumbuqueira residente no Parazinho, ao ser questionada sobre a quantidade de cumbuqueiros que saem para morar na localidade, é enfática: “[...] Tem muita, muita e ainda é saindo mais. Até porque lá futuramente só vai ter lugar para os gringos para os estrangeiros né”.

Mas como entender esse processo de saída cumbuqueiros do Cumbuco? À primeira vista encontrar-se-ia a explicação para tal contexto a partir do entendimento de que os turistas — beneficiados pela fluidez e dinamicidade da globalização — tornam-se *extraterritoriais*, vivendo em eterna mobilidade como verdadeiros *globetrotters* (BAUMAN, 1999), e os cumbuqueiros, por sua vez, sofrem um processo de *desterritorialização*, perdendo suas raízes e seu território.

Na contramão desse raciocínio, Carlos (1996, p. 14) afirma que

O debate em torno do processo de globalização remete-nos a uma discussão sobre o mercado mundial e traz, na sua esteira, como fundamento da análise, as considerações sobre as novas relações espaço/tempo. Alguns autores veem nesse novo processo a desterritorialização do homem e de suas atividades. Aqui nosso caminho é radicalmente oposto. Cada vez mais o espaço se constitui numa articulação entre o local e o mundial, visto que, hoje, o processo de reprodução das relações sociais dá-se fora das fronteiras do lugar específico até há pouco vigentes. Novas atividades criam-se no seio de profundas transformações do processo produtivo, novos comportamentos se constroem sob novos valores a partir da constituição do cotidiano.

Haesbaert (2007, p. 37) afirma que — ao contrário da suposta extraterritorialidade dos *globetrotters* ou turistas globalizados — essa nova elite planetária vive numa *multiterritorialidade*, podendo, “[...] de certa forma, a vivenciar, concomitante, de uma enorme gama de diferentes territórios e\ou territorialidades”. Ainda, segundo o autor, o processo que ele denomina de *des-territorialização* (com hífen), estaria sempre dialetizado como um processo de desterritorialização e reterritorialização, pois ninguém vive sem território. Para o autor, a existência humana é uma existência territorial (HAESBAERT, 2004, p. 36). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que os cumbuqueiros estão perdendo seu território, estão se re-territorializando no Parazinho, mas esse processo não ocorre de forma espontânea ou sem perdas.

Bauman (1999) e Haesbaert (2007), mesmo chegando a conclusões opostas, destacam que os processos que garantem ao turista viver em constante mobilidade tornam os agrupamentos humanos mais desprovidos cada vez mais localizados e i-mobilizados.¹⁵⁸

¹⁵⁸ Haesbaert (2009) vai tratar da i-mobilidade (com hífen), representando a dialética entre a mobilidade e a imobilidade.

Em outras palavras, “[...] alguns desfrutam da nova liberdade de movimentos *sans papiers*. Outros não têm permissão para ficar nos seus lugares pela mesma razão” (BAUMAN, 1999, p. 96).

Segundo Lefebvre,

Só emergem as personalidades olímpicas, grande burguesia que corresponde em nosso tempo à antiga aristocracia da qual recolhe as migalhas. As personalidades olímpicas não têm vida cotidiana, se bem que as imagens que as popularizam lhes atribuam, precisamente, uma cotidianidade superior. Em última análise, o Olímpico não tem nem domicílio fixo; ele reconstitui na opulência, com os meios do poderio, a vagabundagem “livre”, o nomadismo; vive em seu iate, vai de palácio a palácio ou de um castelo a outro. Está acima do “habitante”. Para o comum dos mortais, o Olímpico, criatura de sonho, fornece imagens sensíveis (vendidas muito caro) do imaginário. O possível, todo o possível, se encarna. É uma outra cotidianidade, mal reconhecida e, no entanto, reconhecida: piscina, telefone branco, mesa de estilo. Mas há uma transcendência: o Olímpico não habita mais.¹⁵⁹ *Quanto ao habitante, fixado no solo, a cotidianidade o sitia, o imerge, o engole* (LEFEBVRE, 1991, p. 103, grifo nosso).

Alves (2011) é enfática ao afirmar que a imobilidade física é associada a uma imobilidade social, associada às formas de habitações precárias, em ocupações irregulares, sem acesso a benfeitorias sociais, como infraestrutura básica ou instituições de ensino e saúde.

No entanto, a localização (fixação) é acompanhada pelo movimento, mas um movimento imposto. Os cumbuqueiros, para a garantia de mobilidade das *personalidades olímpicas* (turistas), “estão se movendo porque foram empurrados” (BAUMAN, 1999, p. 101). Foram primeiramente empurrados para a Vila, depois imobilizados pelo fato de o pequeno espaço destinado aos pescadores ter sido cercado e praticamente engolido pelo Loteamento Praia do Cumbuco, não havendo meios para sua expansão nem para garantia de suas práticas diárias. E, nesse contexto, novamente empurrados, desta vez em direção ao Parazinho.

Para Bonnemaïson (2002, p. 108, grifo nosso), “[...] nesses lugares de aculturação e de desenraizamento, o único meio de sobrevivência que resta a um grupo é

¹⁵⁹ A referência ao fim do *habitar* não se refere a uma suposta extraterritorialidade, pois para o referido autor as relações sociais são também espaciais por excelência, como também aponta Carlos (2011), mas diz respeito à revelação de um espaço sem espessura, calcado no fim do *flanar* no sentido baudelairiano e na construção de um *tempo efêmero* e de um *espaço amnésico* (CARLOS, 2001).

constituir um *novo território*, por ínfimo que seja e, se isso não for possível, recriar um num outro lugar, no sonho e no mito...”

Segundo Bauman (1999, p. 191), que chega a apresentar a estratificação social com base no grau de mobilidade, o mundo foi feito sob medida para o turista, destacando que “[...] o que se chama hoje de ‘globalização’ gira em função dos sonhos e desejos dos turistas”.

Haesbaert (2009, p. 95), ao tratar das dinâmicas de i-mobilização sob um plano geral do que ele chama de *sociedade de des-controle e de in-segurança*,¹⁶⁰ afirma que esse processo que “[...] se desdobra entre o fechamento e a abertura, fluidez e fixação territorial [...] constitui o que denominamos em sentido amplo, de estratégias territoriais – e, obviamente, também, sociais de *contenção*”.¹⁶¹

Os turistas que detêm o controle da mobilidade e dos fluxos podem vivenciar a multiterritorialidade entre seus países de origem, o Cumbuco e onde mais tiverem interesse, e os cumbuqueiros, que ficam à margem desse controle e que, pelo contrário, sofrem tentativas de contenção territorial, são ora imobilizados ora empurrados, vivenciando uma forte precarização social (HAESBAERT, 2009).

Os trabalhadores do mar, que historicamente desfrutaram de certa mobilidade — como destacado no segundo capítulo — devido à pouca funcionalização do litoral cearense, sofreram seu primeiro processo de *contenção* do território de reprodução da vida¹⁶² com a própria construção da Vila, onde foram organizados (contidos) e fixados (imobilizados). Realidade expressada numa reportagem de jornal publicada um ano depois da construção da Vila: “Considera-se, hoje, o Cumbuco um exemplo de como *organizar* uma sociedade pobre, sem criar problemas sociais” (O POVO, 30 de novembro de 1979, grifo nosso). E com o próprio crescimento da Vila, os cumbuqueiros esbarraram com uma realidade não preponderante nos tempos de pouca funcionalização do litoral, qual seja a *valorização do litoral e a propriedade da terra*, tornando estratégica a ocupação do

¹⁶⁰ Salvo as diferenças, Lefebvre (1999) usa a denominação de sociedade super-repressiva, que pode chegar ao extremo de sociedade terrorista.

¹⁶¹ Em trabalhos anteriores, como Haesbaert (1995), o autor trabalhou com o conceito de *exclusão territorial*, e posteriormente passou a trabalhar com a conceituação de *reclusão*, como em Haesbaert (2004), e recentemente tem apresentado o que ele chama de “quase conceito” de *contenção territorial*, como em Haesbaert (2009), o que mostra que sua teoria está sempre aberta à realidade.

¹⁶² Aliás, a própria constituição das comunidades pesqueiras marítimas, no desenrolar da história, fora fruto da forte *funcionalização e contenção* em outras particularidades do estado do Ceará.

Parazinho. Os cumbuqueiros estão presos nesse jogo entre localização/movimento (imposto)/localização.

No entanto, muitos cumbuqueiros que foram morar no Parazinho ainda mantêm uma forte relação com o Cumbuco tanto por causa da grande quantidade de familiares e amigos que lá permaneceram como em virtude de muitos ainda trabalharem lá no local de origem. O Parazinho, igualmente como a localidade da Lagoa do Barro, apresenta-se como uma estratégia de resistência dos cumbuqueiros a manter ainda uma relação íntima com o Cumbuco, relação que supera a questão da moradia. *O Cumbuco é o sentido do Parazinho.*

Outro cumbuqueiro entrevistado, afirma que praticamente de segunda a segunda, com exceção de alguns períodos em que faz alguns bicos e outros tipos de atividades, vai para o Cumbuco de madrugada para embarcar¹⁶³. Conta que uma vez, num desses percursos, foi surpreendido com a abordagem de policiais numa viatura e somente depois de muita conversa o pescador livrou-se de ser detido pelo fato de estar transportando — juntamente com o restante de material de pesca — uma pequena faca usada em vários momentos da pescaria.

Destaca-se a fala de uma cumbuqueira ao se referir ao marido: “Mas hoje em dia ele vive mais lá do que em casa. Ele não vive em casa. Até porque ele mal sabe: pescador tem que tá na beira d’água [...] mas eu também, por mim, quando tiro um tempinho vou para a pracinha ver o movimento, vou para a praia”.

¹⁶³ Alguns pescadores que moram no Parazinho e possuem suas embarcações encalham (termo utilizado para o ato de retirar as embarcações da água e acomodá-las na areia) suas jangadas já nas proximidades da localidade. Entretanto, como a maioria dos pescadores não possui sua embarcação e a maior parte das embarcações é encalhada no Cumbuco, eles são obrigados a se deslocar tanto do Parazinho quanto da Lagoa do Barro para poder exercer sua profissão.

4.3 Da “invenção” à superação do Cumbuco

No segundo capítulo, dedicaram-se algumas páginas à construção de um primeiro degrau para um entendimento diacrônico da realidade do Cumbuco. Tal tarefa não se deu a esmo, mas, sim, pelo fato de a história local ser, por vezes, desconhecida das novas gerações de cumbuqueiros e mais ainda dos turistas, investidores e veranistas que se deslocam de vários cantos do Brasil e do mundo.

Um fato bastante emblemático foi a realização dos festejos de “aniversário do Cumbuco”, nos dias 5, 6 e 7 de janeiro de 2011. Tais festejos eram prática comum durante os vários anos em que o empreendedor atuava ativamente no dia a dia da Vila, mas não estavam sendo realizados há alguns anos. Na ocasião, os pescadores que faziam parte da diretoria da colônia destacaram o anseio da realização de tais festejos, caracterizando-os como estratégia para reavivar a história do Cumbuco e reforçar os laços entre os cumbuqueiros, ambos em pleno definhamento. Essa realidade era sempre salientada nas reuniões da colônia e nas conversas informais, por ser considerada uma das principais causas da falta de união dos pescadores no enfrentamento das dificuldades diárias, e da passividade da classe com relação às transformações do Cumbuco. Todavia, o aniversário destacado era na verdade somente do aniversário de construção da Vila do Cumbuco que completava 33 anos, e, ainda, os próprios realizadores, mesmo sabendo de toda uma gama de aspectos da história do Cumbuco, não tinham muita ideia dos primórdios de sua formação territorial.

Desse contexto surgiu o convite para a realização conjunta do documentário “Cumbuco: um convite à história”, que fora construído com base em relatos do cumbuqueiros mais idosos e por meio de fontes documentais e de uma valiosa monografia de graduação datada do ano de 1981¹⁶⁴, elaborada ainda no calor da construção da Vila. Mediante cada relato, conversa e experiência compartilhada, os envolvidos foram tomando conta ou tendo mais certeza ainda, da riqueza histórica do local antes da construção da Vila. História que foi se perdendo no decorrer dos anos, sendo substituída pela *história oficial* divulgada a todo o momento pelos *trades* turísticos, especuladores, investidores,

¹⁶⁴ Pinho (1981).

entre outros, que caracterizam o “Cumbuco Velho” como o Cumbuco do atraso, do analfabetismo, da mortalidade infantil, entre outras características degradantes:

Em 1976 não havia água tratada, energia, telefone, posto médico, escola pública, e como já citado, nenhuma estrada. A taxa de analfabetismo era de quase 100 %. Os nativos contam que nessa época a taxa de mortalidade infantil chegava a 80%, durante o primeiro ano de vida. A taxa de mortalidade de parturientes era de altíssima, devido a falta de higiene no parto e no pós-parto, além da falta de assistência médica. Em casos de doenças, os moradores dessa vila precisavam andar quase 20 km por cima das dunas, transportando o doente numa rede ou no lombo do cavalo e geralmente chegavam tarde demais no hospital mais próximo, em Caucaia.¹⁶⁵

Um dos documentos da Construtora Cumbuco LTDA¹⁶⁶ apresenta uma “História resumida do Cumbuco”, trazendo praticamente as mesmas informações da citação acima, afirmando que, após a construção da Vila, “de cada 320 (trezentos e vinte) crianças que nasciam [...] apenas 1 (uma) morria e [que] nenhuma mulher morreu de parto. Todas as crianças da Vila estudam lá, ninguém paga aluguel nem transporte para ir trabalhar” (CONSTRUTORA CUMBUCO, 1997, p. 2-3). O referido documento assegura, também, que “o Cumbuco passou a ser assim, o único local de pesca, que convive com nativos e novos proprietários, sem confusão e pelo contrário, em muita harmonia”. (CONSTRUTORA CUMBUCO, 1997, p. 2).

No intuito de enfatizar que o processo se deu sem grandes conflitos, o citado documento menciona, ainda, que apenas uma família decidiu receber a indenização e foi morar no litoral do Rio Grande do Norte, e deixou de nomear as outras cerca de 40 famílias que, ainda aproveitando os últimos momentos da referida mobilidade, se mudaram para outras paragens do litoral cearense e nordestino, como a de Seu Malaquias, que foi morar numa comunidade pobre no litoral de Fortaleza, conhecida como Arpoador¹⁶⁷. Todos os esforços foram utilizados no intuito de instituir essa história oficial em detrimentos dos vários registros de recusa e conflitos.

¹⁶⁵ Extraído do site <<http://www.visiteobrasil.com.br/historiasdascidades/ce-cumbuco.php>>. Acesso: 04 de setembro de 2010. Site especializado em turismo, que apresenta informações privilegiadas como um detalhamento cronológico de vários acontecimentos no Cumbuco e até informações pessoais do dono da Construtora Cumbuco Ltda.

¹⁶⁶ Ver em Construtora Cumbuco LTDA (1997).

¹⁶⁷ Segundo relatos de uma cumbuqueira entrevistada.

Uma cumbuqueira, por exemplo, enfatiza que

Tiraram essa madeira e trouxeram. Aí colocaram acolá, onde hoje é [...] aquele pé de azeitona [que] fui eu que plantei e plantei um bocado de pé de coqueiro e cajueiro que o finado Osmar arrancou todinho, dizendo que era a mandado do doutor [...] Eles estavam fazendo essas casas aqui para a gente se mudar para cá. Aí eu disse: — Eu não me mudo para ali, eu não vou. Eu fico é aqui na minha casa. Era tão bonito!

Eu mandei dizer para o doutor [...] que eu não vinha para cá. Ele podia dar a casa para quem ele quisesse, mas eu não vinha. Aí ele disse: — Ela tem que ir, porque ali vai ser casa de veraneio. Aí eu disse: — Olhe! Eu não deixo. Eu não vou sair de dentro da minha casa para ninguém derrubar. A minha casa aqui é de palha, deixa ele com o sobrado dele, mas eu não quero.

Briguei, briguei, briguei e fui embora. Todo mundo ganhou casa aqui e eu nada. O doutor mandava dizer: — Diga a ela que venha receber a casa dela senão eu dou para outro. Eu disse: — Olhe! Pode dar. Eu já estou na minha casa.

Pinho (1981, p. 36), também transcreve uma série de depoimentos de cumbuqueiros descontentes com a mudança, como por exemplo:

Vim morar nesta casa porque não tinha para onde ir. Eu queria ficar lá onde eu morava porque lá eu achava melhor, era tudo aberto, não era cercado, não era impressado como aqui. Aqui é muito quente, é muito pequenininho.

Eu não queria vir prá cá porque tinha pena de deixar minhas lavouras, minhas plantações de milho, feijão, batata, mamão, cana [...]

Todavia, da mesma forma que nem tudo ocorreu na perfeita harmonia, realmente algumas famílias gostaram da troca de sua antiga moradia pela casa da Vila, como também das mudanças ocorridas, de modo geral, principalmente as famílias mais humildes financeiramente, que muitas vezes não possuíam vazantes e enxergavam a construção da Vila, naquele momento, como uma possibilidade de melhoria de vida.

Segundo relatos de uma cumbuqueira estudante da escola EEIEF Helena de Aguiar Dias nos tempos de infância, quase todos os eventos da escola contavam com a presença do empreendedor, afirmando que ela e os amigos aprendiam que ele era o “Pai do

Cumbuco”¹⁶⁸. Uma espécie de Martins Soares Moreno da contemporaneidade — *mito fundador* do Cumbuco.

O empreendedor — que possui uma residência do lado da Vila — não marcava presença apenas nos eventos locais importantes, mas estava corriqueiramente intervindo no dia a dia dos cumbuqueiros, como chamando a atenção de algumas cumbuqueiras por conta da criação de pequenos animais, ou entrando em conflito com outro cumbuqueiro, pois este último queria fazer uma barraca de palha para vender comida e bebida para aos frequentadores da praia, ou seja, *regulando* fortemente a vida dos cumbuqueiros ¹⁶⁹. Existia toda uma relação paternalista e ao mesmo tempo conflituosa entre os cumbuqueiros e o empreendedor, como ainda hoje ocorre entre os cumbuqueiros e o leque de empreendedores que lá investem, por intermédio de uma *rede de relações* observada também entre os pescadores da Praia de Iracema, em 1941, por Neves (2004) e ainda por Cascudo (1957), ressaltando, de forma genérica essa característica — paternalista e conflituosa — no conjunto de relações estabelecidas e alimentadas pelos pescadores.

Entretanto, é importante lembrar que a ideia inicial do empreendedor não era a construção da Vila, o que só veio à tona após várias negociações. Não obstante, sua construção representou o maior marketing para o turismo e o veraneio no Cumbuco, convidando “os civilizados [turistas europeus] a descobrirem este paraíso¹⁷⁰” que, além do sol eterno, das águas tépidas e dos bons ventos, oferecia contato com uma vila de pescadores, presenciando suas práticas, seus costumes, e todo um leque de experiências com uma comunidade tradicional e seu modo de vida específico. Um exemplo desse marketing foi o próprio hotel Saint Tropez des Tropiques que, mesmo sendo cinco estrelas, tinha seus quartos em formato de cabanas, também chamados de bangalôs¹⁷¹, com teto de palha para dar o caráter rústico, fazendo referência às tradicionais moradias de pescadores.

¹⁶⁸ Um colunista do Jornal O POVO, possuidor de uma residência no Cumbuco e investidor da localidade, nomeia o empreendedor de o “Pai da praia” (O POVO, 14 outubro de 2010).

¹⁶⁹ Fato anunciado do primeiro capítulo.

¹⁷⁰ Folder da operadora de turismo El Condor, reproduzido em O Povo, 12 de agosto de 1988.

¹⁷¹ O Povo, sexta-feira, 22 de setembro de 1989.

Figura 26 – Cabanas do Hotel Saint Tropez des Tropiques



Fonte: O Povo (1989).

Um dos folders do Loteamento Praia do Cumbuco, destacado anteriormente, apresenta a seguinte passagem:

Tudo isto é o Cumbuco, a sua praia. É o lugar onde você vai ser feliz. No Cumbuco você entra em profunda comunhão com o planeta e leva uma vida ao natural. Você vai se dourar sob um sol generoso porque sempre é verão. Você vai comer um peixe fresquinho que as jangadas trazem ao final das tardes. Você vai tomar água de coco colhido na hora.

Antes mesmo do início das obras de construção da Vila, o empreendedor levava prováveis investidores e possíveis compradores do futuro loteamento para conhecerem o Cumbuco e terem contado com o modo de vida dos cumbuqueiros, estes muitas vezes comparados com índios, como aponta uma idosa cumbuqueira.

Além do marketing, os empreendimentos no Cumbuco foram benquistos por uma parte da opinião pública e pela mídia¹⁷² da época, pois, afinal de contas, os

¹⁷² Em dia 18 de junho de 1989, um artigo do jornal O POVO transcrevia as palavras do empreendedor que afirmara ter sido a construção da Vila o “primeiro projeto de desfavelamento no Brasil” (PEREIRA, 2012, p. 237).

cumbuqueiros conseguiram permanecer, pelo menos naquele momento, em uma parcela de seu território original, o que foi considerado pela mídia — como já dito anteriormente — um “exemplo de como *organizar* uma sociedade pobre, sem criar problemas sociais” (O POVO, 30 de novembro de 1979, grifo nosso).

Pinho (1981, p. 16-17), já naquele momento, percebera que a “doação” das casas, como até hoje é divulgado e como consta na escritura das residências, representou “[...] mais uma estratégia para o aumento da valorização de terrenos utilizados pelos especuladores imobiliários [...]”. Todavia, é bom salientar que no momento que são questionados sobre o processo de doação das casas, os cumbuqueiros sempre destacam que as casas foram trocadas por suas antigas moradias e vazantes, não sendo meramente doadas. Ainda tratando da “doação” das residências, Pinho (1981, p. 35) transcreve o relato de um cumbuqueiro: “eles falam que aqui foi dado, mas não foi não, porque aqui, no Cumbuco velho, cada um de nós tinha sua casinha, seus esquerais, aí apareceu este doutor e foi comprando por mais ou nada”.

Gonçalves (2007), fazendo um panorama sobre a temática ambiental nos artigos do Jornal O Povo, apresenta uma reportagem denominada “Pobres e Ricos têm culpa na devastação”, de 6 de junho de 1989, noticiando a primeira Conferência Estadual do Meio Ambiente. A reportagem chamava a atenção para as manifestações da sociedade contra empreendimentos predatórios no litoral cearense, comentando também uma carta aberta divulgada por um partido político, que, além de outras coisas, criticava o fato de o hotel Saint Tropez des Tropiques transformar a praia do Cumbuco em uma *colônia de férias* exclusiva para turistas europeus. As amenidades naturais e a Vila eram as principais atrações.

É de conhecimento de todos no Cumbuco uma pequena desavença entre duas idosas cumbuqueiras que disputam o título de primeira professora do Cumbuco, pois a senhora que detém tal título, desde a chegada do empreendedor, recebe turistas e visitantes, de modo geral, para contar como era a escola antes e depois da construção da Vila. Ainda nos dias de hoje, mesmo que de forma menos organizada, o visitante que procura conhecer a história (oficial) do Cumbuco é levado ao encontro de pessoas que desde a construção da Vila desempenham o papel de contar uma série de narrativas sobre o Cumbuco.

Esses narradores selecionados também ajudaram a divulgar a história oficial do Cumbuco, como se pode observar na afirmação de uma cumbuqueira, ao descrever a chegada de visitantes trazidos pelo empreendedor antes da construção da Vila: “quando o doutor [...] trazia o povo [...] aí eu pegava e mandava os meninos sentarem no chão, mas tinham as cadeiras né. Os homens diziam assim: — Mas que escola pobre é essa? E esse prefeito o que é que está fazendo que não trouxe as cadeiras?”

A própria casa de palha onde funcionava a escola do Cumbuco foi mantida após a construção da Vila para mostrar aos visitantes “a grande transformação física” pela qual tinha passado a antiga comunidade (PINHO, 1981, p.01).

Vale destacar que, durante a preparação do documentário sobre o Cumbuco, referido anteriormente, “naturalmente” se indicavam esses históricos narradores para as entrevistas. Essa circunstância, mesmo diante das limitações, não impossibilitava uma entrevista carregada, também, de críticas a todo o processo ocorrido, tanto pela relação paternalista/conflituosa destacada antes, como também pelo fato da memória ter uma relação direta com o presente, como nos indica Bosi (2010), que propiciava aos referidos cumbuqueiros uma espécie de avaliação pessoal de tudo o que ocorreu confrontado com a realidade atual¹⁷³.

Em outras comunidades pesqueiras marítimas do estado do Ceará sabe-se que os fatos ocorreram diferentemente. Lima M. (2002) destaca que algumas comunidades conseguiram formar um forte movimento em torno da iniciativa comum de garantir a manutenção de seus modos de vida, articulando-se interna e externamente a outras comunidades que enfrentavam os mesmos problemas, de modo a formar verdadeiras frentes de luta e resistência.

Entretanto, no Cumbuco, os processos se deram de maneira um pouco distinta do que aconteceu em outras comunidades do litoral cearense, pois, em grande parte dos casos, o especulador chegara com uma escritura, por vezes de caráter duvidoso, reivindicando toda a área ou parte dela onde viviam tais comunidades e exclamando que as famílias — viventes naquelas terras há gerações — teriam de deixar suas casas e procurar um novo local para morar, como foi pessoalmente visto na comunidade de Caetanos de

¹⁷³ Neves (2004, p. 50), destaca que “[...] certas relações paternalistas que almejam e realizam a deferência, não são capazes de impedir atos de rebeldia, ou, como é o caso, de denúncia contra aqueles mesmos que lançam suas redes de assistência”.

Cima (Amontada–CE) e em Canto Verde (Beberibe–CE), por exemplo. No Cumbuco, porém, o empreendedor logo tratou de pedir o aforamento das terras e se articulou com órgãos públicos municipais, estaduais e federais¹⁷⁴, em prol do seu projeto de desenvolvimento do veraneio e da atividade turística no litoral de Caucaia.

Grande parte dos cumbuqueiros, mesmo não querendo sair de suas casas, o que gerou alguns conflitos individuais, como destacado, não se articularam ativamente no intuito de resistirem e logo ficaram desacreditados com toda a legitimação dada pelos órgãos oficiais. Tal realidade foi fundamental para a dissolução da identidade dos cumbuqueiros com o passar dos anos, pois, como afirmam Bonnemaison (2002) e Diegues (1996), a resistência, a partir dos conflitos com a sociedade urbana, é a maior reforçadora da identidade das comunidades tradicionais, no caso, das comunidades pesqueiras marítimas do estado do Ceará.

A Vila do Cumbuco transformou a histórica comunidade pesqueira marítima em uma paródia de si mesma, a partir de uma *teatralidade*¹⁷⁵ regulada e vendida tanto nos pacotes turísticos nacionais e internacionais quanto para o veraneio daqueles que sonhavam em passar seus fins de semana longe da rotina das metrópoles, contemplando a natureza e em contato direto com a vida pacata de uma vila de pescadores. Foi criada a *imagem* de que a Vila do Cumbuco era uma continuidade evoluída da antiga comunidade pesqueira marítima, agora livre dos males do passado, como a pobreza, dificuldade no acesso aos serviços de saúde, analfabetismo e isolamento.

Damiani (Mimeo, s/d – grifo nosso) afirma que a atividade do turismo é organizada integralmente, desde hotelaria, trajetos programados, diversões e paisagens escolhidas e administradas. Mediante um “jogo de imagens e palavras, envolvendo coisas e pessoas, monta-se o cenário, *não necessariamente coincidente com o real*”.

Um novo Cumbuco foi “inventado”, na acepção de Hobsbawm (1984), não no sentido de se buscar tradições remotas que se perderam nas brumas do tempo histórico, mas a partir de uma *continuidade artificializada* de todo um leque de costumes e práticas

¹⁷⁴ Como foi destacado no segundo capítulo, órgãos como Governo Municipal de Caucaia, Governo do estado do Ceará e Companhia dos Portos participaram das negociações para o que denominamos de “Planos para o Cumbuco”, além de várias contrapartidas oferecidas pela Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB), pelo Ministério do trabalho, pelo Governo Municipal de Caucaia e pelo Governo do Estado do Ceará na ocasião da construção da Vila.

¹⁷⁵ Ver Martins (2000) e Alfredo (2001).

que caracterizavam um modo de vida que até aquele momento se conservara/adaptara, mas que acabara de ser *estilhaçado* pela força do espaço abstrato, sendo vendido como *mercadoria* nos pacotes turísticos.

Para Carlos (1996, p. 109, grifos da autora) o turismo

Transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer ilusório, onde o espaço se transforma em cenário, “espetáculo” para uma *multidão amorfa* através da criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, deste modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação.

Esse fato tornou imprescindíveis as argumentações do terceiro capítulo no tocante à captura do tempo livre e aos demais fatores que transformam o espaço, o tempo e o desejo nas *novas raridades* do mundo moderno, passando a ser controlados e dirigidos ao consumo, transformando a própria vida em mercadoria.

O território de uso da comunidade pesqueira marítima foi estilhaçado em vários percursos e em diversas atrações para os turistas, veranistas e investidores.¹⁷⁶ Os cumbuqueiros foram *separados* de sua *obra*¹⁷⁷, no sentido de Debord (1997)¹⁷⁸, uma separação entre a atividade real e sua respectiva representação, em que as relações concretas com o território de uso por eles construídas foram substituídas por uma série de relações *simuladas* e *abstratas*, reguladas em prol das atividades econômicas ali instaladas. O Cumbuco se tornou um reflexo infiel dos cumbuqueiros.

Os cumbuqueiros, entretanto, não são simplesmente os vitimizados de um jogo de relações que os segregam para o deleite das camadas economicamente superiores da sociedade. Bauman (1999) chega a classificar os turistas como seres *emancipados*, pois deteriam o controle da mobilidade e dos fluxos, podendo vivenciar até uma suposta já comentada desterritorialidade. Todavia, nessa sociedade encurralada entre o político e o econômico, os próprios desejos dos turistas são *controlados* e os destinos predeterminados

¹⁷⁶ Todavia, ressalta-se novamente que, mesmo estilhaçado, o cumbuco é permeado pela coexistência de várias temporalidades históricas, apresentado uma gama de vestígios de sociabilidades anteriores, como apresentado no início deste quarto capítulo.

¹⁷⁷ “A obra desaparece frente ao produto.” (LEFEBVRE, 1972, p. 38).

¹⁷⁸ Ver também Martins (2000) e Jappe (2008).

e estilizados numa série de roteiros e city tours, onde a lógica preponderante é “conhecer” o maior número de locais possíveis no transcorrer do pacote comprado. Não existe tempo para uma construção de relações concretas com o lugar, mas sim apenas para o estabelecimento de uma série de relações efêmeras e sem espessuras. Jappe (2008, p. 52) trabalhando com o pensamento de Debord, afirma que “[...] as próprias classes dominantes perderam completamente o domínio; a disputa limita-se agora a encontrar um lugar mais confortável na alienação geral”.

Convém ressaltar que não se tem o objetivo de defender a não existência de problemas no Cumbuco antes da construção da Vila, pois, mesmo que até décadas passadas o litoral cearense fosse muitas vezes um *sinônimo de liberdade*, para vários agrupamentos humanos há muito tempo não era inteiramente entendido pelas afirmações que descrevia o pescador como um homem livre e desprovido de mazelas sociais que afetavam os sertões, a exemplo do latifúndio, da seca e da fome.

Os anos de 1910 e 1920, por exemplo, foram marcados pela consolidação do pescado como mercadoria, marcando o surgimento dos marchantes, que praticamente ficavam com todos os ganhos das pescarias, fato que levou quatro pescadores cearenses, em 1941, a viver uma famosa saga de 61 dias em uma pequena jangada de piúba rumo a até então capital federal (Rio de Janeiro). O intuito era sensibilizar o presidente Getúlio Vargas a respeito da ausência de leis de amparo ao pescador e, principalmente, denunciar as práticas tanto dos marchantes — que comercializavam o pescado, colocando-se entre o pescador e o mercado consumidor — como também dos donos de jangada, que recebiam metade da produção mesmo ficando no seco (NEVES, 2004)¹⁷⁹.

Segundo Pinho (1981), na época do Cumbuco Velho havia somente um marchante que monopolizava todo o comércio do peixe, que exigia obediência dos pescadores, os quais, por sua vez, não podiam vender sua produção para outros intermediários nem determinar o preço do pescado. Nesse sentido, a produção era levada

¹⁷⁹ Com base em algumas informações de Brígido (1979), observa-se, ainda em 1810, a subordinação dos pescadores residentes nas proximidades de Fortaleza como uma das estratégias para assegurar a alimentação de seus cidadãos, mediante uma regulamentação jurídica que interferia na venda da carne por meio de uma taxa e da ingerência na venda da farinha para os pescadores, e ainda mediante uma série de imposições/normatizações que interferiam diretamente na prática da pesca. Ver também em Dantas (2002).

para Caucaia, todavia os pescadores não tinham a certeza do pagamento, pois caso o peixe apodrecesse ou acontecesse qualquer outro contratempo o pescador ficava no prejuízo.

Até os finais da década de 1970, as lutas dos pescadores eram referentes ao mar. Todavia, com a referida modernização seletiva, os conflitos começaram a se dar também no seco, dificultando mais ainda a reprodução da vida e a manutenção do modo de vida das comunidades pesqueiras marítimas do Ceará.

Contudo, a Vila, que por muitos anos foi a principal catalisadora do veraneio e do turismo no Cumbuco, como acabou de ser destacado, vem sendo encarada em anos recentes como um problema para os gestores e investidores em geral, pois essas atividades econômicas se solidificaram e conseguiram se desvincular, mesmo que ainda de forma ambígua, da venda da antiga imagem local e agora começam a vender a imagem de um Cumbuco consolidado por um turismo de alto nível e um veraneio composto por grandes condomínios, além toda uma infraestrutura que vem em auxílio desses grandes investimentos hoteleiros e imobiliários. Até porque, diante da realidade atual, a venda da imagem de uma pequena vila de pescadores e seu modo de vida específico está se tornando impraticável.

Nesse sentido, as pequenas casas precárias e amontoadas da Vila, as quais ainda permanecem sob a posse dos cumbuqueiros, começam a ser encaradas como um fator limitante a ser superado, tornando-se mote para uma série de obras que visam a *requalificação* da Vila do Cumbuco, como: saneamento básico, abastecimento de água, drenagem, reforma da praça¹⁸⁰, pavimentação, entre outras.

Para Antônio Câmara, sócio-proprietário da Cameron, e para Carlos Fiúza, superintendente da Diagonal, as obras de requalificação da Vila representaram um dos motivos que levaram as suas empresas a voltar a investir no Cumbuco (DIÁRIO DO NORDESTE, 22 de outubro de 2011).

Em algumas das conversas informais com os membros da diretoria da colônia, no início de 2011, durante a construção do documentário citado anteriormente, foram relatadas algumas reuniões ocorridas com representantes da prefeitura de Caucaia, onde foi

¹⁸⁰ Segundo reportagem do Jornal O Povo de 31 de novembro de 2011, a Praça do Cumbuco “ganhará novo projeto arquitetônico, com paisagismo e espaço para diversão, entretenimento e compras. Lojas de grifes famosas serão instaladas no espaço.” (O POVO, 31 novembro 2011).

destacado que a ideia dos gestores era transformar o Cumbuco numa próxima Pipa¹⁸¹. E no mês de setembro do mesmo ano, o Jornal Diário do Nordeste apresentou uma reportagem em que os próprios investidores e representantes de incorporadores apontavam o Cumbuco como uma “futura Pipa”, destacando principalmente os fluxos turísticos, investimentos e a vida noturna da praia¹⁸² (DIÁRIO DO NORDESTE, 8 setembro. 2011).

¹⁸¹ Praia Localizada no município de Tibau do Sul, no estado do Rio Grande do Norte.

¹⁸² Segundo outra reportagem do Jornal Diário do Nordeste, o Cumbuco no período da noite “ganha ares de via de cidade grande, com lazer sem hora para terminar e com restaurantes de cozinha que em nada ficam a dever aos situados nas grandes metrópoles” (DIÁRIO DO NORDESTE, 27 de novembro de 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou entender a (re)produção do litoral cearense e do Cumbuco em especial a partir do que se denominou modernização seletiva do litoral, que se realiza por meio do turismo e da urbanização, no contexto tanto da procura de novos territórios e setores para a acumulação capitalista como também da subordinação do tempo livre e das demais relações sociais que escapavam à lógica da (re)produção das relações de produção capitalistas. Tal procura se estende ao próprio entendimento da produção do espaço, que traz consigo o debate da produção *per se*, a qual vai além da dicotomia entre infraestrutura e superestrutura, sendo entendida como produção de coisas, obras, ideias, ideologias, consciência, ilusões, entre outros.

Constatou-se que, no âmbito da aparência, o Cumbuco se destaca como um dos principais receptores de turistas no estado do Ceará, fenômeno contemporâneo ao processo de urbanização presente desde o final da década de setenta no litoral cearense. Entretanto, tal processo esconde uma realidade na qual a comunidade foi *estilhaçada*, e os cumbuqueiros que não foram habitar outras paragens do litoral cearense e nordestino foram transferidos para uma vila que ficou conhecida como Vila do Cumbuco. A Vila, que fora um dos principais catalisadores do turismo e do veraneio do Cumbuco, constituiu-se uma paródia da antiga comunidade e as relações concretas com o território de uso foram substituídas por uma série de relações simuladas e abstratas, vendidas como mercadorias para turistas, veranistas e investidores.

De catalisadoras, as pequenas, espremidas e precárias casas da Vila que ainda se encontram habitadas por cumbuqueiros, passaram, em anos recentes, a ser consideradas como um fator problema para gestores e investidores. Nesse sentido, foram tomadas medidas que visam uma requalificação do Cumbuco, abrindo caminho para a possibilidade de construção de um futuro onde os cumbuqueiros que ainda residem na Vila se juntarão aos outros que nos últimos decênios estão se re-territorializando em localidades próximas ao Cumbuco, como o Parazinho, por exemplo, mesmo que estes últimos ainda tenham suas vidas diretamente vinculadas à localidade praiana.

Não se pode deixar de destacar que, mesmo com o espírito crítico e saudosista, muitos cumbuqueiros afirmam que as mudanças apresentaram, de modo geral,

características positivas, pelo acesso às facilidades da sociedade urbana, pela oferta de serviços básicos e, principalmente, pelas possibilidades de emprego em uma das atividades econômicas ali instaladas.

Os cumbuqueiros e os demais habitantes do litoral cearense, como se destacou anteriormente, já não eram tão bem entendidos nas descrições que os caracterizavam como homens livres de males sociais, principalmente pelos seguintes motivos: subordinação aos marchantes e aos donos das embarcações; consequências da pesca predatória; ausência de leis e políticas de amparo ao pescador artesanal ante a pesca industrial; “abandono” dos gestores em nível municipal, estadual e federal.

Harvey (2005) aponta que o próprio *enredo da modernização* e da espoliação dos territórios se estabelece de forma bastante complexa, por conta, tanto das realidades sociais precedentes — como no contexto acima descrito —, quanto pelo grau de dependência que ele gera. Como exemplo dessa dependência destaca-se o fato de que após a construção da Vila e o conseqüente fim das vazantes e das criações de pequenos animais que complementavam a subsistências das famílias, além do agravamento das problemáticas na pesca — principalmente no contexto em que os pescadores vêm todos os ganhos irem parar nas mãos dos marchantes e dos donos das embarcações —, muitos cumbuqueiros optaram por trabalhar de zelador, porteiro, camareiro, entre outras profissões oferecidas, à procura de certa melhoria diante dessa situação.

É destacado, ainda, em Harvey (2005), que o grau de dependência chega a tal ponto que, mantendo a lógica da reprodução das relações sociais de produção existentes, uma saída desses investimentos poderia acarretar complicações ainda maiores que o próprio processo de espoliação.

Contudo, recuperando a questão levantada na epígrafe e as argumentações construídas no decorrer da presente pesquisa, acredita-se ser necessária a superação dessa ideologia do crescimento meramente econômico e quantitativo, o que Lefebvre (1972, p. 12, grifo nosso) vai chamar de “objetivo racional do *crescimento* indefinido”. Um crescimento divorciado do *desenvolvimento* (qualitativo), que abstratamente procura homogeneizar as relações sociais existentes, transformando-as em relações contábeis a partir da lógica da equivalência e convertendo-as em mercadorias.

O ponto central da argumentação do *estado crítico*, levantado no terceiro capítulo, é justamente a objetivação do crescimento indefinido que, ao invés de criar e enriquecer as relações sociais, subtrai suas qualidades e diferenças, subjugando a sociabilidade como um todo, em que todas as dimensões da vida são encurraladas entre o político e o econômico.

Lefebvre (1972), com o objetivo de acabar com a indiferença entre crescimento e desenvolvimento, afirma que este último requer, também, o enriquecimento das relações sociais, a criação de valores, os modos de vida, os estilos — criação de *diferenças*.

O próprio foco dado ao econômico não foi motivado simplesmente pela orientação metodológica da pesquisa, pelo contrário; inicialmente, quando ainda se acreditava que o Cumbuco se concretizava como comunidade pesqueira marítima, pretendia-se fazer uma análise com base na constituição do lugar, da apropriação, das resistências e das relações que escapavam das imposições do espaço abstrato. Todavia, no decorrer da investigação, verificou-se que o Cumbuco há muito não se constituía como comunidade, mesmo com a coexistência de várias temporalidades históricas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. A apropriação do território no Brasil colonial. In: CASTRO, Iná Elias de (Org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. p. 197-245.
- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e sociedade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.
- AGLIETTA, Michel; BERREBI, Laurent. Introduction générale. In: **Désordres dans le capitalisme mondial**. Paris: Odile Jacob, 2007. p. 7-10.
- ALFREDO, Anselmo. Geografia do turismo. A crise ecológica como crítica objetiva do trabalho. O turismo como “ilusão necessária”. **GEOUSP: espaço e tempo**, nº 9, 2001, p. 37-63.
- ALMEIDA, Diego Gadelha. **Indústria e Reestruturação Sócio-Espacial: a Inserção de Sobral (CE) na Divisão da Produção Calçadista**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.
- ALVES, Glória da anunciação. A mobilidade/imobilidade na produção do espaço urbano. In: Ana Fani A. Carlos; Marcelo Lopes de Souza; Maria Encarnação Beltrão Spósito (Org.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 109-122.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 2003.
- ARAGÃO, Raimundo Freitas. **Das práticas marítimas modernas à elaboração da imagem turística de Fortaleza/Ceará**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio-Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- ARAÚJO, Enos Feitosa de. **O Turismo na MetrÓpole: as implicações espaciais no Litoral de Caucaia-Ce**. Monografia (Graduação em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- ARAÚJO, Enos Feitosa; PEREIRA, Alexandre Queiroz. O turismo e a valorização do litoral metropolitano: espacialidade turística em Caucaia-ce. **RA'E GA**, v. 1, p. 78-104, 2011.
- ARAÚJO, Thatiane Maria Souza. **Plantas Exóticas na APA do Lagamar do Cauípe – CE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Integrado do turismo Sustentável do Polo Costa do Sol**. Fortaleza, 2004. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/gerados/pdits_ceara.asp>. Acesso em: 22 out. 2011.

_____. **Polo Ceará Costa do Sol.** Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/polos/gerados/prodetur_polos_ceara.asp>. Acesso em: 5 out. 2010.

_____. **Relatório final do PRODETUR NE.** Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/docum_9_pcr_i.pdf> Acesso em: 05 out. 2010.

BARROSO, Gustavo. **Praias e várzeas; Alma sertaneja.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BECKER, Berta K.; EGLER, Claudio A. G. **Brasil: uma nova potência regional na economia mundo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BENEVIDES, Ireleno Porto. **Turismo e o Prodetur: Dimensões e olhares em parceria.** Fortaleza: Edições UFC, 1998.

_____. A Política de Turismo no Ceará e a Capacitação. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 14, p. 31-44, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A Metrópole Emergente: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza.** Fortaleza: Editora UFC/Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2004.

BESERRA, Fábio Ricardo. **Espaço, indústria e reestruturação do capital: a indústria de calçados na Região do Cariri – CE.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: UERJ, 2002. p. 83-131.

BRASILEIRO, Lúcio. Quem diria, três melhores. **O POVO**, Fortaleza, 14 out. 2010. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/luciobrasileiro/2010/10/14/noticiasluciobrasileiro,2052353/quem-diria-tres-melhores.shtml>> Acesso em: 27 jun. 2012.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista.** São Paulo: Ática, 1973.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço-tempo na metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

_____. **O Espaço Urbano.** Novos Escritos Sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. De la “geografía de la acumulación” a la “geografía de la reproducción”: un diálogo con Harvey. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica:** Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008.

_____. **A Condição Espacial.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Jangadeiros.** Série Documentário da Vida Real, nº 11, Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1957.

_____. **Jangada: uma pesquisa etnográfica.** São Paulo: Global, 2002.

CEARÁ vai ter floresta Atlântica. **O POVO**, Fortaleza, 19 out. 1986.

CEARÁ. **Plano de Mudanças:** juntos mudando o Ceará – 1987/1990. Fortaleza: Secretaria de Planejamento, 1987.

CEARÁ enaltecido nacionalmente. **O POVO**, Fortaleza, p. 6, 12 ago. 1988.

CHESNAIS, François. Novo capitalismo intensifica velhas formas de exploração. **Folha de São Paulo**, p. 4, 2 nov. 1997.

CONSTRUTORA CUMBUCO LTDA. **Convite de inauguração da colônia de pescadores Z-7 de Cumbuco.** Fortaleza, 1978.

_____. **História resumida do Cumbuco.** Fortaleza, 1997.

CORBIN, Alain. **O território do vazio** – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Turismo, Territórios e Sujeitos nos Discursos e Práticas Políticas.** Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – NPGeo, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2004.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; FERNANDES; Laura Mary M. Turismo: Ações e contradições da Realidade Cearense. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (Org.). **Ceará: um novo Olhar Geográfico.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 399-407.

COSTA de Caucaia devastada com aval do extinto IBDF. **O POVO**, Fortaleza, 6 jul. 1989.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

CUMBUCO vai a Cannes. **O POVO**, Fortaleza, p. 4, 12 out. 1986.

CUMBUCO volta a atrair atenção de construtoras. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 8 set. 2011. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1038397>>. Acesso: 22 out. 2011.

DAMIANI, Amélia Luisa. **A cidade (des)ordenada**. Concepção e cotidiano no Conjunto Itaquera I. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. Geografia Política e Novas Territorialidades. In: Pontuschka, Nídia Nassib; Oliveira, Ariovaldo Umbelino (Org.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 17-26.

_____. **Cotidiano e Turismo**. (Mimeo, s/d)

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista**. Estudo da Maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

_____. Histórico da Ocupação da Zona Costeira. In: CAMPOS, Alberto Alves (Coord.) et al. **A Zona Costeira do Ceará: Diagnóstico para a Gestão Integrada**. Fortaleza: Aquasis, 2003. p. 140-151.

_____. “Litoralização” do Ceará: Fortaleza, da “Capital do Sertão” a “Cidade do Sol”. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (Org.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão gráfica, 2006. p. 245-252.

_____. O Pescador na Terra. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Org.). **Ceará: um novo Olhar Geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 15-27.

_____. **Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **Geografia do Litoral [Disciplina]**. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, 2010.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

_____. **In girum immus nocte et consumimur igni**; Crítica da separação. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010.

DE PAULA, Edson Oliveira; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Moradores da praia: reflexões sobre as formas de habitação no litoral de Caucaia-CE. In: **12 Encuentro de Geógrafos da América Latina**. Montivideo: Anais do 12 Encuentro de Geógrafos da América Latina. Montivideo, 2009. p. 1-15.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. **Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

_____. **O Mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

_____. Aspectos Sócio-Culturais e Políticos do uso da Água. In: **Plano Nacional de Recursos Hídricos**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

DOIS mestres na arte de reflorestar. **VEJA**, São Paulo, n. 962, p. 67, 11 fev. 1987.

ECOLOGIA e desenvolvimento. **O POVO**, Fortaleza, 30 out. 1987.

ELIAS, Denise. A Atividade Agropecuária do Estado do Ceará no Contexto da Globalização. In: AMORA, Zenilde Baima (org.). **Ceará: Enfoques Geográficos**. Fortaleza: Funece, 1999. p. 43-72.

_____. A Integração Competitiva do Semi-árido Cearense. In: ELIAS, Denise; SAMPAIO, José Levi Furtado (org.). **Modernização Excludente**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. p. 11-36.

_____. Reestruturação produtiva da agricultura cearense: rumo à desintegração competitiva e à fragmentação do espaço agrário. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (org.). **Ceará: um novo Olhar Geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 429-461.

FAUSTO, Ruy. **Dialética Marxista, Dialética Hegeliana: A Produção Capitalista como Circulação Simples**. São Paulo: Paz e Terra/Brasiliense, 1997.

GONÇALVES, Janayde de Castro. Meio ambiente no jornal O Povo: de 1976 a 1997. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação**, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1320-1.pdf>> Acesso em: 5 out. 2010.

GONZÁLEZ, Horácio. **O que é Subdesenvolvimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de Exclusão. In: Iná de Castro; Roberto Lobato Corrêa; Paulo César Gomes (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 165-205.

_____. **Territórios Alternativos**. São Paulo e Niterói: Contexto e EdUFF, 2002.

_____. Precarização, Reclusão e "Exclusão" Territorial. **Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 23, p. 35-51, 2004.

_____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005. p. 6774-6792.

_____. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

_____. Dilema de Conceitos: Espaço-Território e Contenção Territorial. In: Saquet, Marcos Aurélio; Sposito, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 95-120.

_____. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 5º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

HARROP, Roberto. **Origem do Nome Cumbuco** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <eidercavalcante@yahoo.com.br> em 04 mar. 2011.

HARVEY, David. The Geography of Capitalist Accumulation: A Reconstruction of the Marxian Theory. **Antipode**, v. 7, n. 2, p. 9-21, 1975.

_____. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Anablume, 2006.

_____. The Right to the City. **New Left Review**, Londres, v. 53, p. 23-40, 2008.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914–1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Introdução: A Invenção das Tradições. In: Eric Hobsbawm & Terence Ranger. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INVESTIMENTOS imobiliários atraem turistas e cearenses. **O POVO**, Fortaleza, 31 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2011/10/31/noticiasjornaleconomia,2325712/investimentos-imobiliarios-atraem-turistas-e-cearenses.shtml>>. Acesso em: 16 maio 2012.

INSTITUTO CENTRO DE ENSINO TECNOLÓGICO. **Estudo de Impacto Ambiental – EIA**. Complexo Industrial do Pecém – CIP. São Gonçalo do Amarante e Caucaia – Ceará. Fortaleza, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil básico municipal de Caucaia**. Fortaleza, 2008.

_____. **Sistema de informação Geográfica (SIG) como ferramenta de apoio à gestão pública**: Caso do Município de Caucaia – CE. Fortaleza, 2008b.

JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Lisboa: Antígona, 2008.

KNAFOU, Remy. Turismo e território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **El manifiesto diferencialista**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1972.

_____. **A reprodução das relações de produção**. Porto: Escorpião, 1973.

_____. Perspectivas da sociologia Rural. In: Martins, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São .: Hucitec, 1986a.

_____. Problemas de sociologia rural In: Martins, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986b.

_____. **Lógica forma/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1987.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução urbana**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2004.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea. Do núcleo de Geografia urbana da UFMG (Do original: La producion de l’ espace, 4ª éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início de 2006.

_____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

_____. Da teoria das crises à teoria das catástrofes. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 25, p. 138-152, 2009.

_____. O Espaço e o Estado. In : LEFEBVRE, Henri. **De l'État**. Tome VI. Paris: Union Générale d'Édition, 1976. p. 259-324. Tradutor e ano da tradução desconhecidos. (Mimeo, s/d)

LIMA, Barbara Kelly Silva. **Paisagem**: Fonte de exploração do turismo – Praia do Cumbuco/CE. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LIMA, Josael Jairo Santos. **Turismo sustentável, alternativa de desenvolvimento local e conservação ambiental**. Uma análise interdisciplinar do Prodetur – CE. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, Maria do Céu de. **Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará: território, costume e conflitos**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. Pescadoras e Pescadores artesanais do Ceará: modo de vida, confrontos e horizontes. **MERCATOR**, Fortaleza, v. 05, n. 10, p. 39-54, 2006.

_____. Comunidades Pesqueiras Marítimas do Ceará: mariscando resistências. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (Org.). **Ceará: um novo Olhar Geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 281-299.

LIMA, Luis Cruz. Redes de integração do território cearense: dos caminhos da pecuária às estradas virtuais. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (Org.). **Ceará: um novo Olhar Geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 33-50.

LIMA, Simone Eugênia. **Os impactos da implantação de uma infra-estrutura turística rodoviária – Ponte do Rio Ceará**. Monografia (Especialização em Avaliação Ambiental) – Centro de Treinamento e Desenvolvimento, Universidade Federal do Ceará, 2004.

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal**: por uma antropologia do litoral do Nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

NÚMEROS do Litoral Oeste. **O POVO**, Fortaleza, 22 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/verticals/a/2011/07/22/noticiasverticalsa,2270098/numeros-do-litoral-oeste.shtml>>. Acesso: 16 mai. 2012.

MADRUGA, Antônio Moacyr. **Litoralização**: da fantasia de liberdade à modernidade autofágica. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MAGIS investe R\$ 50 mi no Cumbuco. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 15dez. 2011. Disponível: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1083650>>. Acesso em: 14 maio 2012.

MARTINS, José de Souza. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

_____. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O capital**. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Expressão popular: São Paulo, 2008.

MATTEDI, Maria Raquel Mattoso. Planejamento e gestão do turismo e meio ambiente na Bahia. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-21, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORADORES realizam manifestação contra construções na praia do Cumbuco. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 03 fev. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=168361&modulo=980>>. Acesso: 05 out. 2011.

MORAES, Lúcia de Fátima Sabóia. Privatização de espaços públicos pelo turismo e desterritorialização na Praia do Cumbuco, Ceará – Brasil. In: **12 Encuentro de Geógrafos da América Latina**. Montivideo: Anais do 12º Encuentro de Geógrafos da América Latina. Montivideo, 2009. p. 1-10.

_____. **Para onde sopram os ventos do Cumbuco?** Impactos do turismo no litoral de Caucaia, Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

MOREIRA, Ruy. A Diferença e a Geografia – O ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. In: **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 41-58, 1999.

_____. Da partilha territorial ao bioespaço e ao biopoder (sobre a atualidade da teoria clássica do imperialismo). In: SILVA, José Borzacchiello; LIMA, Luiz Cruz; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (Orgs.). **Panorama da Geografia Brasileira II**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 11- 27.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. Pertencer à nação brasileira: a jangada de São Pedro rumo à Capital Federal (1941). **Cadernos AEL: Populismo e Trabalhismo**, v. 11, n. 20/21, p. 41-81, 2004.

NORUEGUESES sofrem golpe na compra de apartamento. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 23 mar. 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/m/materia.asp?codigo=757579>>. Acesso: 16 maio 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

O RENASCER das alegrias e de todas as belezas. **O POVO**, Fortaleza, 30 nov. 1979.

PEREIRA, Alexandre de Queiroz. **Veraneio marítimo e expansão metropolitana no Ceará: Fortaleza em Aquiraz**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. **A urbanização vai à praia: contribuições da vilegiatura marítima à metropolização no Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PEREIRA JUNIOR, Edílson Alves. **Industrialização e reestruturação do espaço metropolitano: reflexões sobre o caso de Horizonte-Pacajus (CE)**. Fortaleza: Eduece, 2005.

PERON, Françoise. De La maritimité. In: PERON, Françoise; RIEUCAU, Jean. **La Maritimité Aujourd'Hui**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996. p. 13-27.

PESCADORES estão cada vez mais longe do mar. Pressionados, eles cedem espaço para mansões. **O POVO**, Fortaleza, p. 7, 7 de fev. 1986.

PINHO, Elizabeth Magalhães Martins. **A atuação do Capital imobiliário em um distrito pequeno Cearense**. Monografia (Graduação em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1981.

QUINTILIANO, Aridenio Bezerra; LIMA, Luiz Cruz. **Reestruturação socioespacial do Ceará: ações do Estado**. Fortaleza: Eduece, 2008.

RICARDO, David. Sobre os Salários. In: RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Nova Cultural, 1996. p. 93-107.

ROBIRA, Rosa Tello. Áreas metropolitanas espaços colonizados. In: CARLOS, Ana Fani. Alessandri, CARRERAS, Charles (Org.). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl**. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2001.

SAINT Tropez o primeiro cinco estrelas do litoral. **O POVO**, Fortaleza, p. 6, 22 set. 1989.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SEAP/IBAMA/PROZEE. **Monitoramento da atividade pesqueira no litoral nordestino**. Projeto ESTATPESCA, 2008.

SECRETARIA DE INFRAESTRUTURA DO ESTADO DO CEARÁ. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Caucaia: PDDU**. Fortaleza, 2002.

SECRETARIA DO TURISMO DO ESTADO DO CEARÁ. **Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável no polo Costa do Sol**. Fortaleza, 2003.

_____. **PRODETUR/NE II** – Resumo Executivo. Fortaleza, 2004.

_____. **Evolução recente do Turismo no Ceará**. Fortaleza, 2009a.

_____. **Indicadores turísticos 1995/2008**. Fortaleza, 2009b.

_____. **Rede hoteleira do Interior**. Fortaleza, 2009c.

_____. **Indicadores Turísticos 1995/2011**. Fortaleza, 2012.

SILVA, José Borzacchiello. A região metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderlei Correia (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2007. p. 15-24.

_____. Diferenciação socioespacial. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 89-100, 2007.

_____. Adeus SUDENE, que saudade de Celso Furtado! **MERCATOR**, Fortaleza, v. 16, n. 17, p. 25-32, 2009.

SILVEIRA, Bruno Rodrigues. **O MORAR PERMANENTE NA PRAIA: moradia e vilegiatura na localidade praiana do Icaraí – Ce**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SINGER, Paul. Impacto da crise no Brasil é "brutal". **Terra magazine**, 2009. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3609755-EI6579,00-Paul+Singer+Impacto+da+crise+no+Brasil+e+brutal.html>>. Acesso em: 21 jan. 2010.

TELES, Glauciana Alves. **Dinâmicas Metropolitanas Contemporâneas: Caucaia na Região Metropolitana de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2003.

TURISMO dos ventos. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 27 nov. 2009. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=697298>> Acesso em: 16 mai. 2011.

VIEIRA, Maria Elia. **Turismo, produção do espaço e desenvolvimento local no litoral oeste cearense – o caso do Cumbuco**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

VILA Galé terá expansão com lançamento de condo-hotel. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 fev. 2012. Disponível em:

<<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1095349>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

WAI wai valoriza potencial da Praia do Cumbuco. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 26 dez. 2011. Disponível: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1087498>>.

Acesso em: 14 maio 2012.

UM CANTINHO europeu no Ceará. **O POVO**, Fortaleza, 5 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/www/opovo/turismo/853253.html>>. Acesso: 16 maio 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



COLÔNIA DE PESCADORES ARTESANAIS PROFISSIONAIS
E AQUICULTORES DE CAUCAIA Z-7 CUMBUCO

Questionário

Localização da casa

Quarteirão: _____ Lote: _____

- 1) Qual foi a forma de aquisição do imóvel?
 - a) Recebeu uma casa da Vila
 - b) Herança
 - c) Construiu em um dos lotes que ficaram vazios
 - d) Comprou Ano da compra: _____ Valor: _____

- 2) Vendeu uma parte do lote ou cedeu para um membro da família?
 - a) Vendeu Ano: _____ Valor: _____
 - b) Cedeu
 - c) Continua com o lote total (180 m² e somente frente)
 - d) Cedeu uma parte e vendeu outra Ano: _____ Valor: _____

- 3) O uso do lote:
 - a) Residencial
 - b) Comercial Especificar: _____
 - c) Residencial e Comercial Especificar: _____

- 4) O lote original fora dividido em quantas partes? _____

- 5) Qual a profissão do chefe da família? _____

- 6) Algum membro da família é pescador?
 - a) Sim Quantos: _____
 - b) Não
 - c) Era pescador, mas mudou de profissão.
Grau de parentesco com o chefe de família _____

Se era pescador e trocou de profissão, qual a nova profissão exercida? _____

- 7) Composição familiar:

Quantas famílias moram na mesma residência? _____

Número de pessoas que moram no total? _____

- 8) Rendimento total da família em salários mínimos:
 - a) Menos de 1 c) 3 a 5 e) 10 ou mais
 - b) 1 a 3 d) 5 a 8

- 9) Dos filhos que formaram família.
 - a) Moram na casa dos pais.
 - b) Construíram um puxado no mesmo lote da residência dos pais.
 - c) Compraram outra casa no Cumbuco.
 - d) Foram morar em outro lugar. Onde? _____ Motivo: _____

- 10) Já tentaram comprar a casa?
 - a) Sim b) Não

Caso SIM, quanto ofereceram? _____

- 11) Você pensa em sair do Cumbuco?
 - a) Não b) Sim

Motivo: _____

ANEXOS

ANEXO A – Convite da inauguração da Vila do Cumbuco



CONSTRUTORA CUMBUCO LTDA.

r. Desembargador Moreira, 2800 - Dionísio Torres - Fone: PABX (085) 227-7458, FAX (085) 272-1270
 C G F 06.831.450-7 — C G C (M F) 05.528.203/0001-79 — CEP 60 170-002 — Fortaleza - Ceará

CAUCAIA-CE

ANEXO 10-A

**CONVITE DA INAUGURAÇÃO DA COLÔNIA
DE PESCADORES Z-7 DE CUMBUCO**






O Coronel Adauto Bezerra, o Comandante Paulo Gustavo da Silva Castro Pinto, o Engenheiro Danilo Dalmo da Rocha Correa, o Eng. Agrônomo Francisco Neves, o Sr. Francisco José Cavalcante e o Engenheiro João Bosco Aguiar Dias

Têm a honra de convidar V. Sa. e Exma. Família para a inauguração da COLÔNIA DE PESCADORES Z-7 DE CUMBUCO, em Caucaia, Ce., que é fruto de um trabalho conjunto do Governo do Estado do Ceará, Capitania dos Portos do Estado do Ceará, "MA-SINAB-APD", Prefeitura Municipal de Caucaia, Federação dos Pescadores do Estado do Ceará e do doador de parte dos recursos e do terreno, Eng. João Bosco Aguiar Dias.

Data: 07/JAN/78
 Hora: 16:00hs

Fonte: Colônia Z-Z Cumbuco